

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

POSLIN – Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos

Thais Torres Guimarães

Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais:
um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduições para o
português brasileiro

Belo Horizonte

2018

Thais Torres Guimarães

Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais:
um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduições para o
português brasileiro

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução – 3B

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Faculdade de Letras/UFMG

G963p

Guimarães, Thais Torres.

Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais [manuscrito] : um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduições para o português brasileiro / Thais Torres Guimarães. – 2018.

180 p., enc. : il., graf., tabs., p&b.

Orientadora: Adriana Silvina Pagano.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: p. 173-176.

Anexos: p. 177-180.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Ficção – Traduções para o português – Teses. I. Pagano, Adriana Silvina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais:
um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduações
para o português brasileiro**

THAIS TORRES GUIMARÃES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 29 de junho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana Silvana Pagano - Orientadora
UFMG

Prof(a). Igor Antônio Lourenço da Silva
UFU

Prof(a). Kícila Ferraguetti de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 29 de junho de 2018.

Agrradecimentos

Inicialmente, agradeço ao Universo pela oportunidade de chegar até aqui, de poder estar aqui e agora e por tudo o que está por vir.

Aos meus pais pela vida, pelo apoio incondicional, pela torcida e pela força de sempre.

Aos meus avós que não tiveram oportunidade de estudar, mas abriram os caminhos para que eu pudesse fazer isso até aqui. Espero tê-los honrado!

À Universidade Federal de Minas Gerais, à Faculdade de Letras, ao POSLIN por me permitirem realizar essa etapa acadêmica. A todos os professores que fizeram parte do meu mestrado.

À professora Adriana Pagano pela orientação, por todo o conhecimento transmitido e pela paciência.

Aos membros da banca, Kícila Ferregueti e Igor A. Lourenço da Silva.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Ao LETRA e aos colegas que fizeram dessa jornada acadêmica menos solitária e mais leve, principalmente a Adriana Alves, Nayara (obrigada pelas leituras superatentas, miga!), Aline, Norma, Júlia, Fran, Arthur e Rodrigo.

Aos amigos que de perto ou de longe torceram por mim e ao Lyon pelo carinho e a força nessa reta final.

Resumo

Esta dissertação, afiliada aos Estudos da Tradução, baseia-se na teoria Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) para apresentar um estudo sobre representação da fala em textos ficcionais. Foram analisados os padrões no uso de PROCESSOS VERBAIS e ORAÇÕES VERBAIS utilizados em diálogos ficcionais em textos originais em inglês e em suas traduções e retraduições para o português brasileiro. Foram também examinadas categorias narratológicas (RIMMON-KENAN, 2005) e relações de equivalência tradutória (CARTFORD, 1978; MATTHIESSEN, 2001) sob uma perspectiva contextual orientada pela teoria LSF (HALLIDAY, 1992). O objetivo foi verificar empiricamente se os resultados estavam de acordo com os obtidos por Pagano (2017): a) a chamada hipótese de retradução de Berman (1990), que prevê maior proximidade entre padrões de retraduições e textos originais, que entre esses e os padrões de primeiras traduções; b) diferenças na reconstrução de PROCESSOS VERBAIS na representação da fala entre primeiras traduções e retraduições; c) padrões de uso de verbos de representação da fala em relação ao contexto e ao metacontexto; d) impacto do gênero literário nas escolhas de ORAÇÕES VERBAIS nos textos originais e traduzidos. O *corpus* consistiu de amostras de seis textos ficcionais, originais em inglês e suas respectivas primeiras traduções e retraduições para o português brasileiro, sendo três textos representativos de “romances” e três deles de “romances policiais”. A metodologia incluiu extração de 10 amostras de aproximadamente 300 palavras de cada “romance” (original, primeira tradução e retradução) em excertos com diálogos; segmentação dos excertos em ORAÇÕES; identificação das ORAÇÕES VERBAIS; transcrição e alinhamento delas em planilhas eletrônicas com abas para cada texto; anotação das ORAÇÕES com categorias baseadas na LSF e na Narratologia; e extração dos dados utilizando o software e ambiente de programação R (R Core Team, 2018). Os resultados encontrados nesta pesquisa mostraram que nem todos textos estão de acordo com a chamada hipótese de retradução e assim ela não pode ser comprovada para este *corpus* (a). Os resultados apontaram para diferenças metacontextuais entre primeiras traduções e retraduições: as últimas selecionam com mais frequência Tipo de Verbo membro geral, PROCESSOS VERBAIS que realizam PROJEÇÃO e Função Semântica do tipo proposição que as primeiras (b). Os diferentes contextos dos dois sistemas linguísticos, inglês e português brasileiro, foram evidenciados pela maior ocorrência, em inglês, do verbo “say” em detrimento de outros verbos de representação da fala, do Tipo de Verbo membro geral e de CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando esse Tipo de

Verbo, em contraste às seleções em português brasileiro (c). Sobre o gênero literário, os resultados não foram conclusivos, uma vez que não há separação linguística evidente entre eles – textos com o mesmo rótulo apresentaram padrões de PROCESSO VERBAL distintos (d). Portanto, esta pesquisa apresenta algumas tendências similares às apontadas por Pagano (2017) e contribui para mostrar que componentes do sistema linguístico possibilitam a elucidação de atributos de contexto e metacontexto de textos traduzidos.

Palavras-chave: PROCESSO VERBAL. Representação da fala. Linguística Sistêmico-Funcional. Tradução. Textos ficcionais.

Abstract

This thesis, affiliated to the Translations Studies, draws on Systemic-Functional Linguistics (SFL) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) to report on a study of speech representation in fictional texts. It analyzes patterns of VERBAL PROCESSES and VERBAL CLAUSES used in fictional dialogue in original texts in English and their translations and retranslations into Brazilian Portuguese. It also examines Narratological categories (RIMMON-KENAN, 2005) and translation equivalence relations (CARTFORD, 1978; MATTHIESSEN, 2001) based on the SFL theory and on a contextual approach to translation equivalence (HALLIDAY, 1992). This study aims to empirically support Pagano's (2017) findings: a) the so-called Berman's (1990) retranslation hypothesis, which considers that retranslations are closer to the originals than first translations in terms of linguistic patterns; b) differences in the reconstruction of VERBAL PROCESS for speech representation in first translations and in retranslations; c) patterns of use of verbs for speech representation related to context and metacontext; d) literary genre's impact on VERBAL CLAUSES choices in original and translated texts. The *corpus* of this research comprises samples of six fictional texts, originals in English and their first translations and retranslations in Brazilian Portuguese, with three texts representative of "novels" and three of "detective novels". The methodology included: extracting ten excerpts of parts with dialogues approximately 300 words from each "novel" (original, first translation and retranslation); segmenting those excerpts into CLAUSES; identifying the VERBAL CLAUSES; coping, pasting and aligning these CLAUSES in electronic spreadsheets with tabs for each text; annotating the CLAUSES with categories pertaining to the SFL and Narratology; and then extracting data using the software and programming environment R (R Core Team, 2018). This research yielded results showing that not all texts are in accordance the so-called retranslation hypothesis, then it cannot be confirmed for this *corpus* (a). The results pointed to metacontextual differences in first translations and retranslations: the later selected the general member type of verb, VERBAL PROCESSES realizing PROJECTION and the semantic function proposition more frequently than the former (b). The different contexts of the two linguistic systems, English and Brazilian Portuguese, were showed by the predominance of the verb "say" rather than other verbs that represent speech, and the predominance of the general member type of verb and of CIRCUMSTANCES following that type of verb in English, when contrasted with Brazilian Portuguese (c). Regarding literary genre, the results were not conclusive as there is no clear

linguistic separation between them – text with the same label shows different VERBAL PROCESS patterns (d). Therefore, this research shows similar tendencies Pagano (2017) found and contributes showing that linguistic system components may elucidate context and metacontext attributes of translated texts.

Keywords: VERBAL PROCESS. Speech representation. Systemic-Functional Linguistics. Translation. Fictional texts.

Lista de abreviaturas e siglas

ATTWN – And Then There Were None

ING – Inglês

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

LA – Língua-alvo

LF – Língua-fonte

LJ – Lord Jim

GE – Great Expectations

GN – Grupo nominal

GV – Grupo verbal

PB – Português brasileiro

TA – Texto-alvo

TF – Texto-fonte

TM – The Thin Man

TO – Texto original

TT – Texto traduzido

TT1 – Primeira tradução

TT2 – Retradução

TSH – They Shoot Horses, don't they?

WH – Wuthering Heights

Lista de tabelas

Tabela 1 – Categoria equivalência nos “romances policiais”	80
Tabela 2 – Categoria equivalência nos “romances não policiais”	81
Tabela 3 – ORAÇÕES VERBAIS por texto	85
Tabela 4 – Verbos lexicais por “romance”	87
Tabela 5 – Frequência de verbo lexical “say” traduzido como “dizer”	94
Tabela 6 – Categoria Ordem de Dizer nos “romances policiais”	98
Tabela 7 – Categoria Ordem de Dizer nos “romances não policiais”	100
Tabela 8 – Categoria Recepção nos “romances policiais”	109
Tabela 9 – Categoria Recepção nos “romances não policiais”	110
Tabela 10 – Categoria Função Semântica nos “romances policiais”	117
Tabela 11 – Categoria Função Semântica nos “romances não policiais”	119
Tabela 12 – Categoria Tipo de Verbo nos “romances policiais”	127
Tabela 13 – Categoria Tipo de Verbo nos “romances não policiais”	132
Tabela 14 – Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos “romances policiais”	139
Tabela 15 – Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos “romances não policiais”	141
Tabela 16 – Tipo de verbo realizando a tradução de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA	142
Tabela 17 – Categoria nível narrativo nos “romances policiais”	144
Tabela 18 – Categoria nível narrativo nos “romances não policiais”	145

Lista de quadros

Quadro 1 – Exemplo de equivalência textual	33
Quadro 2 – Exemplo de mudança/ <i>shift</i>	34
Quadro 3 – PARTICIPANTES e tipos de PROCESSOS na ORAÇÃO VERBAL	41
Quadro 4 – Verbos lexicais em inglês que realizam PROCESSO VERBAL	42
Quadro 5 – Tipo de Verbo utilizados para PROJEÇÃO	43
Quadro 6 – Exemplos de Tipo de Verbo utilizados para PROJEÇÃO	44
Quadro 7 – Exemplos de PARTICIPANTES em PB	46
Quadro 8 – Exemplos das subcategorias de Ordem de Dizer em PB	47
Quadro 9 – Exemplos da categoria Função Semântica em PB	48
Quadro 10 – Exemplos da categoria Tipo de Verbo em PB	49
Quadro 11 – Tipos de CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação e testes gramaticais	51
Quadro 12 – Exemplos de CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação	52
Quadro 13 – <i>Corpus</i> de pesquisa	65
Quadro 14 – Exemplo de respostas para a identificação de uma ORAÇÃO VERBAL	68
Quadro 15 – Categorias gramaticais	71
Quadro 16 – Categorias narratológicas	75
Quadro 17 – Exemplo das subcategorias correspondência formal e mudança/ <i>shift</i>	76
Quadro 18 - Exemplo das subcategorias correspondência formal e não equivalência	77

Quadro 19 – Resumo das frequências da subcategoria mudança/ <i>shift</i> para TT1s e TT2s	81
Quadro 20 – Resumo das frequências de não equivalência para TT1s e TT2s	82
Quadro 21 – Resumo das frequências da subcategoria correspondência formal para TT1s e TT2s	83
Quadro 22 – Relação das subcategorias da categoria Equivalência e tipos de “romance”	83
Quadro 23 – Verbos lexicais variados mais frequentes (exceto “say” e “dizer”)	91
Quadro 24 – Verbos lexicais mais frequentes como tradução de “say”	96
Quadro 25 – Seleção de semiose projetante de citação indicativa na categoria Ordem de Dizer	99
Quadro 26 – Seleção da opção atividade de conversa na categoria Ordem de Dizer.....	103
Quadro 27 – Verbos lexicais realizando Ordem de Dizer ATIVIDADE no <i>corpus</i>	104
Quadro 28 – Verbos lexicais realizando Ordem de Dizer semiose projetante: citação e relato	106
Quadro 29 – Verbos lexicais que realizam Ordem de Dizer SEMIOSE verbiagem.....	107
Quadro 30 – Seleção da opção não recepção na categoria Recepção	112
Quadro 31 – Verbos lexicais realizando categoria Recepção.....	113
Quadro 32 – Verbos lexicais realizando categoria Função Semântica no <i>corpus</i>	121
Quadro 33 – Seleção da opção membro geral na categoria Tipo de Verbo	128
Quadro 34 – Seleção da opção verbo específico de demanda na categoria Tipo de verbo	128
Quadro 35 – Seleção da opção verbo com característica circunstancial na categoria Tipo de Verbo	129

Quadro 36 – Seleção de verbo de modo especificando conotação na categoria Tipo de Verbo	129
Quadro 37 – Seleção de verbo específico de fornecimento na categoria Tipo de Verbo	130
Quadro 38 – Verbos lexicais do <i>corpus</i> em relação à categoria Tipo de Verbo.....	133
Quadro 39 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer nos TOs	134
Quadro 40 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer nos TTs.....	135
Quadro 41 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Recepção.....	136
Quadro 42 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Função Semântica.....	137
Quadro 43 – CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbo do tipo membro geral	140
Quadro 44 – Frequência da categoria Ordem de Dizer em relação aos níveis narrativos 2 e 3	147
Quadro 45 – Verbos lexicais mais frequentes realizando PROCESSO VERBAL nos níveis 2 e 3	149
Quadro 46 - Diferenças contextuais entre sistemas do ENG (TO) e PB (TTs)	150
Quadro 47 - Padrões de representação da fala e diferenças metacontextuais entre TT1s e TT2s	150
Quadro 48 - Impacto do gênero literário nos padrões de representação da fala	151

Lista de ilustrações

Figura 1 – Tipos de PROCESSOS SOCIOSEMIÓTICOS	25
Figura 2 – Complementariedade multidimensional da tradução	30
Figura 3 – SISTEMA da ORAÇÃO VERBAL.....	37
Figura 4 – Elementos da estrutura experiencial da ORAÇÃO	39
Figura 5 – Tipos de PROCESSOS	40
Figura 7 – Níveis narrativos dos PROCESSOS VERBAIS.....	54
Figura 7 – Captura de telas das abas na planilha eletrônica	69
Figura 8 – Captura de tela de planilha eletrônica	70
Figura 9 – Dendograma de hierarquia dos agrupamentos mostrando as relações de proximidade nos textos do <i>corpus</i> (método Ward).....	70
Figura 10 – Agrupamento 1 do dendograma figura 9	153
Figura 11 – Agrupamento 2 do dendograma figura 9	154
Figura 12 – Agrupamento 3 do dendograma figura 9	155
Gráfico 1 – Frequência relativa de verbos lexicais variados por tipo de “romance” (total = 583)	88
Gráfico 2 - Frequência relativa dos verbos “say” e “dizer” por tipo de “romance” (total = 740)	89
Gráfico 3 – Frequência relativa de ocorrência dos verbos “say” e “dizer”	89

Gráfico 4 - Frequência de verbos lexicais variados por texto (total = 583).....	90
Gráfico 5 – Distribuição dos verbos lexicais mais frequentes entre os TOs (exceto “say”)....	92
Gráfico 6 – Distribuição dos verbos lexicais mais frequentes entre os TTs (exceto “dizer”) .	93
Gráfico 7 – Frequência de relato (reporting) e citação (quoting) na categoria Ordem de Dizer	101
Gráfico 8 – Frequência de ATIVIDADE na categoria Ordem de Dizer	102
Gráfico 9 – Frequência relativa da categoria Recepção em “romances policiais”	109
Gráfico 10 - Frequência relativa de Recepção em “romances não policiais”	111
Gráfico 11 – Distribuição subcategorias de Ordem de Dizer X subcategoria recepção nos TOs	114
Gráfico 12 – Distribuição subcategorias de Ordem de Dizer X subcategoria não recepção nos TOs.....	114
Gráfico 13 - Distribuição categorias Ordem de Dizer X variável recepção nos TTs	115
Gráfico 14 – Distribuição categorias Ordem de Dizer X subcategoria não recepção nos TTs	116
Gráfico 15 – Frequência das subcategorias de Função Semântica em textos de “romances policiais”	118
Gráfico 16 – Frequência das subcategorias de Função Semântica em textos de “romances policiais”	120
Gráfico 17 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposição nos TTs	123
Gráfico 18 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposta nos TTs.....	123
Gráfico 19 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposta nos TOs	123
Gráfico 20 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposição nos TOs	123

Gráfico 21 - Relação proposta X Recepção TTs	124
Gráfico 22 - Relação proposição X Recepção TTs.....	124
Gráfico 23 - Relação proposta X Recepção TOs	125
Gráfico 24 - Relação proposição X Recepção TOs	125
Gráfico 25 – Distribuição de Tipo de Verbo em “romances policiais”.....	126
Gráfico 26 - Distribuição de Tipo de Verbo em “romances não policiais”.....	131
Gráfico 27 – Frequência de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA em “romances policiais”.....	139
Gráfico 28 – Frequência de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA em “romances não policiais”	141
Gráfico 29 –PROCESSO VERBAL nos níveis narrativos em “romances policiais”.....	144
Gráfico 30 – PROCESSO VERBAL nos níveis narrativos em “romances não policiais”	146

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
2.1	Estudos da Tradução e Teoria Linguística Sistêmico-Funcional.....	29
2.2	Equivalência textual: correspondência formal e mudança/ <i>shift</i>	33
2.3	Fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional e PROCESSO VERBAL.....	35
2.4	Categorias do PROCESSO VERBAL	45
2.5	CIRCUNSTÂNCIAS	49
2.6	Níveis narrativos e suas realizações lexicogramaticais	52
2.6.1	Narratologia e realizações lexicogramaticais.....	55
2.7	Representação da fala e PROCESSOS VERBAIS em estudos anteriores.....	56
2.7.1	O ponto de partida.....	59
3	METODOLOGIA	63
3.1	Corpus de estudo	63
3.2	Metodologia de análise.....	69
4	RESULTADOS.....	79
4.1	Equivalência.....	79
4.2	ORAÇÕES VERBAIS	84
4.3	Verbos lexicais	86

4.4	Ordem de Dizer (order of saying)	97
4.5	Recepção (reception).....	108
4.6	Função Semântica (semantic function)	117
4.7	Tipo de Verbo (type of verb).....	125
4.8	Membro geral + CIRCUNSTÂNCIA (general member+circumstance)	138
4.9	Níveis narrativos	143
4.10	Síntese dos resultados	149
5	Discussão dos resultados	157
5.1	Diferenças contextuais entre sistemas do inglês (textos originais) e do português brasileiro (textos traduzidos).....	157
5.2	Padrões de representação da fala e diferenças metacontextuais entre primeiras traduções e retraduições.....	162
5.3	Impacto do gênero literário: “romances policiais” e “romances não policiais” nos padrões de representação da fala	166
5.3.1	Exceções	169
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
	REFERÊNCIAS	173
	ANEXO A.....	177

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta um estudo que aborda a construção de significados realizados por meio de PROCESSOS VERBAIS representando a fala em textos ficcionais originais em inglês e a reconstrução desses significados em textos traduzidos, primeiras traduções e retraduições em português brasileiro.

Apresentação da fala, segundo Semino e Short, é a forma “como o discurso de outrem (ou do falante/escritor em uma ocasião anterior) é exposto.”¹(2004, p. 2). Em textos narrativos, essa apresentação ocorre quando o narrador indica direta ou indiretamente o que os personagens disseram ou dizem, utilizando verbos de elocução indicando a fala como uma ação ou relatando a fala indiretamente ou ainda por meio da exposição “exata das palavras e estruturas utilizadas pelo personagem para dizer o que quer que tenha dito”² (SEMINO; SHORT, 2004, p. 12), considerando que essas falas relatadas tenham acontecido no mundo ficcional.

Nesta pesquisa esse conceito de apresentação da fala será adotado como equivalente ao termo “representação da fala”. Sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a representação da fala se dá por meio de uma relação entre ORAÇÕES em que uma delas é “a representação do ‘conteúdo’ linguístico de outra” e a função dessa representação “é simplesmente mostrar (...) que alguém disse isso”³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 509, 513). A outra é a ORAÇÃO VERBAL, a ORAÇÃO de dizer, “um recurso essencial em vários tipos de textos [que] contribui para a criação de narrativas possibilitando o estabelecimento de passagens dialógicas”⁴ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 302).

¹ Nossa tradução para: “how the discourse of others (or the speaker/writer on some previous occasion) is presented.” (SEMINO; SHORT, 2004, p. 2).

² Nossa tradução para: “exactly the words and structures used by the character to say whatever they said” (SEMINO; SHORT, 2004, p. 12).

³ Nossa tradução para: “the representation of the linguistic ‘content’ of another”; “[the projecting clause] is simply to show that (...) someone said it.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 509, 513).

⁴ Nossa tradução para: “Such clauses are an important resource in various kinds of discourse. They contribute to the creation of narrative by making it possible to set up dialogic passages “(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 302).

Afiliada à área da Linguística, subárea Linguística Aplicada, esta pesquisa faz parte do campo disciplinar dos Estudos da Tradução e é do tipo pura, descritiva e orientada para o produto da tradução (HOLMES, 1972). Este estudo está fundamentado pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), orientada por uma perspectiva contextual (HALLIDAY, 1992) para a análise das relações de equivalência tradutória (CATFORD, 1978; MATTHIESSEN, 2001), incluindo o exame de níveis narrativos sob o prisma da Narratologia (RIMMOND-KENAN, 2005).

Este trabalho se justifica como uma tentativa empírica de evidenciar se os resultados de Pagano (2017) podem ser confirmados em um *corpus* maior. Esses resultados dizem respeito às diferenças de escolhas tradutórias em primeiras traduções e retraduições, às distinções dos padrões dos sistemas linguísticos envolvidos (inglês e português brasileiro) considerando contexto e metacontexto da produção dos textos, e ao impacto dos gêneros literários nas escolhas tradutórias na construção de significados por meio de PROCESSOS VERBAIS para a representação da fala. Além disso, busca-se averiguar se a chamada hipótese de retradução proposta por Berman (1990) se aplica aos textos deste *corpus* e investigar se contexto e metacontexto influenciam e refletem-se nas escolhas linguísticas instanciadas nos textos.

O objetivo geral, portanto, é analisar “romances”⁵ originais em inglês (ING), suas traduções e retraduições para o português brasileiro (PB) para comparar como cada texto constrói e reconstrói os significados realizados por PROCESSOS VERBAIS na representação da fala, tendo como base categorias linguísticas fundamentadas principalmente pela LSF. Para alcançar esse objetivo, esse trabalho busca especificamente: 1) identificar diferenças contextuais de cada sistema linguístico ING (TOs) e PB (TTs) nas seleções de PROCESSOS VERBAIS na representação da fala; 2) comparar os padrões de representação da fala e as diferenças metacontextuais entre primeiras traduções (TT1s) e retraduições (TT2s); 3) identificar o impacto do gênero literário dos textos, “romances policiais” e “romances não policiais”, nas escolhas tradutórias de PROCESSOS VERBAIS.

⁵ “Romance” é um rótulo utilizado para referir-se aos textos do *corpus* de estudo desta pesquisa, cuja nomenclatura não tem base na teoria LSF e, por isso, está destacado entre aspas ao longo do texto.

O *corpus* compilado é composto por seis “romances” originais em ING de dois tipos: três “romances policiais” e três “romances não policiais”⁶. O *corpus* compreende ainda, para cada texto original em ING, suas respectivas primeiras traduções das décadas de 1930-1950 e retraduições das décadas de 2000-2010 para o PB. A seleção do *corpus* seguiu os critérios de compilação propostos em Pagano (2017), baseados na escolha das primeiras traduções:

(...) há muitas informações contextuais sobre as primeiras traduções, produzidas e publicadas durante os chamados Anos de Ouro da Tradução na América Latina, um período histórico caracterizado pela eclosão e crescimento de indústrias culturais impulsionados por um processo de crescimento industrial e modernização que promoveram a expansão do sistema educacional e o florescimento de um mercado editorial para atender as demandas de um número emergente de leitores.⁷ (PAGANO, 2017, p. 73)

A seleção de um *corpus* composto por textos ficcionais, mais especificamente por “romances”, também se justifica porque esse tipo de texto se mostrou produtivo em pesquisas anteriores (JESUS, 2008; GUIMARÃES, 2015; ALVES e PAGANO, 2016; PAGANO, 2017) para a análise de PROCESSOS VERBAIS. Outra motivação para a escolha de “romances” para compor o *corpus* é que os recursos de representação da fala enfocados na pesquisa (PROCESSOS VERBAIS) estão presentes de forma abundante nesse tipo de texto.

“Romance”, segundo o que propõe a instituição Literatura, é um gênero cuja definição é um tanto imprecisa. Stevick (1967) na introdução de *The Theory of the Novel*, aponta que há “várias condições que fizeram do romance uma entidade sem definição, uma arte sem sua estética própria e uma tradição sem uma teoria para compreender sua continuidade.”⁸ (STEVICK, 1967, p. 1). O romance seria uma narrativa ficcional em prosa com algumas características que o

⁶ O rótulo “romances não policiais” foi proposto neste estudo para indicar a oposição aos “romances policiais”.

⁷ Nossa tradução para: “ample contextual information is available on the first translations, produced and published during the so-called Golden Age of Translation in Latin America, a historical period characterized by the emergence and growth of cultural industries propelled by a process of industrial growth and modernization that fostered the expansion of the educational system and a flourishing editorial market to cater for the needs of an emergent readership.” (PAGANO, 2017, p. 73)

⁸ Nossa tradução para: “several conditions which have made the novel an entity without a definition, an art without its own aesthetic, and a tradition without a theory for perceiving its continuity.” (STEVICK, 1967, p. 1).

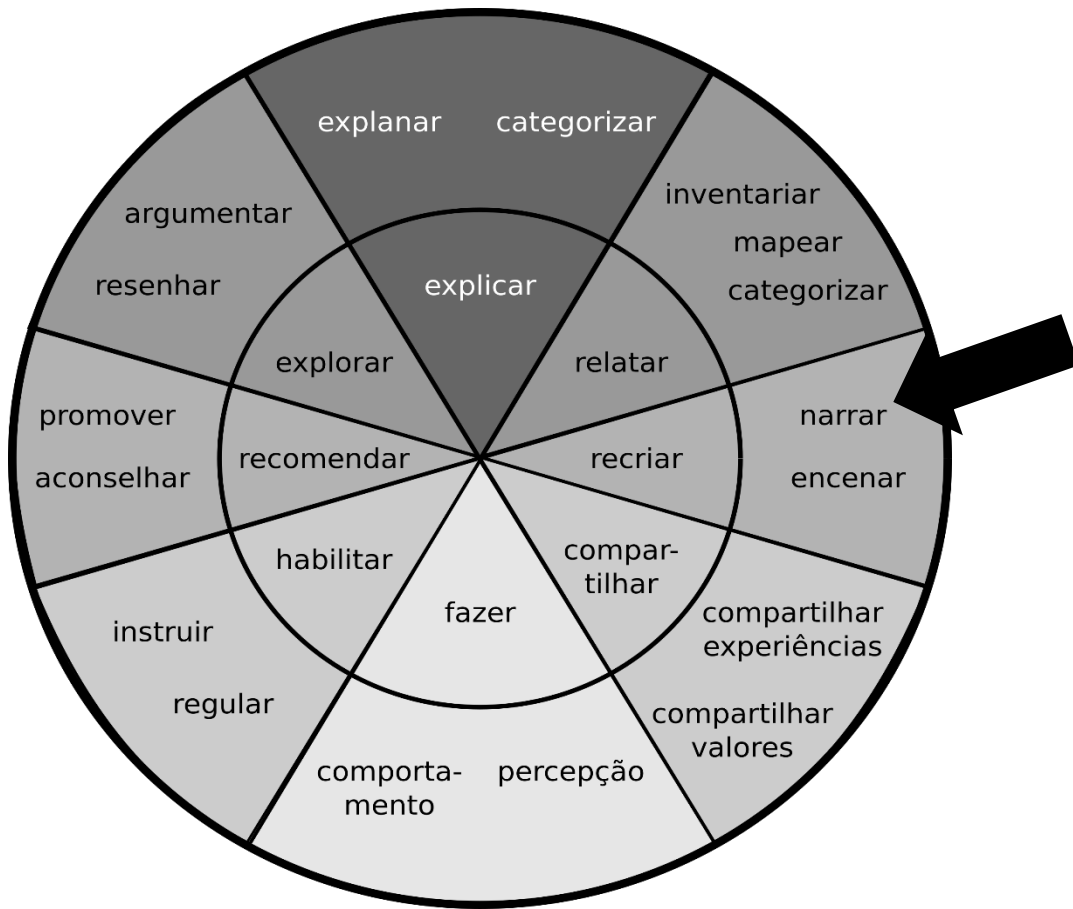
identificariam como um gênero literário: constitui-se como um texto verbal impresso que se dedica a expressar, criticar ou servir a aspectos da cultura ocidental (STEVICK, 1967, p. 8), envolve um processo de transição de um estado de inocência a um estado de experiência, contém seu próprio universo e é uma forma de prosa imaginativa extensa (STEVICK, 1967).

Considerando a imprecisão da definição de “romance” pela Literatura, será utilizada a delimitação proposta pela LSF para esse tipo de texto. A Linguística Sistêmico-Funcional identifica “romance” como um tipo de texto gerado por uma situação específica de uso da língua, uma ATIVIDADE SOCIOSEMIÓTICA, em que se estabelecem atividades de significado, especificamente de RECRIAR: “recriar qualquer aspecto prototípico da vida humana de maneira imaginativa através da dramatização ou da narração de eventos”⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 36).

A Figura 1 ilustra a tipologia e a topologia dos tipos de ATIVIDADES SOCIOSEMIÓTICAS mapeadas pela LSF, em que a localização dos textos do tipo “romance” está indicada (seta).

⁹ Nossa tradução para: “‘recreating’: recreating any aspect of prototypically human life imaginatively by dramatizing or narrating events.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014 p. 36).

Figura 1 – Tipos de PROCESSOS SOCIOSSEMIÓTICOS



Fonte: traduzido de HALLIDAY e MATTHISSEN, 2014, p.37.

Dentre os tipos de PROCESSOS SOCIOSSEMIÓTICOS, os “romances” são textos que estabelecem ATIVIDADE SOCIOSSEMIÓTICA RECRIAR NARRAR, na qual a interação se dá somente dentro e por meio da linguagem e a língua utilizada é não especializada. Essa ATIVIDADE estabelece uma situação que ocorre no ambiente semiótico dos discursos rotulados como Literatura (HALLIDAY, 1978, p. 147). A língua é veiculada por meio da escrita e do canal gráfico, e o modo utilizado é monológico na primeira ordem e dialógico na segunda ordem. Nesse tipo de texto ocorrem dois tipos de papéis de relacionamento: na primeira ordem entre leitor e escritor (monológico) e, na segunda ordem entre os participantes da narrativa, concretizado sob a forma de diálogo.

Dentre os diversos tipos de “romance”, REIMÃO (1983) define “romances policiais” como um subtipo de “romance”, que se constitui como uma narrativa policial de detetive ou “romance” de enigma, cujo

ponto de partida é sempre uma dada situação de enigma [que] atua, então, como desencadeante da narrativa, e a busca de sua solução, elucidação, o explicar o enigma, o transformar o enigma em um não-enigma é o motor que impulsiona e mantém a narrativa; quando se esclarece o enigma, se encerra a narrativa. (REIMÃO, 1983, p. 8)

Os três “romances policiais” que compõem o *corpus* têm as características apontadas por Reimão (1983): em *The Thin Man* (Dashiell Hammett), o ex-detetive Nick Charles e sua esposa Nora investigam o desaparecimento do excêntrico inventor Clyde Wynant e o assassinato de sua secretária, enquanto descobrem as mentiras e hipocrisias dos suspeitos¹⁰. *They Shoot Horses, don't they?* (Horace McCoy) conta a história de como se deu o assassinato de Gloria Beatty por seu companheiro Robert Syverten, em meio a uma maratona de dança na Hollywood da década de 1930¹¹. A trama de *And Then There Were None* (Agatha Christie) é sobre dez pessoas que são convidadas a se hospedarem, por um fim de semana, na mesma casa, em uma ilha remota. Todas elas são acusadas de algum crime oculto cometido no passado e, em seguida, mortes inexplicáveis passam a ocorrer.

Os outros três “romances” são os seguintes: *Great Expectations* (Charles Dickens) é a história da vida de Pip (Phillip Pirrip) um menino órfão criado pela rígida irmã mais velha, que após herdar uma fortuna inesperada, abandona e rejeita sua família e amigos e vai morar em Londres. Pip despreza sua vida progressiva e mais tarde é “obrigado a assumir sua própria ingratidão, e aprende a amar o homem que o elevou e também o destruiu” (TROTTER, 2012). Em *Wuthering Heights* (Emily Brontë), Lockwood, locatário de uma propriedade pertencente ao dono da fazenda “Wuthering Heights”, faz uma visita ao local e após retornar a sua casa, pede a sua criada, Nelly Dean, que lhe conte a história de Heathcliff (o dono de “Wuthering Heights”). Ele descobre sobre o envolvimento de Heathcliff com Catherine (a irmã de criação de Heathcliff),

¹⁰ Apresentação do livro “O Homem Magro” no site da Cia das Letras. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11259>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹¹ Sinopse do livro “Mas não se matam cavalos?” no site da Livraria Cultura. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/romances/mas-nao-se-matam-cavalos-2138905>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

a separação dos dois e a vingança de Heathcliff por se sentir traído por ela.¹² *Lord Jim* (Joseph Conrad) é uma história contada pelo capitão Marlow sobre o que lhe relatou o marinheiro Jim, que havia escapado de um acidente com o navio “Patna”, deixando seus passageiros à própria sorte. Eles, no entanto, são resgatados por outro navio e Jim é julgado pela negligência. Ele perde seu posto e, devastado por essa desonra, tenta superar sua culpa¹³.

Esse é o conjunto de textos compõe o *corpus* que será a fonte empírica da análise que se objetiva realizar nesta pesquisa. Para tanto, conforme mencionado, serão seguidas diretrizes da Linguística Sistêmico-Funcional, com uma abordagem contextual para a análise de relações de equivalência, e ainda o estudo de níveis narrativos.

Além desta introdução, esta dissertação apresenta na seção 2 o embasamento teórico que localiza esta pesquisa no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e da Linguística Sistêmico Funcional. Nela explicita-se os pressupostos de relações tradutórias e conceitos narratológicos, aponta pesquisas anteriores sobre o tema e expõe brevemente o trabalho de Pagano (2017), que foi o ponto de partida deste.

A metodologia utilizada, detalhada na seção 3, compreendeu a extração de amostras de cada “romance” em excertos de diálogos, a preparação do *corpus* composto por ORAÇÕES VERBAIS, a anotação desse *corpus* com categorias da LSF e da Narratologia, bem como a extração dos resultados utilizando o software e ambiente de programação R (R Core Team, 2018). A seção seguinte (4) apresenta os resultados obtidos por categoria analisada em relação os “romances policiais” e “romances não policiais”, considerando textos originais, primeiras traduções e retraduições. A seção 5 apresenta a discussão desses resultados em relação ao arcabouço teórico. Por fim, as considerações finais com observações sobre o trabalho, suas contribuições, limitações e sugestões para pesquisas futuras são expostas na seção 6.

¹² Sinopse do livro “O Morro dos Ventos Uivantes” no site da Livraria Cultura. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/romances/o-morro-dos-ventos-uivantes-115169>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

¹³ Sinopse do livro *Lord Jim* no site da Editora Revan. Disponível em: <<https://www.revan.com.br/produto/LORD-JIM-239>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estudos da Tradução e Teoria Linguística Sistêmico-Funcional

Considerando-se o perfil do campo disciplinar dos Estudos da Tradução proposto por Holmes (1972), este estudo pode ser considerado do tipo puro descritivo, porque se propõe a comparar fenômenos empíricos da tradução, ou seja, a construção de significados por meio de PROCESSOS VERBAIS (VERBAL PROCESSES)¹⁴ na representação da fala em textos originais em inglês (ING) e a reconstrução desses significados em suas traduções (primeiras traduções e retraduições) para o português brasileiro (PB). É um estudo orientado para o produto, uma vez que seu objeto são os PROCESSOS VERBAIS, elementos do sistema linguístico, realizados nos textos do *corpus*: textos originais e textos traduzidos publicados em ING e PB.

O fenômeno da tradução, segundo Malmkjaer (2005, p. 21), pode ser abordado a partir da aplicação de teorias de outros campos disciplinares. Assim, os Estudos da Tradução podem ser considerados uma subárea da Linguística Aplicada, já que seu objeto é um dos fenômenos linguísticos existentes. Por sua vez, conforme afirmam Figueredo, Araújo e Pagano (2008), “teorias linguísticas (...) que consideram a língua como um sistema semiótico de produção de significado e que possibilitam investigações tanto do estrato do contexto quanto do gramatical”¹⁵ (FIGUEREDO; ARAÚJO; PAGANO, 2008, p. 2) podem contribuir para uma teoria da tradução concentrada no funcionamento do fenômeno tradutório.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) se destaca em sua aplicação nos Estudos da Tradução por permitir uma comparação entre sistemas linguísticos distintos, fundamentada em categorias

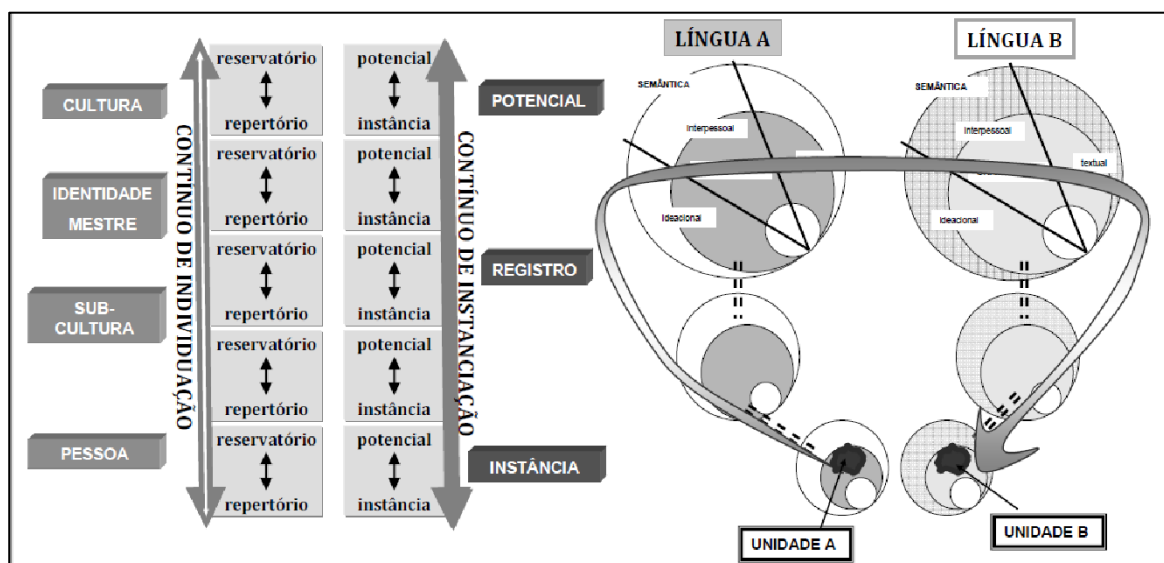
¹⁴ Nesta dissertação, foram utilizados os termos teóricos e descritivos da LSF conforme traduzidos para o português brasileiro em Figueredo (2011). Pautando-se por padrões internacionais, esses termos são destacados, ao longo do texto, em VERSALETE (small caps), com indicação do termo em inglês entre parênteses, na primeira instância de uso e sempre que necessário, de forma a facilitar a leitura do texto.

¹⁵ Nossa tradução para: “linguistic theories (...) that conceive of language as a semiotic system for meaning production and that carry out investigations both from the context stratum and the grammar stratum.” (FIGUEREDO; ARAÚJO; PAGANO, 2008, p. 2).

comuns entre eles e que abrangem as especificidades de cada sistema. A abrangência da LSF se deve ao seu propósito: descrever e explicar os recursos que as línguas utilizam para gerar significados, que são produzidos a partir de padrões de escolhas sistêmicas dentre os recursos disponíveis na língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Considerando a proposta de comparar as realizações de PROCESSOS VERBAIS na representação da fala em textos originais em ING e a reconstrução desses significados em suas traduções para o PB, fundamentou-se esta pesquisa na LSF por se tratar de uma teoria suficientemente ampla que orienta a extração, a análise dos dados e a interpretação dos resultados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Tradução, segundo Figueredo (2011) é “a produção diacrônica de textos no ambiente multilíngue, funcionando em contextos comparáveis, mais proximamente ao polo monolíngue do contato linguístico” (FIGUEREDO, 2011, p. 347). Seu produto é o “texto-meta/traduzido” (FIGUEREDO, 2011, p. 350) gerado no ambiente multilíngue, que instancia recursos semânticos e gramaticais que realizam o registro específico em que se pauta. O aspecto da comparação diz respeito à descrição da funcionalidade efetiva dos recursos linguísticos instanciados nos textos-fonte e texto-meta (FIGUEREDO, 2011, p. 350). Figueredo (2011) propõe ainda que quando se analisa uma unidade B – instância da língua B – como tradução da unidade A – instância da língua A –, é indispensável o conhecimento das duas unidades e de seus potenciais de significado, como se observa na Figura 2.

Figura 2 – Complementariedade multidimensional da tradução



Fonte: FIGUEREDO, 2011, p. 354.

A Figura 2 ilustra o ambiente multilíngue em que a produção da linguagem ocorre. A unidade A representa a instância da língua A, o texto-fonte, que está diacronicamente relacionado ao, texto-alvo/meta, que é instância da língua B, representado pela unidade B. A produção do texto-alvo (unidade B) leva em consideração a relação de equivalência entre o POTENCIAL dos dois sistemas linguísticos envolvidos, língua A e língua B, e a “correspondência dinâmica do desenvolvimento da construção do texto” (FIGUEREDO, 2011, p. 354). Essa correspondência dinâmica diz respeito ao contraste entre as seleções realizadas no texto-alvo/meta (unidade B) e as realizadas no texto-fonte (unidade A) submetidos a um contexto específico de produção, o REGISTRO.

Segundo Halliday (1992, p. 15), tradução é uma construção guiada de significados: os parâmetros contextuais do texto original são uma referência para o tradutor, que os utiliza como guia para estabelecer os significados no texto traduzido, que por sua vez também deve respeitar parâmetros relacionados ao público leitor da tradução. Esses parâmetros contextuais condicionam as escolhas linguísticas no processo de construção do significado.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 32) afirmam que a linguagem deve ser considerada dentro de um ambiente de significados, ela deve ser interpretada tomando como base seu habitat semiótico, ou seja, seu contexto. Incorporado ao contexto, o sistema linguístico segue o contínuo de instanciação: do sistema (o potencial de significados), passando pelo registro/tipo de texto (conjunto de textos similares que compartilham características similares selecionadas do sistema) até o texto (exemplar que instancia os significados do tipo de texto a que pertence). O contexto de cultura é um potencial de construção de significados de uma determinada cultura, que inclui instituições e domínios. Essas instituições e domínios, por sua vez, estabelecem situações específicas que envolvem alguma atividade sociosemiótica que a linguagem realiza, como “recriar eventos do universo humano ou de um universo de fantasia por meio de narrativas”¹⁶ (PAGANO, 2017, p. 76). Para que essas atividades sejam realizadas, recursos linguísticos são selecionados e instanciados nos textos.

Nesta pesquisa, os PROCESSOS VERBAIS utilizados para a representação da fala são os recursos linguísticos que possibilitam a comparação dos contextos em que se deu cada produção – textos

¹⁶ Nossa tradução para: “recreating events of the human world or a fantasy world through narratives and dramatizations” (PAGANO, 2017, p. 76).

originais, primeiras traduções e retraduições – e das situações específicas estabelecidas em “romances policiais” e “romances não policiais”. O ambiente contextual da tradução, ou metacontexto, proposto por Matthiessen (2001, p. 111), diz respeito aos contextos de produção do texto original e do texto traduzido, o processo social da tradução. Esse processo é uma das etapas relacionadas à criação do texto desde o original até a tradução, incluindo o processo editorial e a avaliação da tradução; os papéis envolvidos no processo de tradução, tais como, o autor do texto original, tradutor, editor e leitor; as diretrizes de tradução; o papel que o texto traduzido tem na cultura alvo.

Assim, cada tradução produzida em um contexto e/ou metacontexto distinto tem o sistema linguístico operando com suas particularidades. O contexto-guia das primeiras traduções e das retraduições teriam influência na instanciação dos recursos linguísticos que demonstrariam a evolução diacrônica dos textos no ambiente multilíngue.

Ainda dentro do espectro dos Estudos da Tradução, deve-se definir o que é chamado de retradução. Pagano (2017) aponta que “retradução é um termo que nomeia a prática de traduzir um texto – geralmente um texto literário ou acadêmico consagrado – mais de uma vez para a mesma língua”¹⁷ (p. 92) e seria um dos estágios na “acomodação cultural de uma obra literária na cultura alvo”¹⁸ (p. 4). De acordo com Berman (1990), a primeira tradução (TT1) de um texto o introduziria na cultura-alvo, enquanto que a retradução (TT2) seria um retorno à cultura-fonte. A chamada hipótese de retradução, proposta por Berman, postula que o TT1 teria padrões linguísticos mais próximos da cultura alvo e o TT2, padrões linguísticos que se aproximariam mais da cultura fonte e, assim, a retradução se aproximaria mais do TO que a primeira tradução dele.

A retradução, portanto, seria mais um texto envolvido no ambiente multilíngue. Isso porque diferenças nos aspectos linguísticos entre ela e a primeira tradução de um texto possivelmente podem ser identificadas, indicando mudanças e/ou desenvolvimento do sistema linguístico ao longo do tempo. Segundo os estudos citados por Pagano (2017) não há conclusão satisfatória

¹⁷ Nossa tradução para: “Retranslation is a term used to name the practice of translating a text—usually an acclaimed literary or academic work — more than once into the same language.” (PAGANO, 2017, p. 92).

¹⁸ Nossa tradução para: “stages in the cultural accommodation of a literary work of art in a target culture.” (PAGANO, 2017, p. 4).

em relação à validade da chamada hipótese de retradução e este trabalho é também uma tentativa empírica de evidenciar se nos textos analisados essa tendência é análoga à proposta por Berman (1990).

2.2 Equivalência textual: correspondência formal e mudança/*shift*

As concepções de equivalência e mudança/*shift* têm papel bastante relevante nos Estudos da Tradução em sua interface com a LSF e são uma das bases deste estudo. Para Halliday (1992), a tradução ocorre quando em determinado contexto a equivalência entre funções é estabelecida.

Catford (1978, p. 20) estabelece que tradução é um fenômeno empírico em que ocorre a substituição de um material textual da língua-fonte (LF) por material textual equivalente na língua-alvo (LA). A equivalência textual ocorre quando o material da LA equivale ao material da LF. Por sua vez, quando a equivalência entre LF e LA se dá no mesmo nível (contínuo lexicogramatical) ou categoria (unidade, classe, estrutura, elemento da estrutura), ocorre a correspondência formal, conforme ilustrado no Quadro 1, em que um GRUPO VERBAL (VERBAL GROUP) no sistema do inglês é traduzido utilizando-se outro GRUPO VERBAL no sistema do português brasileiro.

Quadro 1 – Exemplo de equivalência textual

Texto	Exemplo de WH		
WH_TO (LF)	‘What the devil is the matter?’ he asked , eyeing me in a manner that I could ill endure	asked	asked (GRUPO VERBAL)
<i>glossa</i>	‘Qual diabos é o problema’ ele perguntou me olhando de uma maneira que eu mal podia aguentar	≈ perguntou	= perguntou (GRUPO VERBAL)
WH_TT2 (LA)	— Que diabos está acontecendo? — perguntou encarando-me de uma forma que mal pude aguentar	→ equivalentes textuais	→ correspondência formal

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado de *Wuthering Heights*, 1910/2011.

Quando a equivalência textual não se constitui como correspondência formal ocorre mudança/*shift*: o material da LA é de nível ou categoria diferente do material equivalente da LF (CATFORD, 1978). No Quadro 2, ilustra-se uma mudança/*shift* de categoria, em que um GRUPO NOMINAL (NOMINAL GROUP) no sistema do inglês é traduzido por uma ORAÇÃO no sistema do português brasileiro.

Quadro 2 – Exemplo de mudança/*shift*

Texto	Exemplo de WH		
WH_TO (LF)	‘You have lived here a considerable time,’ I commenced; ‘did you not <u>say</u> sixteen years ?’	sixteen years	sixteen years (GRUPO NOMINAL – VERBIAGEM)
<i>glossa</i>	‘Você vive aqui por um tempo considerável,’ eu comecei; ‘você não disse dezesesseis anos ?’	≈ que já faz dezesesseis anos	≠ que já faz dezesesseis anos (ORAÇÃO – PROJEÇÃO DE RELATO)
WH_TT1 (LA)	— A senhora vive aqui há muito tempo? — comecei. — Creio que a senhora mesma <u>disse</u> que já faz dezesesseis anos .	→ equivalentes textuais	→ mudança/ <i>shift</i>

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado de *Wuthering Heights*, 1910/1938.

Retomando Catford, Matthiessen (2001, p. 64) postula que a tradução é uma reconstrução de significados de um texto fonte (TF) em significados no texto alvo (TA). Essa relação de reconstrução de significados pode ocorrer dentro dos SISTEMAS ou entre eles, e é realizada em um contínuo de diferença entre línguas: no nível máximo de congruência há equivalência de tradução, no nível mínimo de congruência ocorre a mudança/*shift* de tradução.

Matthiessen (2001) aponta ainda que podem haver mudanças/*shifts* entre METAFUNÇÕES (METAFUNCTIONS) ou dentro delas, sendo que o segundo tipo seria o mais frequente. Mudanças/*shifts* dentro das METAFUNÇÕES ocorrem na ESCALA DE ORDENS (RANK SCALE) – da ORAÇÃO (CLAUSE), GRUPO (GROUP), PALAVRA (WORD) ao MORFEMA (MORPHEME) –, no SISTEMA LEXICAL ou GRAMATICAL (SYSTEM) – por meio dos GRAUS DE DELICADEZA (STEPS IN DELICACY) –, ou na ESTRUTURA (STRUCTURE). O exemplo no Quadro 2 ilustra mudança/*shift* dentro da METAFUNÇÃO IDEACIONAL, que é foco desta investigação. Ocorre uma mudança/*shift* de ordem, na ESCALA DE ORDENS (GRUPO no TO para a ORAÇÃO no TT1) e mudança/*shift* no SISTEMA (VERBIAGEM no TO para ORAÇÃO PROJETADA do tipo relato no TT1). O enfoque desta pesquisa

é nas mudanças/*shifts* no SISTEMA e na ESTRUTURA que, segundo Matthiessen (2001), são as que têm maior impacto na construção de significados de um texto.

2.3 Fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional e PROCESSO VERBAL

Halliday e Matthiessen postulam que o “sistema de uma língua é ‘instanciado’ sob a forma de texto”¹⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27). Sendo assim, ao se compreenderem e se descreverem os recursos estruturais de um TEXTO, o potencial da língua é compreendido. Então, considerando-se a relação TEXTO e SISTEMA, o uso de um *corpus* linguístico é justificado para que se possa explorar PROCESSOS VERBAIS na representação da fala e consequentemente compreender os SISTEMAS que os organizam.

A arquitetura das línguas é constituída por camadas chamadas ESTRATOS (STRATUM). O ESTRATO mais interno é o da EXPRESSÃO (EXPRESSION), composto por elementos fonológicos e fonéticos. O ESTRATO INTERMEDIÁRIO é o CONTEÚDO (CONTENT), no qual se localizam semântica e lexicogramática (cujo polo mais geral é a gramática, e o mais específico ou delicado, o léxico). O ESTRATO mais externo, o extralinguístico é o CONTEXTO (CONTEXT). Nesta pesquisa, são enfocados o ESTRATO do CONTEÚDO, no seu aspecto lexicogramatical e o ESTRATO extralinguístico, o CONTEXTO.

Retomando o ESTRATO mais externo, o CONTEXTO é composto por variáveis que “definem um espaço semiótico multidimensional – um ambiente de significados no qual operam a língua, outros sistemas semióticos e sistemas sociais”²⁰ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34). A configuração dessas variáveis, que são CAMPO (FIELD), SINTONIA (TENOR) e MODO (MODE), é o que determina a maneira como a língua funciona em determinada situação, e são essas

¹⁹ Nossa tradução para: “The system of a language is ‘instantiated’ in the form of text.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27)

²⁰ Nossa tradução para: “(...) define a multi-dimensional semiotic space – the environment of meanings in which language, other semiotic systems and social systems operate.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

variáveis que “determinam os diferentes usos da língua”²¹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

Dentre as possíveis combinações das variáveis de CONTEXTO, que geram situações de uso da língua classificadas como ATIVIDADES SOCIOSSEMIÓTICAS, são abordadas nesta pesquisa as atividades de SIGNIFICAR, constituídas por processos de significado. Essas ATIVIDADES SOCIOSSEMIÓTICAS de SIGNIFICAR são especificamente do tipo RECRIAR, em que é estabelecido “a construção de algum mundo imaginário, que pode ser desde uma sutil variação do nosso próprio mundo até um mundo de pura fantasia”²² (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 41).

Os textos que compõem o *corpus* de estudo possuem a seguinte combinação das variáveis de CONTEXTO. No aspecto do CAMPO, os textos realizam ATIVIDADE SOCIOSSEMIÓTICA RECRIAR-NARRAR; a língua tem papel constitutivo e a interação se dá somente dentro e por meio da linguagem; a língua é não especializada, porque não está tecnicamente orientada a alguma área específica do conhecimento. Sob o aspecto de MODO, considerando-se que textos ficcionais constituem interações de segunda ordem, ou seja, interações que se dão por meio do sistema linguístico, a veiculação da língua é escrita, o canal é gráfico e o modo é monológico na primeira ordem e dialógico na segunda ordem. No aspecto da variável SINTONIA são estabelecidos dois tipos de papéis de relacionamento, na primeira ordem, entre leitor e escritor (monológico), na segunda ordem, entre os participantes da narrativa, sendo esse papel de relacionamento efetuado na forma de diálogos entre personagens. A combinação dessas variáveis compõe a dimensão geral do contexto de situação, dentro do qual a linguagem é organizada para constituir o tipo de texto que, na instituição Literatura, recebe o rótulo “romance”.

O rótulo “romance” é utilizado para referir-se aos textos que compõem o *corpus* de estudo desta pesquisa. Essa nomenclatura, no entanto, não tem base na LSF, já que ainda não há descrição suficiente para determiná-la como um nível de delicadeza da ATIVIDADE SOCIOSSEMIÓTICA RECRIAR-NARRAR e, portanto, “romance” aparecerá entre aspas em todo o texto, indicando que se trata de um rótulo utilizado pela sociedade, mas sem base na LSF. Os textos do *corpus* de

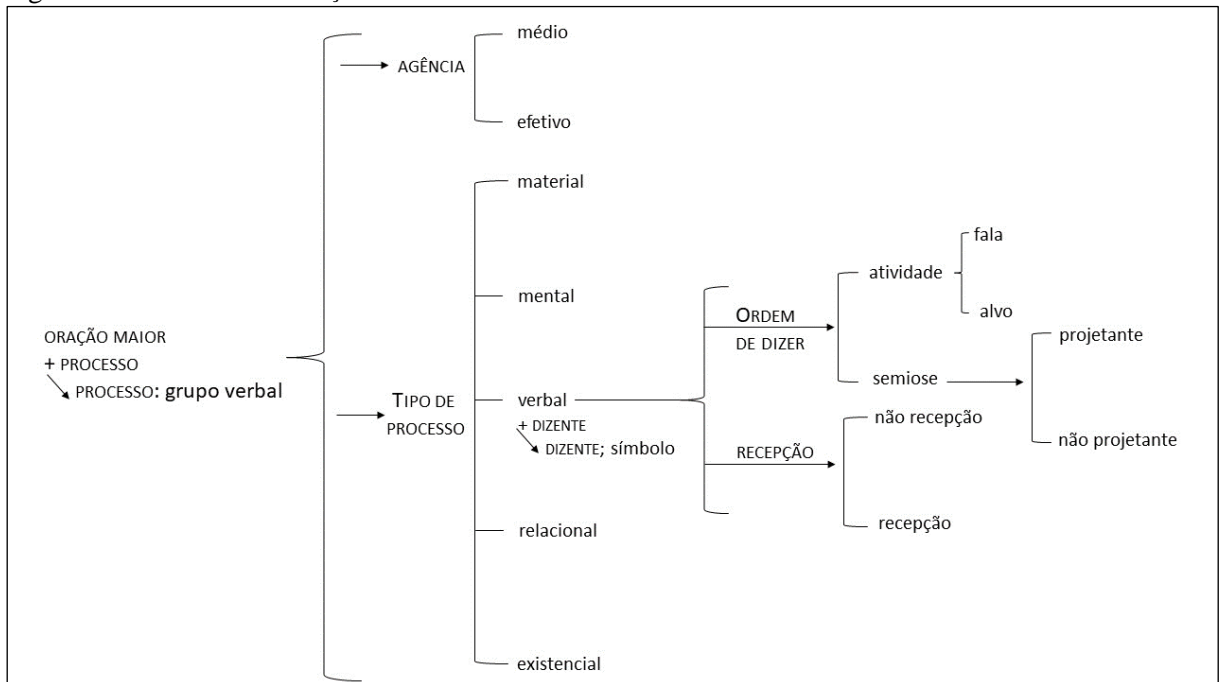
²¹ Nossa tradução para: “(...) determine different uses of language.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

²² Nossa tradução para: “the construal of some imaginary world, ranging from a slight variant of our own world to a world of pure fantasy.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014 p. 41).

estudo foram ainda separados em “romances policiais” e “não policiais” que são rótulos utilizados para fins desta pesquisa.

A LSF, como o próprio nome indica, engloba duas perspectivas: a sistêmica e a funcional. A perspectiva sistêmica concebe a língua como uma REDE DE SISTEMAS (SYSTEM NETWORK), cujos eixos paradigmáticos organizam os significados potenciais da língua em TERMOS (TERMS), com opções que são mutuamente excludentes, simultâneas ou não. Aqui abordaremos o SISTEMA DE TRANSITIVIDADE (TRANSITIVITY SYSTEM), cujos TERMOS são TIPOS DE ORAÇÕES. Respeitando-se uma CONDIÇÃO DE ENTRADA (ENTRY CONDITION), – neste caso, a realização de uma ORAÇÃO MAIOR (MAJOR CLAUSE) – ocorre uma ESCOLHA (CHOICE), O TIPO DE PROCESSO. A cada ESCOLHA avança-se na escala de DELICADEZA (DELICACY) de modo sintagmático, ou seja, cada nova opção se soma à anterior, conforme se observa na Figura 3.

Figura 3 – SISTEMA da ORAÇÃO VERBAL



Fonte: traduzido e adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 355.

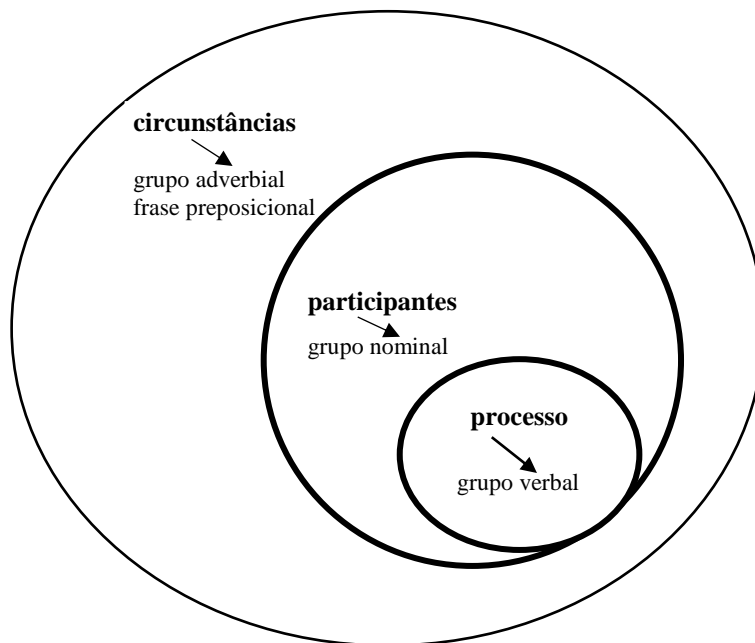
Ao selecionar o TIPO DE PROCESSO VERBAL, a ORAÇÃO fica condicionada a selecionar o PARTICIPANTE DIZENTE. Seguindo a escala de DELICADEZA, são selecionados obrigatoriamente dois novos SISTEMAS de forma mútua, RECEPÇÃO e ORDEM DE DIZER. A seleção em cada um

deles é independente e simultânea, então pode-se escolher a opção não recepção (SISTEMA RECEPÇÃO) e, ao mesmo tempo, a opção atividade ou a opção semiose (SISTEMA ORDEM DE DIZER), por exemplo. No próximo nível de DELICADEZA do SISTEMA ORDEM DE DIZER, ao se selecionar a opção atividade, a escolha de uma das opções, fala ou alvo, é compulsória, da mesma forma que ao escolher a opção semiose, se torna compulsória a seleção da opção projetante ou da opção não projetante.

A perspectiva funcional da teoria LSF estabelece que há uma relação entre formas linguísticas e o significado que elas expressam. Essa relação entre formas e significados é nomeada METAFUNÇÃO (METAFUNCTION). A METAFUNÇÃO enfocada nesta pesquisa é a IDEACIONAL, que diz respeito à representação da experiência humana, ao uso da linguagem para nomear e falar do mundo. Essa METAFUNÇÃO é constituída por dois componentes, o que é abordado mais especificamente nesta pesquisa é o componente EXPERIENCIAL – que constitui o fluxo de eventos – e, mais superficialmente, o componente LÓGICO – que constitui as relações lógicas entre ORAÇÕES.

No componente EXPERIENCIAL da METAFUNÇÃO IDEACIONAL, a ORAÇÃO estabelece uma FIGURA (FIGURE), uma configuração de um processo. As FIGURAS são compostas essencialmente por PROCESSOS (PROCESSES), tipicamente realizados por GRUPOS VERBAIS, e PARTICIPANTES (PARTICIPANTS), tipicamente realizados por GRUPOS NOMINAIS. Eventualmente, a FIGURA pode ser constituída também por CIRCUNSTÂNCIAS (CIRCUMSTANCES), já que essas são opcionais nessa configuração, conforme ilustrado na Figura 4.

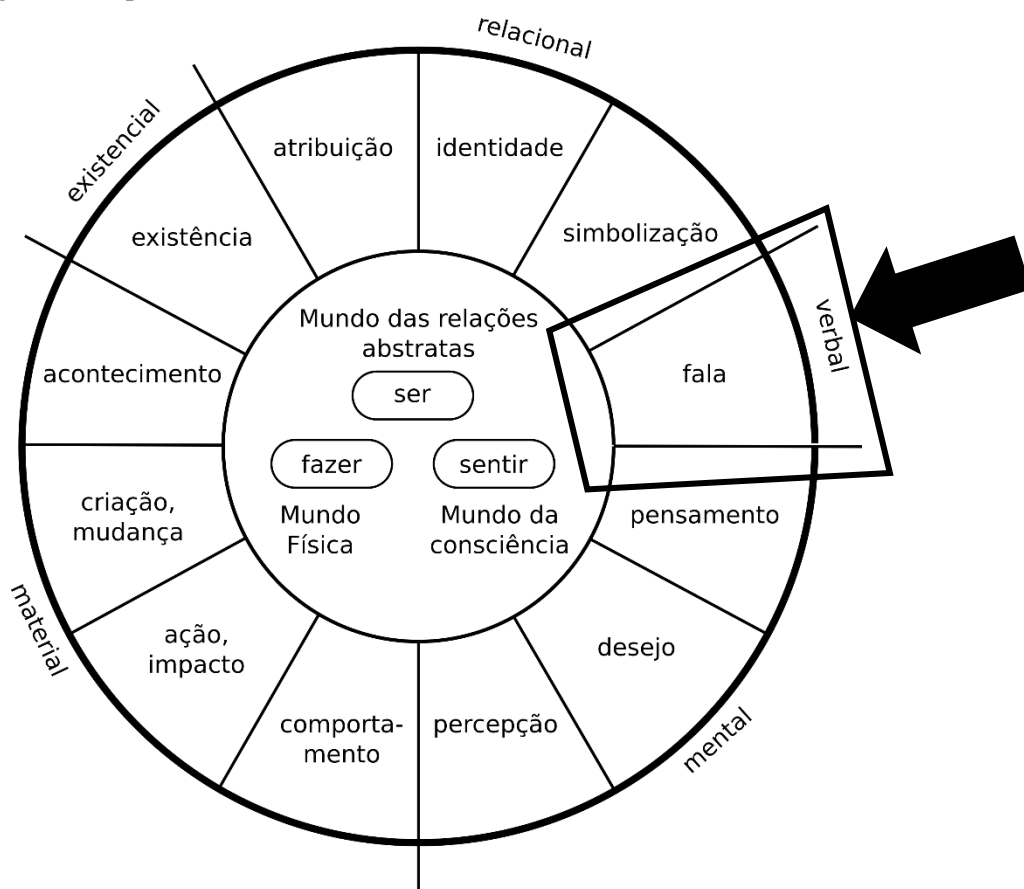
Figura 4 – Elementos da estrutura experiencial da ORAÇÃO



Fonte: traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 222.

Os PROCESSOS são os componentes essenciais no SISTEMA DE TRANSITIVIDADE e eles estabelecem diferentes tipos de experiências, que podem ser de cinco tipos, conforme ilustrado na Figura 5: materiais, mentais, relacionais, verbais e existenciais. Os PROCESSOS MATERIAIS (MATERIAL PROCESSES), MENTAIS (MENTAL) e RELACIONAIS (RELATIONAL) representam as experiências do mundo exterior, enquanto que os PROCESSOS VERBAIS (VERBAL PROCESSES) e EXISTENCIAIS (EXISTENTIAL) se localizam na fronteira entre esses três PROCESSOS principais, compartilhando com eles características e funções.

Figura 5 – Tipos de PROCESSOS



Fonte: traduzido de HALLIDAY e MATTHISSEN, 2014, p. 216.

Os PROCESSOS MATERIAIS representam mudanças no mundo físico; os PROCESSOS MENTAIS retratam o que se passa na consciência das pessoas, incluindo percepções, emoções, desejos e atividades cognitivas; os PROCESSOS RELACIONAIS estabelecem relações de identidade ou de atribuição; os PROCESSOS EXISTENCIAIS, na fronteira entre os MATERIAIS e os RELACIONAIS, indicam existência; e os PROCESSOS VERBAIS, localizados entre os MATERIAIS e os MENTAIS, realizam ou relatam o que é dito (FERREGUETTI, 2014, p.28).

As ORAÇÕES VERBAIS (VERBAL CLAUSES), realizadas por PROCESSOS VERBAIS, operam trocas simbólicas de significado por meio verbal, ou seja, envolvem “dizer algo”, e são elementos essenciais nas narrativas porque possibilitam trocas dialógicas entre personagens, conforme apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 302). A FIGURA nas ORAÇÕES VERBAIS é composta essencialmente por um PROCESSO VERBAL e PARTICIPANTES (PARTICIPANTS) e também pode ser

constituída por CIRCUNSTÂNCIAS (CIRCUMSTANCES). No Quadro 3 são especificados os PARTICIPANTES do PROCESSO VERBAL e são apresentados exemplos de cada tipo.

Quadro 3 – PARTICIPANTES e tipos de PROCESSOS na ORAÇÃO VERBAL

Categoria	Realização prototípica	Tipos	Especificação
PARTICIPANTE	GRUPO NOMINAL (NOMINAL GROUP)	DIZENTE (SAYER)	Tipicamente um ser consciente, mas não necessariamente (pode ser dotado de consciência); único participante essencial da ORAÇÃO VERBAL. ex.: — Podia passar por um major — <u>disse</u> o Sr. Blore . (DIZENTE)
		RECEPTOR (RECEIVER)	Destinatário da mensagem, tipicamente um ser consciente (um falante potencial), frequentemente introduzido por uma FRASE PREPOSICIONAL (PREPOSITIONAL PHRASE). ex.: — Estou <u>falando</u> para o senhor (RECEPTOR), moço.
		VERBIAGEM (VERBIAGE)	O que é dito, a mensagem, pode ser o conteúdo do que é dito ou o nome do que é dito. ex.: Telegrafou a uma agência <u>pedindo</u> uma substituta (VERBIAGEM), e enviaram a mim.
		ALVO (TARGET)	Entidade para a qual a mensagem é direcionada, pode ser uma pessoa, um objeto ou uma abstração; o processo é constituído por um julgamento positivo ou negativo da entidade. ex.: Seu andar gingado <u>proclamava</u> o homem do mar (ALVO).

Fonte: traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 305-307, 514.

Nota: exemplos retirados de *And Then There Were None*, 1942, 2009.

PROCESSOS VERBAIS são prototipicamente realizados por um GRUPO VERBAL que realiza uma representação simbólica. Ele pode ainda indicar operações mentais do falante, aproximando-se assim do PROCESSO MENTAL ou apresentar um aspecto material já que dizer se constitui como ação física, aproximando-se, pois, do PROCESSO MATERIAL. A realização de uma representação simbólica por meio de PROCESSO VERBAL é chamada SEMIOSE e, quando o PROCESSO VERBAL tem uma realização mais próxima do PROCESSO MATERIAL ela é chamada ATIVIDADE. O Quadro 4, adaptado de Halliday e Matthiessen (2014), apresenta exemplos de verbos lexicais em inglês que realizam PROCESSO VERBAL do tipo ATIVIDADE e SEMIOSE.

Quadro 4 – Verbos lexicais em inglês que realizam PROCESSO VERBAL

	Tipo	Exemplo de verbos
ATIVIDADE	Alvo	praise, flatter, commend, compliment, congratulate; insult, abuse, slander, blame, criticize, chide, censure, pillory, rebuke ex.: He flattered himself there (...)
	Conversa	speak, talk ex.: ‘and she talks as if she thought of living to see it grow a man.’
	Citação neutra	say, tell; go, be like ex.: “You forget you have a master here,” says the tyrant.
SEMIOSE	Indicação	tell (sb that), report, announce, notify, explain, argue, convince (that), persuade (sb that), promise (that) ex.: (...) or else to persuade Mr. Heathcliff (sb) to give me a guide (that).’
		ask (sb whether), question, enquire (whether) ex.: With this intention I asked Mrs. Dean (sb) why Heathcliff let Thrushcross (whether)
	Comando	tell (sb to do), ask (sb to do), order, command, require, promise, threaten, persuade (sb to do), convince (sb to do), entreat, implore, beg ex.: ‘You! I should be sorry to ask you (sb) to cross the threshold (that) for my convenience, on such a night,’

Fonte: traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 305.

Nota: exemplos retirados de *Lord Jim*, 1900 e *Wuthering Heights*, 1874.

Quando os PROCESSOS VERBAIS são realizados por verbos que expressam SEMIOSE, as mensagens introduzidas por eles podem ser realizadas por outra ORAÇÃO. Neste caso, a segunda ORAÇÃO não é considerada um PARTICIPANTE, e sim uma ORAÇÃO secundária em um COMPLEXO ORACIONAL (CLAUSE COMPLEX), uma PROJEÇÃO (PROJECTION).

Essa capacidade de projetar significa que uma ORAÇÃO funciona como uma representação do conteúdo linguístico de outra – FRASEADO (WORDING). No caso de ORAÇÕES VERBAIS o conteúdo do que é dito é esta representação.

Dentro do SISTEMA, a ORAÇÃO PROJETADA poderá selecionar proposição (*proposition*) – quando for realizada por ORAÇÃO finita, cuja função é a troca de informações, a formulação de declarações ou perguntas – ou proposta (*proposal*) – realizada por ORAÇÃO infinitiva, perfectiva ou finita modulada, cuja função é a troca de bens e serviços, a formulação de ofertas e

comandos. O Quadro 5, adaptado de Halliday e Matthiessen (2014), mostra exemplos de verbos lexicais em inglês que realizam PROJEÇÃO de acordo com a FUNÇÃO SEMÂNTICA da ORAÇÃO PROJETADA.

Quadro 5 – Tipo de Verbo utilizados para PROJEÇÃO

Tipo de verbo	proposição	proposta
Membro geral (general member)	say	say
Verbos específicos para a função de fala:		
a) fornecimento (giving)	a) declarações: tell (+receptor), remark, observe, point out, report, announce	a) ofertas: suggest, offer, threaten (‘offer undesirable’), vow (‘offer sacred’), promise (‘offer desirable’), agree (‘offer in response’)
b) demanda (demanding)	b) perguntar: ask, demand, inquire, query	b) comandos: call, order, request, tell, propose, decide; urge (‘command: persuasive’), plead (‘command: desperate’), warn (‘command: undesirable consequences’)
Verbos com características adicionais		
a) características circunstanciais (circumstantial feature)	reply (‘say in response’), explain (‘say in explanation’), protest (‘say with reservation’), continue (‘go on saying’), add (‘say in addition’), interrupt (‘say out of turn’), warn (‘say: undesirable consequences’)	[os mesmos verbos acima]
b) modo especificando a conotação (manner specifying connotation)	insist (‘say emphatically’), complain (‘say irritably’), cry, shout (‘say loudly’), boast (‘say proudly’), murmur (‘say sotto voce’), stammer (‘say with embarrassment’), enthuse (‘say with approval’), gush (‘say effusiveness’), rave (‘say with enthusiasm’)	[aproximadamente os mesmos verbos de PROPOSIÇÃO] blare, thunder (‘order imperiously’), moan (‘plead whiningly’), yell (‘order vociferously’), fuss (‘order officiously’)

Fonte: traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 514.

No Quadro 6 são apresentados exemplos que ilustram os Tipos de Verbos utilizados para PROJEÇÃO.

Quadro 6 – Exemplos de Tipo de Verbo utilizados para PROJEÇÃO

Tipo de verbo	proposição	proposta
Membro geral (general member)	I asked her what she would have to drink, she said Scotch and soda.	I said : "Walk out on them."
Verbos específicos para a função de fala: a) fornecimento (giving)	"It's your mother," she told Dorothy.	"Try his lawyer," I suggested .
b) demanda (demanding)	I asked her what she would have to drink, she said Scotch and soda.	I told him to call his office.
Verbos com características adicionais a) características circunstanciais (circumstantial feature)	"It's not that," I explained .	'Nick, listen to me first. I -' She broke off (...)
b) modo especificando a conotação (manner specifying connotation)	"On the level," I assured him.	Vera cried : "Turn it off! Turn it off! It's horrible!"

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *The Thin Man*, 1934 e *And Then There Were None*, 1935.

A relação entre a ORAÇÃO VERBAL e a PROJEÇÃO pode estabelecer-se como uma argumentação circunstancial quando essa relação entre as ORAÇÕES for HIPOTÁTICA (HYPOTACTIC), ou seja, uma ORAÇÃO subordinada e outra subordinante. Pode ocorrer, ainda, uma relação de coesão entre sentenças em que as ORAÇÕES são interdependentes, mas estão no mesmo nível hierárquico, ou seja, estabelecem uma relação PARATÁTICA (PARATACTIC).

Na PROJEÇÃO, há dois tipos de NÍVEIS DE PROJEÇÃO (LEVELS OF PROJECTION): IDEIA (IDEA) – representação de ORAÇÕES MENTAIS, de significados – ou LOCUÇÃO (LOCUTION) – trata do conteúdo de uma ORAÇÃO VERBAL, o que é dito. Já os MODOS DE PROJEÇÃO (MODES OF PROJECTION) podem ser: HIPOTÁTICO, discurso indireto, ou PARATÁTICO, discurso direto. A LOCUÇÃO é o tipo que interessa a esta análise (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Assim, pode-se estabelecer um paralelo entre a representação da fala e a PROJEÇÃO de LOCUÇÃO. As mensagens, ou FRASEADOS, indicadas por um PROCESSO VERBAL expressando SEMIOSE

representam a fala por meio de citação, relacionadas à PROJEÇÃO PARATÁTICA, ou a representam por meio de relato, relacionadas à PROJEÇÃO HIPOTÁTICA.

2.4 Categorias do PROCESSO VERBAL

A categorização de um tipo de PROCESSO, necessariamente envolve identificar também os PARTICIPANTES da ORAÇÃO. Assim, os critérios utilizados para a classificação desses e de outras especificidades das ORAÇÕES VERBAIS serão elucidados na subseção 3.2 de Metodologia e nesta, são apresentadas e exemplificadas essa e as outras categorias do PROCESSO VERBAL.

O PROCESSO VERBAL pode ter de um até três PARTICIPANTES. O PARTICIPANTE DIZENTE é obrigatório, pois não há ORAÇÃO VERBAL sem sua realização. Os outros PARTICIPANTES são VERBIAGEM, ALVO e RECEPTOR. No Quadro 7, ilustram-se os tipos de PARTICIPANTES com um exemplo em PB retirado do *corpus*²³. Os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito e os PARTICIPANTES sublinhados.

²³ Todos os exemplos apresentados nesta dissertação foram retirados do *corpus*.

Quadro 7 – Exemplos de PARTICIPANTES em PB

Tipo de PARTICIPANTE	Exemplos
DIZENTE	“E ainda assim <u>eu</u> juro que o senti arqueando sob minha mão.” (<i>Lord Jim</i> – TT2) <u>eu</u> → DIZENTE
VERBIAGEM	Depois de um longo intervalo ele disse: “Eles contaram <u>a história</u> segundo a versão deles”. (<i>Lord Jim</i> – TT2) <u>a história</u> → VERBIAGEM
ALVO	Pisavam duro, ofegavam, empurravam, amaldiçoavam <u>o bote, o navio, uns aos outros</u> , amaldiçoavam-me. (<i>Lord Jim</i> – TT2) <u>o bote, o navio, uns aos outros</u> → ALVO
RECEPTOR	Esqueça isso - murmurei-lhe . (<i>The Thin Man</i> – TT1) lhe → RECEPTOR Está bem — murmurei Ø. — Deixe-me primeiro levá-lo para a cama. (<i>The Thin Man</i> – TT1) Ø → sem PARTICIPANTE RECEPTOR

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *Lord Jim*, 2002 e *The Thin Man*, 1936.

PROCESSOS VERBAIS têm uma especificidade que é a capacidade de introduzir um novo plano de abstração, um novo nível de significado, que pode ser realizado por meio de PROJEÇÃO ou não, conforme mencionado na subseção anterior. São as seleções feitas pelos GRUPOS VERBAIS (GV) no SISTEMA ORDEM DE DIZER (ORDER OF SAYING) que indicam se há realização ou não de PROJEÇÃO.

No primeiro nível de DELICADEZA, os GRUPOS VERBAIS (GVs) que não realizam PROJEÇÃO selecionam a opção ATIVIDADE (ACTIVITY); os GVs que projetam selecionam SEMIOSE PROJETANTE (SEMIOSIS PROJECTING). O nível seguinte de DELICADEZA no SISTEMA ORDEM DE DIZER seleciona os tipos de ATIVIDADE (ACTIVITY) – fala (*talking*) e alvo (*targeting*) – e os tipos de SEMIOSE PROJETANTE de acordo com a relação LÓGICA estabelecida entre as duas ORAÇÕES do complexo: semiose projetante de citação (*semiosis projecting quoting*) – selecionada para relações PARATÁTICAS (citação ou discurso direto) – e semiose projetante de relato (*semiosis projecting reporting*) – selecionada em relações HIPOTÁTICAS (relato ou discurso indireto). No terceiro nível de DELICADEZA de ORDEM DE DIZER seleciona-se o MODO das ORAÇÕES MAIORES

projetadas: indicativa (*indicating*) ou imperativa (*imperating*) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 305). Os exemplos do Quadro 8 ilustram as categorias de ORDEM DE DIZER.

Quadro 8 – Exemplos das subcategorias de Ordem de Dizer em PB

ORDEM DE DIZER	Exemplos
atividade de conversa	Ouvii-me falar no convés ao segundo lugar-tenente e me chamou. (TT1) falar → não realiza PROJEÇÃO; indica atividade de conversa
atividade de alvo	Pisavam duro, ofegavam, empurravam, amaldiçoavam o bote, o navio, uns aos outros, amaldiçoavam-me. (TT2) amaldiçoar → não realiza PROJEÇÃO; indica atividade direcionada a um PARTICIPANTE ALVO
semiose projetante de citação modo indicativo	" <u>Não vai fazer alguma coisa?</u> " ²⁴ , indaguei . (TT1) "Não vai fazer alguma coisa?" → discurso citado; modo indicativo em relação PARATÁTICA
semiose projetante de relato modo indicativo	Ele se deleitava com isso. Muitas vezes me perguntei como Brierly conseguia suportar os modos daquele homem durante mais da metade da viagem . (TT2) como Brierly conseguia suportar (...) mais da metade da viagem. → discurso relatado no modo indicativo em relação HIPOTÁTICA
semiose projetante de citação modo imperativo	– <u>Sente-se disse</u> êle. (TT1) Sente-se → discurso citado no modo imperativo em relação PARATÁTICA
semiose projetante de relato modo imperativo	Sem perder tempo, eu lhe roguei , seriamente, <u>que ele parasse com aquela teimosia, e que entrasse e fechasse a porta</u> (...) (TT2) que ele parasse com aquela teimosia (...) → discurso relatado no modo imperativo em relação HIPOTÁTICA

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *Lord Jim*, 1939, 2002.

Ainda relacionada à capacidade de projetar dos PROCESSOS VERBAIS, a ORAÇÃO MAIOR projetada²⁵ seleciona no SISTEMA SEMÂNTICO FUNÇÃO DISCURSIVA a Função Semântica que desempenha na interação: proposição (*proposition*) quando indica uma troca de informações tipicamente realizada por ORAÇÃO no MODO indicativo; proposta (*proposal*) quando a ORAÇÃO realiza uma troca de bens e serviços, tipicamente no MODO imperativo (HALLIDAY;

²⁴ Alguns exemplos estão entre aspas enquanto outros não, porque eles estão reproduzidos aqui conforme estão nos textos de onde foram retirados.

²⁵ Ver Quadro 5 – Tipo de Verbo utilizados para projeção (p. 21).

MATTHIESSEN, 2014, p. 514). Exemplos em PB das duas subcategorias, retirados do *corpus*, estão apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 – Exemplos da categoria Função Semântica em PB

Função Semântica	Exemplos
proposição	“ <u>A menos que fosse nessa forma</u> ”, disse o sr. Wopsle, indicando a travessa. “A menos que fosse nessa forma” → ORAÇÃO indicando troca de informações no modo indicativo
proposta	“Ora, vê lá ”, explicou ele, “quem está sozinho nesse descampado...” vê lá → ORAÇÃO indicando troca de bens e serviços no modo imperativo

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *Great Expectations*, 2012.

Os verbos lexicais que realizam o PROCESSO VERBAL e que ao mesmo tempo realizam PROJEÇÃO são classificados pela categoria Tipo de Verbo. No Quadro 5, na subseção anterior, estão listadas as opções de Tipo de Verbo para o sistema do ING e no Quadro 10, apresentam-se exemplos em PB de cada subcategoria.

As opções de Tipo de Verbo são: membro geral (*general member*) – verbo mais genérico para representar a fala; verbo específico de fornecimento (*verb specific giving*), e verbo específico de demanda (*verb specific demanding*) – verbos lexicais que indicam FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à troca, ao propósito a que serve o ato de falar, respectivamente: oferta e demanda; verbo com característica circunstancial (*verb circumstantial feature*) – verbo que expressa informação circunstancial adicional relacionada ao turno da fala –; verbo de modo especificando conotação (*verb manner specifying connotation*) – verbo que expressa informação circunstancial relacionada à maneira como se fala (PAGANO, 2017, p. 85).

Quadro 10 – Exemplos da categoria Tipo de Verbo em PB

Tipo de Verbo	Exemplos
membro geral	— Podia passar por um major — disse o Sr. Blore. (TT1)
verbo específico de fornecimento	— Está bem — anunciou . — Dei-lhe um sedativo para tomar. (TT1)
verbo específico de demanda	O chofer do segundo veículo perguntou : — Não querem sentar-se para esperar? (TT1)
verbo com característica circunstancial	Ela respondeu de pronto: — Sim, tudo, eu acho. (TT2)
verbo de modo especificando conotação	Exclamou Vera: — Que fala foi essa? Quem era ele? Parecia... parecia... (TT1)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *And Then There Were None*, 1942,2009.

2.5 CIRCUNSTÂNCIAS

Os verbos lexicais do tipo membro geral são verbos mais genéricos representando a fala e, conforme apresenta Pagano (2017), na Literatura “‘say’ é o verbo padrão e o verbo lexical mais frequente na representação da fala”²⁶ (PAGANO, 2017, p. 109). Ao se utilizar esse Tipo de Verbo, podem ser utilizadas CIRCUNSTÂNCIAS (CIRCUMSTANCES) para acompanhá-lo com o fim de especificarem o ato de dizer (PAGANO, 2017, p. 85).

CIRCUNSTÂNCIAS são “elementos que aumentam a configuração de PROCESSOS + PARTICIPANTES, fornecendo informações sobre tempo e local, causa, contingência, dentre outras” considerando a perspectiva do significado (BRAGA, 2016, p. 24). Esse componente da ESTRUTURA TRANSITIVA da ORAÇÃO é prototipicamente realizado por FRASES PREPOSICIONAIS ou GRUPOS ADVERBIAIS (ADVERBIAL GROUPS), sob a perspectiva de BAIXO, no nível da ORAÇÃO. Além disso, as CIRCUNSTÂNCIAS são ADJUNTOS (ADJUNCTS), ou seja, não podem ter *status* de

²⁶ Nossa tradução para: “‘say’ is the norm and most frequent lexical verb in speech presentation” (PAGANO, 2017, p. 109).

RESPONSÁVEIS MODAIS (MODAL RESPONSIBILITY), considerando-se a perspectiva da ESTRUTURA MODAL.

Apesar de ainda não haver uma “descrição detalhada de CIRCUNSTÂNCIAS em português sob a perspectiva da LSF (...), elas) são vistas como funcionando, em sua grande maioria, de forma análoga às CIRCUNSTÂNCIAS em inglês” (BRAGA, 2016, p. 45), com a tendência de serem realizadas como GRUPO NOMINAL no sistema do português. Há vários tipos de CIRCUNSTÂNCIAS que se associam às noções de “quando?”, “onde?”, “como?”, “por quê?”, “quanto tempo?”, “quem mais?”, além de noções de localização e acompanhamento.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), as CIRCUNSTÂNCIAS DE INTENSIFICAÇÃO são as que estão relacionadas ao processo: especificam local e tempo em que ele ocorre, de que modo ele ocorre, a causa ou contingência de sua ocorrência, no Quadro 11 estão listadas seus subtipos. Há ainda CIRCUNSTÂNCIAS de extensão – apresentam a relação entre o PARTICIPANTE, um objeto ligado a ele e o PROCESSO –; de elaboração – explicitam o papel de um dos PARTICIPANTES –; de projeção – CIRCUNSTÂNCIAS equivalentes ao PARTICIPANTE VERBIAGE ou relacionadas ao DIZENTE (ORAÇÃO VERBAL) ou ao EXPERIENCIADOR (ORAÇÃO MENTAL) (BRAGA, p. 43).

Quadro 11 – Tipos de CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação e testes gramaticais

Tipo de CIRCUNSTÂNCIA de intensificação	Subtipo de CIRCUNSTÂNCIA de intensificação	Perguntas/teste
EXTENSÃO	DURAÇÃO	Por quanto tempo?
	FREQUÊNCIA	Quantas vezes?
LOCALIZAÇÃO	TEMPORAL	Quando?
	ESPACIAL	Onde?
	MEIO	Por quais meios?
DE MODO	QUALIDADE	Como?
	COMPARAÇÃO	Parecido com o que?
	GRAU	Com que intensidade?
CAUSA	RAZÃO	Por quê?
	PROPÓSITO	Para quê?
	BENEFÍCIO	Para quem?
DE CONTINGÊNCIA	DE CONDIÇÃO	Sob quais circunstâncias?
	DE CONCESSÃO	Apesar de quê?
	DE FALTA	Faltando o quê?

Fonte: BRAGA, 2016, p. 49-50 (adaptado).

Neste trabalho, são analisadas as CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação. Isso porque o enfoque desta pesquisa é o PROCESSO VERBAL e são essas as diretamente relacionadas ao PROCESSO. Além disso, as CIRCUNSTÂNCIAS consideradas são apenas aquelas que ocorrem junto a verbos do tipo membro geral, como “say” e “dizer”, com a finalidade de observar se, na relação de tradução ao especificarem o verbo membro geral, elas indicariam informações realizadas lexicalmente nos outros tipos de verbos (verbo específico de fornecimento; verbo específico de demanda; verbo com característica circunstancial; verbo de modo especificando conotação).

Alguns exemplos das CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação identificadas no *corpus* são apresentados no Quadro 12. O PROCESSO VERBAL está destacado em negrito e as FRASES

PREPOSICIONAIS, GRUPOS ADVERBIAIS ou GRUPOS NOMINAIS que realizam tais CIRCUNSTÂNCIAS estão sublinhados.

Quadro 12 – Exemplos de CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação

Tipo de CIRCUNSTÂNCIA de intensificação	Exemplo
DE MODO MEIO	Falou <u>com a voz macia dos moradores de Devon</u> .
DE MODO QUALIDADE	O juiz Wargrave <u>falou ríspidamente</u> : — Mas nós somos muitos.
LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	— Não é nada — <u>disse logo</u> .

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados de *And Then There Were None*, 1976, 2009.

2.6 Níveis narrativos e suas realizações lexicogramaticais

O *corpus* constituído para este estudo é composto por textos ficcionais narrativos, razão pela qual a abordagem teórica da Narratologia foi utilizada para seu embasamento.

Segundo Bal, (BAL, 2001, p. 15) “Narratologia é um conjunto de teorias de narrativas, textos, imagens espetáculos, eventos narrativos; de artefatos culturais que ‘contam uma história’. Essa teoria ajuda na compreensão, análise e avaliação de narrativas”²⁷. Sob essa perspectiva, texto narrativo é um todo finito e estruturado composto de signos verbais ou não verbais no qual um agente ou sujeito transmite uma história a um receptor (BAL, 2001, p. 16). Esse agente ou sujeito, tecnicamente, é o narrador.

Bal (2001) propõe que podem haver dois tipos de “falantes” presentes no texto – um que participa da fábula, e que seria um personagem, no caso das narrativas analisadas, e outro que

²⁷ Nossa tradução para: “Narratology is the ensemble of theories of narratives, narrative texts, images, spectacles, events; cultural artifacts that ‘tell a story.’ Such a theory helps to understand, analyse, and evaluate narratives.” (BAL, 2001, p. 15).

não participa, um narrador externo (BAL, 2001, p. 19). Numa perspectiva próxima à exposta por Bal (2001), Rimmon-Kenan apresenta que toda história tem um narrador, um contador, “no sentido de que qualquer declaração ou registro de declaração pressupõe alguém que tenha feito tal declaração”²⁸ (RIMMON-KENAN, 2005, p. 91).

Na estrutura de uma narrativa, segundo Rimmon-Kenan (2005), o nível mais elevado seria o nível extradiegético, ou seja, fora da história. Subordinado ao nível extradiegético, está o nível diegético em que ocorre a narração dos eventos propriamente dita, que podem ser atos de fala da narração, o que interessa a esta pesquisa. Pode haver narrações dentro da história, por exemplo, quando um personagem conta uma história dentro de sua fala, o que ocorre no segundo nível da narrativa. Essas narrações dentro da história são chamadas de hipodieéticas. O processo de narração dentro de outra narração pode ser múltiplo, como uma boneca russa: “narrativas dentro de narrativas criam uma estratificação de níveis em que cada narrativa interna está subordinada à narrativa dentro da qual ela está encaixada.”²⁹ (RIMMON-KENAN, 2005, p. 94).

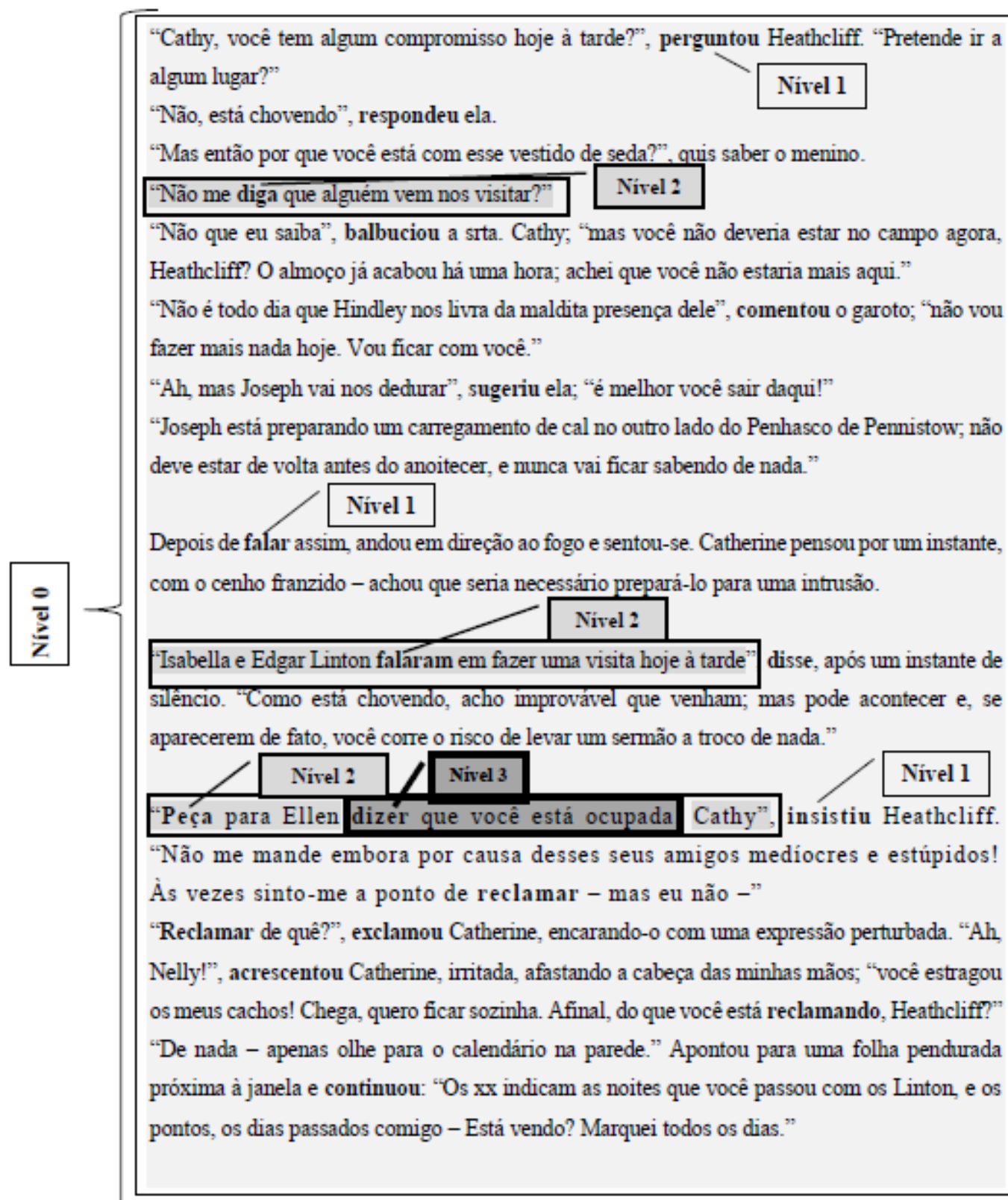
Nesta pesquisa, o nível extradiegético, é considerado o nível zero, ou seja, o nível da narração da história. Para esta análise são considerados os níveis narrativos a partir do primeiro nível diegético, nomeado como nível 1: nele é realizado a narração dos eventos, incluindo os atos de fala da narração. O nível 2 é o primeiro nível hipodieético: a indicação da fala dentro do ato de fala no nível 1, o momento em que o narrador cederia o turno de fala para um personagem. O nível 3 ocorre quando há a reprodução da fala dentro do ato de fala no nível 2. Os próximos níveis, a partir do 4, seguem a mesma lógica do nível 3.

Na Figura 6 são apresentados os níveis narrativos em relação aos PROCESSOS VERBAIS, conforme foram utilizados nesta pesquisa.

²⁸ Nossa tradução para: “in the sense that any utterance or record of an utterance presupposes someone who has uttered it” (RIMMON-KENAN, 2005, p. 91).

²⁹ Nossa tradução para: “Such narratives within narratives create a stratification of levels whereby each inner narrative is subordinate to the narrative within which it is embedded.” (RIMMON-KENAN, 2005, p. 94).

Figura 6 – Níveis narrativos dos PROCESSOS VERBAIS



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo extraído de *Wuthering Heights*, 2011

Na Figura 6, o nível zero é o externo; o nível 1 está em cinza claro; o nível 2 em cinza médio, com a ORAÇÃO delimitada por uma margem. Finalmente, o nível 3 está destacado em cinza escuro, com ORAÇÃO delimitada por uma margem mais grossa.

No nível zero, extradiegético, está a narração da história sob a responsabilidade do narrador. No nível 1, nível diegético, o narrador relata o ato de fala dos personagens Heathcliff (“**perguntou**”, “**insistiu**”) e Catherine (“Depois de **falar** assim”). No nível 2, hipodiegético, há a indicação de um ato de fala (“Isabella e Edgar Linton **falaram...**”) dentro da fala da personagem Catherine e da fala de Heathcliff (“**Peça** para Ellen ...”). No nível 3, outro nível hipodiegético, o personagem Heathcliff indica um ato de fala dentro de sua fala (“**dizer** que você está ocupada”).

2.6.1 Narratologia e realizações lexicogramaticais

A representação das trocas dialógicas pode ocorrer de duas formas: uma mais evidente, quando os diálogos são citados e os falantes são identificados; ou outra menos evidente, quando parece que não há narrador porque só constam os diálogos (RIMMON-KENAN, 2005, p. 99). Segundo Rimmon-Kenan (2005) há certas características que indicam a presença maior ou menor do narrador e podemos relacioná-las a categorias de representação da fala apresentadas na subseção 2.4.

Traçando um paralelo entre as características de representação das trocas dialógicas e categorias da LSF que podem ser associadas a elas, verifica-se que a ocorrência evidente de um ato de fala, que indica a também evidente presença do narrador, pode ser associada aos PROCESSOS VERBAIS que realizam ATIVIDADE: atividade de conversa e atividade de alvo (em negrito no Exemplo 1).

Exemplo 1:

Ouviu-me falar no convés ao segundo lugar-tenente e me chamou...	falar → atividade de conversa (<i>Lord Jim</i> , 1939).
Pisavam duro, ofegavam, empurravam, amaldiçoavam o bote, o navio, uns aos outros, amaldiçoavam-me.	amaldiçoar → atividade de alvo (<i>Lord Jim</i> , 2002)

Quando há a representação de um evento de fala (falar, amaldiçoar), além de sua menção, a presença do narrador é evidente porque ele nomeia o tópico do que é dito. A nomeação do item mencionado pode ser associada ao PARTICIPANTE VERBIAGEM (sublinhado no Exemplo 2).

Exemplo 2: “Eles **contaram** a história segundo a versão deles”. (*Lord Jim*, 2002).

Ao parafrasear indiretamente o conteúdo do que é dito (discurso indireto), a presença do narrador já não é tão evidente. Neste caso, pode-se ignorar a forma e o estilo da declaração original ou, apesar de o evento discursivo ser parafraseado, pode-se criar uma ilusão de manutenção ou reprodução de aspectos do estilo original da fala relatando seu conteúdo. Essas duas formas associam-se à subcategoria de Ordem de Dizer semiose projetante de relato, que classifica uma relação HIPOTÁTICA entre a ORAÇÃO que indica a fala (em negrito) e a que a reproduz (sublinhada no Exemplo 3).

Exemplo 3: Muitas vezes **me perguntei** como Brierly conseguia suportar os modos daquele homem durante mais da metade da viagem. (*Lord Jim*, 2002).

A ocorrência de discurso direto se dá com a citação de um diálogo ou monólogo e cria a ilusão de mimese pura, ou seja, a ilusão de ausência do narrador. A subcategoria correspondente a ela é a Ordem de Dizer semiose projetante de citação, em que há uma relação paratática entre a oração que indica a fala (em negrito) e a que a reproduz (sublinhada no Exemplo 4).

Exemplo 4: "Não vai fazer alguma coisa?", **indaguei**. (*Lord Jim*, 1939).

2.7 Representação da fala e PROCESSOS VERBAIS em estudos anteriores

PROCESSOS VERBAIS são recursos da língua que permitem a representação da fala, conforme já apresentado anteriormente (2.3). Esses recursos são nomeados como verbos de elocução ou verbos *discendi* na gramática tradicional (BECHARA, 2008) e frequentemente despertam a atenção de pesquisadores da linguagem. Nas relações de tradução entre textos, estudos abordando recursos de representação da fala são bastante produtivos, especialmente analisando

textos ficcionais. A seguir são apresentadas questões abordadas em pesquisas relacionadas a esse tema e ao estudo motivador desta.

Jesus (2008), na pesquisa “Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais”, analisou os verbos lexicais “say”/“dizer” em corpora paralelos bidirecionais em textos com e sem relação de tradução. Na análise de textos não traduzidos, observou que o padrão predominante de “say” é de ocorrência em projeção de citação (71,1%) na maioria dos casos, enquanto que para “dizer” não foi observado um padrão único: projeção de citação ocorreu em 28% dos casos e a de relato em 48,5%, o que indica que haveria probabilidade menor de correspondência entre “say” e “dizer” no caso de projeção de citação. Na análise de textos traduzidos, observou que “say”/“dizer” ocorrem como equivalentes tradutórios na maioria dos casos, sendo que a equivalência é maior na direção inglês para português. “Say”/“dizer” são traduzidos utilizando outros verbos lexicais realizando o PROCESSO VERBAL e também utilizando GRUPOS NOMINAIS (GN). As ocorrências de equivalência com GNs se dão em menor proporção que as de equivalência entre GRUPOS VERBAIS. Foram encontrados casos em que a ORAÇÃO VERBAL realizada por “say”/“dizer” foi omitida, indicando a tendência, na tradução para o português, de discurso direto livre, ou a citação sem oração projetante. Observou-se também que o uso de “dizer” é mais frequente em orações de relato que nas de citação no sistema do português. As análises apontaram ainda que o verbo lexical “say” pode realizar PROJEÇÕES mais variadas no sistema do inglês que o verbo “dizer” no português: “say” pode ser usado em PROJEÇÕES nos três modos (*i.e.*, declarativo, interrogativo e imperativo); “dizer” não ocorre tipicamente na PROJEÇÃO no modo interrogativo (“perguntar” é o mais típico) e tampouco no modo imperativo (sendo “pedir” o mais típico). Uma das perguntas de Jesus (2008) em aberto é: “quais seriam os outros itens dos textos originais (IO e PO) que foram traduzidos por “say”/“dizer” nos textos traduzidos (IT e PT)” (JESUS, 2008, p. 135), nesta pesquisa buscou-se identificar quais outros verbos lexicais foram traduzidos por “say”/“dizer”.

No trabalho intitulado “Com palavras minhas: a tradução de verbos de elocução neutros no *corpus* paralelo *The Adventures of Huckleberry Finn – As Aventuras de Huck*”, Alves e Pagano (2016) investigaram os padrões de escolha de verbos de elocução neutros (“say”, inglês e “dizer”, português) em citações paratáticas. A questão motivadora do estudo foi “investigar uma possível tendência de não (re)textualização dos PROCESSOS VERBAIS em “romances” traduzidos para o português brasileiro (em prol do uso do discurso direto livre)” (ALVES e PAGANO, 2016, p. 41). Os resultados mostraram uma tendência para a escolha do verbo neutro

em inglês, 90,6%, enquanto na tradução para o português há uma tendência de se empregar uma variedade bem maior de verbos de elocução, com 80 verbos diferentes no *corpus* analisado, com a escolha do verbo “dizer” sem tanto destaque (23,9%). Os verbos de elocução mais solicitados, na tradução para o português, apresentam a cronologia do discurso (características da situação de fala e papel do narrador) e nomeiam os atos e fala. Assim, conclui-se que o uso de tais verbos “indica uma tentativa de explicitar a interação entre os personagens por meio dos verbos de elocução” (ALVES; PAGANO, 2016, p. 51). Questões propostas para estudos posteriores foram: qual é o impacto da escolha de verbos de elocução sinalizando função da fala, característica adicional da fala, e característica do modo da fala na tradução do verbo neutro “say”; qual é o impacto da “tendência a não (re)textualização de verbos de elocução neutros nas traduções para o português brasileiro” (ALVES; PAGANO, 2016, p. 54).

Alina de Paula (2014), no trabalho “Estudo comparativo do processo verbal do par linguístico português brasileiro–inglês na história em quadrinhos da Turma da Mônica” analisou ocorrências de PROCESSOS VERBAIS na relação de tradução português–inglês. Nos textos originais em português, os verbos lexicais mais frequentes foram “dizer” e “falar”; nas traduções para o inglês foram “say” e “tell”. Além disso, encontrou uma variedade maior de verbos lexicais realizando processos verbais em português (12) que em inglês (08). Verificou que nas duas línguas há predominância de PROCESSOS VERBAIS realizando PROJEÇÕES, no entanto a diferença entre ATIVIDADE e SEMIOSE (indicador de projeção) na tradução para o inglês foi mais elevada: 70%, em contraste com 40% no português. Na realização de atividade, os dois sistemas operam de maneira análoga: 94% das ocorrências são de atividade de conversa e 6% de atividade de alvo. O mesmo ocorre para o tipo de PROJEÇÃO: tanto em português, quanto em inglês, em 100% dos casos, ocorre projeção do tipo relato, sendo a maioria de relatos do tipo indicação nos dois sistemas. A maioria dos casos analisados selecionou a opção não receptor: 64% em português e 72% em inglês. Observou-se que os tipos de mudanças/*shifts* que ocorreram foram no nível lexicogramatical, nas categorias da METAFUNÇÃO. A sugestão para pesquisas futuras foi de um estudo a respeito dos tipos de mudanças realizadas na relação de tradução.

Guimarães (2015), na pesquisa intitulada “Processos verbais em traduções de romances policiais: uma busca por padrões em inglês e português brasileiro”, examinou os PROCESSOS VERBAIS em passagens dialógicas do *corpus* paralelo bilíngue, constituído por excertos de “romances policiais” originais em inglês e suas traduções para o português brasileiro. O *corpus*

utilizado na presente pesquisa é uma ampliação do que foi utilizado naquela. No trabalho anterior, foram comparadas as realizações de PROCESSOS VERBAIS nos TOs e TTs para encontrar seus padrões mais frequentes de realização. Se concluiu que há uma ocorrência majoritária de correspondência formal na tradução de PROCESSOS VERBAIS com frequência média de 63,2%. O sistema TYPE OF VERB (TIPO DE VERBO) é o que mais sofre mudanças/*shifts* e é esse o sistema que apresenta maior variedade de escolhas nas traduções para o português brasileiro em relação aos originais. Concluiu-se ainda que a variedade de verbos lexicais nas traduções é bem maior que nos textos originais, com o Tipo de Verbo verbo com característica circunstancial (*verb circumstantial feature*) ocorrendo duas vezes mais nas traduções do que nos originais. Finalmente, o SISTEMA RECEPÇÃO (RECEPTION) funciona de modo análogo nos TOs e TTs, exceto para o “romance” de gênero literário distinto ao policial. Assim, a questão que ficou em aberto é se há realmente similaridade do SISTEMA RECEPTION nas duas línguas (inglês e português) e se o gênero literário influencia nessa escolha. Sugestões para outras pesquisas foram de aprofundar no estudo do SISTEMA de PROCESSOS VERBAIS NA TRADUÇÃO (VERBAL_PROCESS_IN_TRANSLATION) e de buscar outras regularidades nas traduções de PROCESSOS VERBAIS no par inglês/português brasileiro.

2.7.1 O ponto de partida

O objetivo desta pesquisa é evidenciar uma tendência análoga aos resultados obtidos no estudo “A Contextual Approach to Translation Equivalence” de Pagano (2017). Portanto, uma síntese dele é apresentada a seguir para expor o ponto de partida deste trabalho.

Pagano (2017, p. 73) analisou “diálogos ficcionais em um *corpus* de tradução como um estudo de caso sob a perspectiva contextual da equivalência em tradução, baseada em evidências quantitativas e análise sociocultural dos textos do *corpus*.³⁰”. Seus objetivos foram identificar as diferenças na reconstrução de PROCESSOS VERBAIS para a representação da fala entre

³⁰ Nossa tradução para: “(...) I shall be looking at fictional dialogue in a translation corpus as a case study in a contextual approach to translation equivalence informed by quantitative corpus evidence and sociocultural analysis.” (PAGANO, 2017 p. 73)

primeiras traduções e retraduições, em termos de equivalência textual; assinalar o impacto que o gênero literário tem na seleção de recursos para a tradução das ORAÇÕES VERBAIS; distinguir os padrões de uso de verbos de representação de fala considerando o contexto e o metacontexto; e verificar a aplicabilidade da chamada hipótese de retradução de Berman (1990).

O *corpus* utilizado teve como critério de compilação principal a seleção de traduções realizadas na Era de Ouro da tradução na América Latina, período entre 1930-1950, que correspondeu ao crescimento da indústria cultural e desenvolvimento do mercado editorial, motivados pelo aumento da demanda do público leitor. O *corpus* inclui excertos dos textos originais, das primeiras traduções da Era de Ouro e das retraduições publicadas nos anos 2000.

A perspectiva da análise contextual situa os textos desde um ambiente mais global – o CONTEXTO DE CULTURA – até um ambiente mais local – lexicogramática, incluindo o metacontexto da tradução. No polo mais local da instanciamento, são analisados recursos linguísticos, especificamente PROCESSOS VERBAIS para a representação da fala, característicos de um tipo de texto, os “romances”. Esses tipos de texto são estabelecidos em situações específicas, a recriação de eventos do universo humano por meio de narrativa, dentro de domínios ou instituições da cultura em que estão inseridos – a literatura, por exemplo. Esses domínios compõem o potencial cultural de uma comunidade (o polo mais global). A análise contextual dos textos é feita considerando que a restrição nas escolhas é motivada pela relação de tradução, pelas formas diferentes de instanciar significados, relacionadas aos diferentes sistemas linguísticos envolvidos, pelas estratégias utilizadas buscando facilitar o acesso e atrair os leitores às traduções de “romances” ditos populares e os chamados clássicos em dois períodos distintos (1930-1950 e anos 2000).

Partindo de Halliday (1992), Pagano (2017) estabelece que a tradução é uma recriação guiada de significados, ou seja, condicionada a parâmetros contextuais. Assim, traduções diferentes de um mesmo texto indicam diferentes escolhas potenciais na língua alvo e revelam o contexto em que as traduções foram realizadas, ou seja, mudanças/*shifts* no contexto.

São expostas concepções sobre representação da fala, as maneiras como a fala de narradores e personagens são apresentadas em textos narrativos, baseadas em Leech e Short (1981), Semino e Short (2004), Toolan (2009) e na LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2014), e são apresentados uma série de estudos sobre a representação da fala na tradução. Aponta-se ainda

o que é retradução principalmente segundo Berman (1990) e Papoloski e Koskien (2010) e apresenta-se o contexto histórico da Era de Ouro da tradução na América Latina.

Por meio das várias etapas de análise, Pagano (2017) observou que os padrões de PROCESSOS VERBAIS das retraduições (TT2s) se aproximam mais dos textos originais (TOs) que das primeiras traduções (TT1s). Tal relação entre TOs, TT1s e TT2s foi indicado pela relação de equivalência textual mais elevada nas retraduições, o que poderia validar a chamada hipótese da retradução de Berman e demonstra a ocorrência de mudanças/*shifts* relacionados aos CONTEXTOS DE CULTURA em que se situa cada tradução. O gênero literário dos textos impacta as escolhas no SISTEMA do PROCESSO VERBAL: o verbo lexical “say” é utilizado com frequência mais alta nos “romances policiais” que no “romance” de outro gênero literário; a ocorrência de PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 2 é superior em “romance” de outro gênero em relação aos “romances policiais”. Os textos originais e traduzidos têm padrões de PROCESSOS VERBAIS distintos: há mais variedade na seleção de verbos lexicais realizando PROCESSOS VERBAIS nos textos traduzidos; nas traduções é frequente a omissão das orações de relato quando o verbo que realiza o relato no texto original é o do tipo mais genérico. Isso corrobora a noção de que no metacontexto, mudanças/*shifts* locais indicam diferenças mais globais, ou seja, no CONTEXTO DE CULTURA de cada texto produzido. E essas foram, portanto, as diretrizes que serviram de ponto de partida para a presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

Este trabalho utiliza *corpus* como ferramenta, seguindo a orientação Sistêmico-Funcional relativa à compilação, baseada na relação entre língua e contexto e à investigação da linguagem e seu uso.

Corpus é um conjunto de textos agrupados seguindo critérios de representatividade, balanceamento e amostragem, que pode ser estudado linguisticamente, conforme postula Wu (2009). No entanto, não há como se certificar se um *corpus* é suficientemente extenso e representativo, uma vez que ele é composto por amostragens da língua e não pode conter todas as suas instâncias. Na teoria Sistêmico-Funcional, utiliza-se o conceito de agnação – a relação de probabilidade de ocorrência de um item em determinado ambiente – para verificar as possibilidades de instanciação do sistema e verificar a validade dos dados empíricos. Assim, *corpus* é uma fonte de dados empíricos, que sob a perspectiva Sistêmico-Funcional, é um conjunto de instâncias do sistema da língua, que indicam outras possibilidades de agnação no sistema (SÁ, 2016).

As subseções seguintes apresentam o *corpus* utilizado, os métodos e ferramentas utilizados para a compilação das amostras, bem como a identificação, extração e anotação das ORAÇÕES VERBAIS.

3.1 Corpus de estudo

O *corpus* utilizado para esta pesquisa é composto por amostras de textos rotulados pela instituição Literatura como “romance”, incluindo textos originais em inglês (ING) e suas primeiras traduções e retraduações para o português brasileiro (PB).

A compilação de um *corpus* de estudo, segundo a teoria LSF, deve considerar a relação entre língua e contexto. “Um texto é uma instância de significado social em um determinado contexto

de situação” e a “estrutura semiótica de um tipo de situação pode ser representada em termos dos três conceitos gerais de campo, sintonia e modo”³¹(HALLIDAY, 1978, p. 114-115). A descrição da configuração dessas três subcategorias está detalhada na subseção 2.3.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é paralelo bilíngue (inglês – português brasileiro) compilado em duas etapas no âmbito do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG. A primeira etapa da compilação, descrita em pesquisas anteriores (GUIMARÃES, 2015; PAGANO, 2017) compreendeu dois “romances policiais” e um “romance” de gênero literário diferente, sendo originais em ING e suas respectivas primeiras traduções e retraduições em PB. Na segunda etapa foram acrescentados mais três “romances” originais em ING, mais suas respectivas primeiras traduções e retraduições para o PB: um policial e dois de gênero literário diferente, que nomeamos como “romance não policial” para indicar a oposição ao outro gênero. Essa ampliação se deu para que a amostra se tornasse mais equilibrada, com a mesma quantidade de “romances” de cada tipo.

Os critérios de compilação do *corpus* foram: i) os “romances” foram publicados originalmente em inglês; ii) as primeiras traduções para o PB foram publicadas nas décadas de 1930-1950 (PAGANO, 2017); iii) as retraduições para PB são das décadas de 2000-2010, (PAGANO, 2017). Assim, esse *corpus* é constituído por ao todo seis “romances” em ING e suas primeiras traduções e retraduições em PB, sendo três “romances” rotulados pela Literatura como “romances policiais” e três “romances” de gêneros literários diferentes, nomeados nesta pesquisa como “romances não policiais”.

Para facilitar a identificação dos textos de onde as amostras foram retiradas, utilizou-se etiquetas compostas pelas iniciais do nome original do “romance” seguido de TO, para o texto original, de TT1 para as primeiras traduções, e de TT2 para as retraduições, conforme pode ser observado no Quadro 13.

³¹ Nossa tradução para: “a text is an instance of social meaning in a particular context of situation.” (HALLIDAY, 1978 p. 114); “The semiotic structure of a situation type can be represented in terms of the three general concepts of field, tenor and made.” (HALLIDAY, 1978 p. 115)

Quadro 13 – *Corpus* de pesquisa

Tipo de “romance”	Idioma do texto	Referência	Etiqueta
“Romances policiais”	Texto original inglês	HAMMETT, Dashiell. (1934) <i>The thin man</i> . Harmondsworth: Penguin, 1935.	TM_TO
	Tradução em PB	HAMMETT, Dashiell. (1936) A ceia dos acusados. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo; Abril, 1984. (Série Negra)	TM_TT1
	Retradução em PB	HAMMETT, Dashiell. O homem magro. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.	TM_TT2
	Texto original inglês	MCCOY, Horace. (1935) <i>They shoot horses, don't they?</i> London/New York: Serpent's Tail, 1995.	TSH_TO
	Tradução em PB	MCCOY, Horace. (1947). Mas não se mata cavalo? Trad. Érico Veríssimo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Tucano)	TSH_TT1
	Retradução em PB	MCCOY, Horace. A noite dos desesperados. Trad. Renato Pompeu. São Paulo: Sá Editora, 2000.	TSH_TT2
	Texto original inglês	CHRISTIE, Agatha. (1935) <i>And Then There Were None</i> . de Agatha Christie (1939)	ATTWN_TO
	Tradução em PB	CHRISTIE, Agatha. (1942) O caso dos dez negrinhos. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, 1976.	ATTWN_TT1
	Retradução em PB	CHRISTIE, Agatha. E não sobrou nenhum. Trad. Renato Marques de Oliveira: Editora Globo, 2009.	ATTWN_TT2
“Romances não policiais”	Texto original inglês	CONRAD, Joseph. <i>Lord Jim</i> . 1900.	LJ_TO
	Tradução em PB	CONRAD, Joseph. (1939) Lorde Jim. Trad. Mário Quintana. Porto Alegre: Globo, 1971. (Coleção Os Imortais da Literatura Universal)	LJ_TT1
	Retradução em PB	CONRAD, Joseph. Lord Jim; um romance. Trad. Julieta Cupertino. Rio de Janeiro; Revan, 2002.	LJ_TT2
	Texto original inglês	DICKENS, Charles. <i>Great Expectations</i> , London: Chapman and Hall, 1861.	GE_TO
	Tradução em PB	DICKENS, Charles. Grandes Esperanças. Trad. Alceu Masson, RS: Globo, 1942.	GE_TT1
	Retradução em PB	DICKENS, Charles. Grandes Esperanças. Trad. Paulo Henriques Brito. SP: Companhia das Letras, 2012.	GE_TT2 (cont.)

Tipo de “romance”	Idioma do texto	Referência	Etiqueta
	Texto original inglês	BRONTE, E. (1847) <i>Wuthering Heights</i> , 2010.	WH_TO
	Tradução em PB	BRONTE, E. Morro dos ventos uivantes. Trad. Oscar Mendes. Porto Alegre: Editora Globo, 1938.	WH_TT1
	Retradução em PB	BRONTE, E. O morro dos ventos uivantes. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: L&PM Pocket, 2011.	WH_TT2

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

A partir de cada um dos “romances” selecionados foram compiladas amostras seguindo estes passos:

- i) Digitalização dos textos não eletrônicos utilizando *scanner* e armazenamento em arquivo de texto (.txt);
- ii) Extração de 10 amostras não probabilísticas intencionais³² dos textos originais em ING, contendo aproximadamente 300 palavras, em trechos de diálogos (uma vez que nesses excertos era mais provável que houvesse a realização de PROCESSOS VERBAIS);
- iii) Extração de 10 amostras de trechos correspondentes das primeiras traduções e de 10 amostras das retraduições.

Tendo as 180 amostras preparadas, sendo 30 amostras (10 dos TOs, 10 dos TT1s e 10 de TT2s) de cada um dos seis “romances”, passou-se para a próxima etapa. Nela, para cada amostra seguiram-se os passos:

- 1) Segmentação dos excertos em ING e PB em ORAÇÕES MAIORES;

³² Amostras intencionais ou por julgamento são realizadas com base em um critério e são utilizadas quando é necessário obter uma amostra representativa. (OLIVEIRA, 2001) Neste caso, o critério foi a existência de PROCESSOS VERBAIS e uma amostra representativa compreenderia o maior número possível de ORAÇÕES VERBAIS, frequentemente encontradas em trechos de diálogo.

2) Identificação das ORAÇÕES VERBAIS utilizando os parâmetros propostos em Guimarães (2015) que respondem às seguintes questões:

- a) Há relações simbólicas expressas verbalmente por meio de enunciado? Se sim, quais?
- b) Existe um verbo de fala ou que represente a fala metaforicamente? Se sim, qual?
- c) Há um ser DIZENTE que é um ser consciente ou dotado de consciência? Se sim, qual?
- d) Além do DIZENTE, outro PARTICIPANTE (RECEPTOR, VERBIAGEM) é selecionado? Se sim, quais?
- e) A oração projeta fenômenos de segunda ordem: locução ou citação, direta ou indireta, (conforme descrição na subseção 2.3 sobre PROCESSO VERBAL)? Se sim, quais?

No Exemplo 5 estão ilustradas ORAÇÕES potencialmente VERBAIS e o Quadro 14 mostra como foram respondidas as questões/parâmetros para cada uma delas, a fim de identificar se eram ou não ORAÇÕES VERBAIS.

Exemplo 5 (potenciais ORAÇÕES VERBAIS destacadas em negrito):

(i) — Já está quase correndo, Nelly — **respondeu ele**, com um alegre sorriso. (*Wuthering Heights*, 1938).

(ii) Sou famoso pela minha vista. Acho que foi por isso que **me chamaram**. (*Lord Jim*, 2002).

Quadro 14 – Exemplo de respostas para a identificação de uma ORAÇÃO VERBAL

Perguntas/parâmetros	Respostas	
	(i)	(ii)
Há relações simbólicas expressas verbalmente por meio de enunciado? Se sim, quais?	Réplica a uma questão (responder)	Demanda pela presença de alguém (chamar)
Existe um verbo de fala ou que represente a fala metaforicamente? Se sim, qual?	responder (respondeu)	chamar (chamaram)
Há um ser DIZENTE que é um ser consciente ou dotado de consciência? Se sim, qual?	ele	morfologia do verbo -aram (eles)
Além do DIZENTE, outro PARTICIPANTE (RECEPTOR, VERBIAGEM) é selecionado? Se sim, quais?	—	RECEPTOR: me (eu)
A oração projeta fenômenos de segunda ordem: locução ou citação, direta ou indireta? Se sim, quais?	Já está quase correndo, Nelly.	—
São ORAÇÕES VERBAIS?	sim	sim

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

3) Transcrição das ORAÇÕES VERBAIS para planilhas de editor de planilhas (Microsoft Excel®), cujas abas foram nomeadas: original (ORAÇÕES em ING), trad 1 (ORAÇÕES em PB dos excertos das primeiras traduções) e trad 2 (ORAÇÕES em PB dos excertos das retraduações);

4) Alinhamento das ORAÇÕES originais e ORAÇÕES traduzidas nas planilhas eletrônicas, por meio da numeração das ORAÇÕES, conforme destacado na Figura 7.

A Figura 7 é uma reprodução da imagem das abas, original, trad 1 e trad 2, da planilha eletrônica correspondente à amostra 2 do “romance” *And Then There Were None*, para ilustrar a forma de alinhamento das ORAÇÕES.

Figura 7 – Captura de telas das abas na planilha eletrônica

id	verbal_clause
5	He answered: "Yes, travelling by train is rather trying in this weather."
6	Vera said conventionally:
7	I do hope it lasts - the weather, I mean.
8	With a slight lack of originality Lombard asked: "Do you think the world is well?"
9	She added quickly, conscientiously determined to make her position clear at once, "I haven't even seen my employer."
10	He said: "Isn't that rather unusual?"
11	zero
12	zero
13	Lombard said: "I don't know. I haven't seen it."
14	"Oh, really? The Owens are frightfully keen on it, I suppose."
15	14 are they like? Do tell me."

id	verbal_clause
1	1 — Eu também nunca estive por aqui — disse o juiz.
2	O chofer do segundo veículo perguntou: — Não querem sentar-se para esperar?
3	2 — De modo algum — respondeu Vera, decidida.
4	O Cap. Lombard sorriu e observou: — Aquela parede banhada pelo sol tem um aspecto mais atraente.
5	5 zero
6	6 zero
7	7 zero
8	8 zero
9	Lombard perguntou, com uma ligeira falta de originalidade: — Conhece bem esta região?
10	Vera acrescentou, resolvida a esclarecer imediatamente a sua posição: — Nem sequer ainda encontrei o meu empregador.
11	10 — Não acha isso um tanto fora do comum? — perguntou.
11	10 Ele perguntou: — Não acha isso um tanto incomum? A secretária particular dele adoeceu subitamente e telegrafou a uma

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Assim, o conjunto de 60 planilhas (com três abas cada) com as ORAÇÕES VERBAIS constituiu o *corpus* de estudo utilizado. Na subseção seguinte apresenta-se os próximos passos metodológicos para a obtenção do *corpus* de análise.

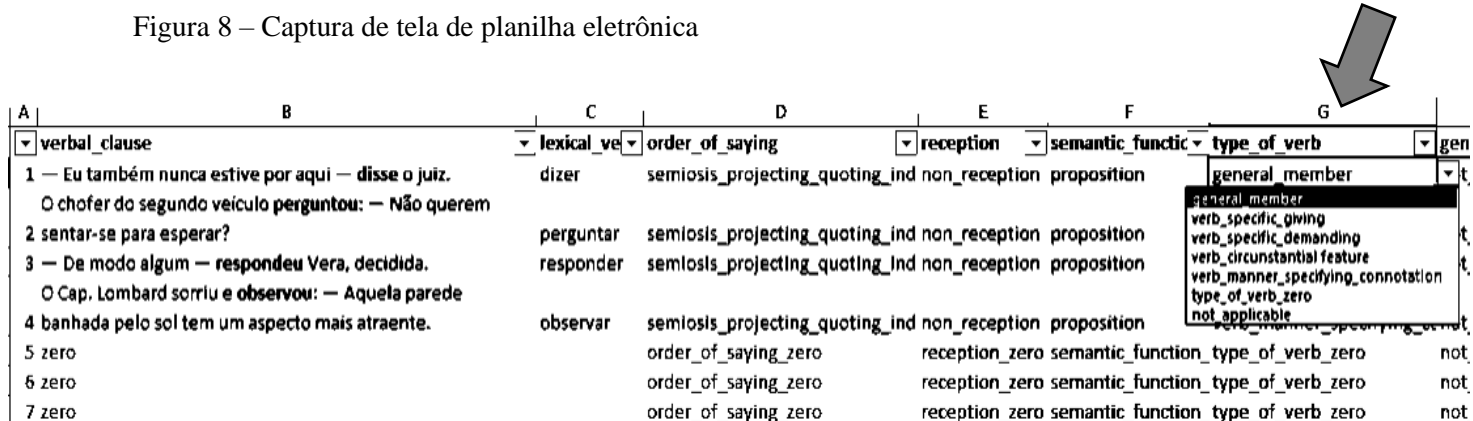
3.2 Metodologia de análise

A partir do *corpus* de estudo, gerou-se o *corpus* de análise composto pelas ORAÇÕES VERBAIS dos textos originais (TOs), de suas primeiras traduções (TT1s) e retraduações (TT2s). O primeiro passo foi transcrever, na terceira coluna das planilhas, nomeada “lexical verb”, o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL, quando realizado. As outras colunas das planilhas do *corpus* de estudo correspondem a categorias baseadas em classificações gramaticais, tradutórias e narratológicas, que permitem comparação interlinguística.

A anotação dessas colunas se deu de forma semiautomática, o que significa que a ferramenta de validação de dados foi aplicada às células de cada coluna, de modo que as subcategorias na

lista suspensa fossem somente as que são aplicáveis a cada categoria e, para selecioná-las, bastaria clicar em cima da opção correspondente. A Figura 8 é uma reprodução da aba “trad 1” da planilha em que foi anotada a amostra 2 do “romance” *And Then There Were None*. Ela ilustra como foi feita a distribuição das categorias por coluna e tem como destaque a lista suspensa da categoria “type of verb”, Tipo de Verbo.

Figura 8 – Captura de tela de planilha eletrônica



A	B	C	D	E	F	G	
verbal_clause		lexical_verb	order_of_saying	reception	semantic_function	type_of_verb	general member
1 — Eu também nunca estive por aqui — disse o juiz. O chofer do segundo veiculo perguntou: — Não querem	dizer	semiosis_projecting_quoting_ind	non_reception	proposition			
2 sentar-se para esperar?	perguntar	semiosis_projecting_quoting_ind	non_reception	proposition			
3 — De modo algum — respondeu Vera, decidida. O Cap. Lombard sorriu e observou: — Aquela parede	responder	semiosis_projecting_quoting_ind	non_reception	proposition			
4 banhada pelo sol tem um aspecto mais atraente.	observar	semiosis_projecting_quoting_ind	non_reception	proposition			
5 zero		order_of_saying_zero		reception_zero	semantic_function	type_of_verb_zero	not
6 zero		order_of_saying_zero		reception_zero	semantic_function	type_of_verb_zero	not
7 zero		order_of_saying_zero		reception_zero	semantic_function	type_of_verb_zero	not

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

As categorias gramaticais são baseadas na teoria LSF e estão listadas no Quadro 15 a seguir. Cada subcategoria equivale a uma opção da lista suspensa de cada célula das colunas que correspondem às categorias.

Quadro 15 – Categorias gramaticais

Categoria	Especificação	Subcategorias
Order of saying (Ordem de Dizer)	Identifica a ocorrência de PROJEÇÃO (“semiosis”) e quando há, o tipo de PROJEÇÃO: citação (“quoting”) ou relato (“reporting”) e o modo: indicativo ou imperativo	activity talking (atividade de conversa)
		activity targeting (atividade de alvo)
		semiosis projecting quoting indicating (semiose projetante de citação indicativa)
		semiosis projecting quoting imperating (semiose projetante de citação imperativa)
		semiosis projecting reporting indicating (semiose projetante de relato indicativa)
		semiosis projecting reporting imperating (semiose projetante de relato imperativa)
		semiosis non projecting verbiage (semiose não projetante verbiagem)
		semiosis non projecting no verbiage (semiose não projetante sem verbiagem)
		order of saying zero (ordem de dizer zero)
Reception (Recepção)	Identifica a seleção ou não do PARTICIPANTE RECEPTOR	reception (recepção)
		non-reception (não recepção)
		reception zero (recepção zero)
Semantic Function (Função Semântica)	Selecionada quando há PROJEÇÃO; identifica a FUNÇÃO DISCURSIVA da ORAÇÃO PROJETADA.	proposition (proposição)
		proposal (proposta)
		semantic function zero (função semântica zero)
Type of verb (Tipo de Verbo)	Selecionada quando há PROJEÇÃO; identifica o Tipo de Verbo lexical utilizado para realizar o PROCESSO VERBAL.	general member (membro geral)
		verb specific giving (verbo específico de fornecimento)
		verb specific demanding (verbo específico de demanda)
		verb circumstantial feature (verbo com característica circunstancial)
		verb manner specifying connotation (verbo de modo especificando conotação)
		type of verb zero (tipo de verbo zero)
	Selecionada quando o verbo lexical é do	general member_circumstance_extention_duration (membro geral _circunstância de extensão duração) (cont.)

Categoria	Especificação	Subcategorias
General member + CIRCUMSTANCE (membro geral + CIRCUNSTÂNCIA)	tipo membro geral e ocorre alguma CIRCUNSTÂNCIA modificando-o.	general member_circumstance_extention_frequence (membro geral _circunstância de extensão frequência)
		general member_circumstance_location_time (membro geral _circunstância de localização temporal)
		general member_circumstance_location_place (membro geral _circunstância de localização espacial)
		general member_circumstance_manner_means (membro geral _circunstância de modo-meio)
		general member_circumstance_manner_quality (membro geral _circunstância de modo-qualidade)
		general member_circumstance_manner_comparison (membro geral _circunstância de modo-comparação)
		general member_circumstance_manner_degree (membro geral _circunstância de modo-grau)
		general member_circumstance_cause_reason (membro geral _circunstância de causa-razão)
		general member_circumstance_cause_purpose (membro geral _circunstância de causa-propósito)
		general member_circumstance_cause_behalf (membro geral _circunstância de causa-benefício)
		general member_circumstance_contigency_condition (membro geral _circunstância de contingência de condição)
		general member_circumstance_contigency_concession (membro geral _circunstância de contingência de concessão)
		general member_circumstance_contigency_default (membro geral _circunstância de contingência de falta)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

A classificação da categoria Ordem de dizer se baseou nos seguintes critérios³³:

1) Se a ORAÇÃO VERBAL não realiza PROJEÇÃO, a seleção é pelas subcategorias:

1a) atividade de conversa (PROCESSO VERBAL se aproxima ao PROCESSO MATERIAL indicando a ação de falar);

³³ Exemplos no Quadro 8 – Exemplos das subcategorias de Ordem de Dizer em PB.

1b) atividade de alvo (PROCESSO VERBAL seleciona o PARTICIPANTE ALVO);

1c) semiosis non projecting verbiage (PROCESSO VERBAL seleciona o PARTICIPANTE VERBIAGEM);

1d) semiosis non projecting verbiage (subcategoria criada para fechar o SISTEMA).

2) Se a ORAÇÃO VERBAL realiza PROJEÇÃO é necessário verificar o tipo de relação LÓGICA estabelecida entre ORAÇÕES PROJETANTE E PROJETADA e o MODO da ORAÇÃO MAIOR PROJETADA e a seleção é pelas subcategorias:

2a) semiose projetante de citação modo indicativo (relação PARATÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE E PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO indicativo);

2b) semiose projetante de citação modo imperativo (relação PARATÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE E PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO imperativo);

2c) semiose projetante de relato modo indicativo (relação HIPOTÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE E PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO indicativo);

2c) semiose projetante de relato modo imperativo (relação HIPOTÁTICA entre ORAÇÕES PROJETANTE E PROJETADA, ORAÇÃO PROJETADA no MODO imperativo).

A classificação da categoria Recepção foi baseada nos seguintes critérios³⁴:

1) Se o PROCESSO VERBAL seleciona o participante RECEPTOR, a seleção é pela subcategoria recepção;

2) Se o PROCESSO VERBAL não seleciona o participante RECEPTOR, a seleção é pela subcategoria não recepção;

A classificação da categoria Função Semântica teve como base os seguintes critérios³⁵:

³⁴ Exemplos no

Quadro 7 – Exemplos de participantes em PB.

³⁵ Exemplos no Quadro 9 – Exemplos da categoria Função Semântica em PB.

- 1) Se a ORAÇÃO MAIOR PROJETADA realiza troca de informações, tipicamente no MODO indicativo, a seleção é pela subcategoria proposição;
- 2) Se a ORAÇÃO MAIOR PROJETADA realiza troca de bens e serviços, tipicamente no MODO imperativo, a seleção é pela subcategoria proposta;
- 3) Se o PROCESSO VERBAL não realiza PROJEÇÃO, a seleção é pela subcategoria não aplicável.

A classificação da categoria Tipo de Verbo se baseou nos critérios a seguir³⁶:

- 1) Se o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL é do tipo mais genérico para representar a fala, é selecionada a subcategoria membro geral;
- 2) Se o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL tem FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à troca, à oferta, é selecionada a subcategoria verbo específico de fornecimento;
- 3) Se o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL tem FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à troca, à demanda, é selecionada a subcategoria verbo específico de demanda;
- 4) Se o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL expressa informação circunstancial adicional relacionada à cronologia da fala, é selecionada a subcategoria verbo com característica circunstancial;
- 5) Se o verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL expressa informação circunstancial adicional relacionada ao modo como se dá a fala, é selecionada a subcategoria verbo de modo especificando conotação;
- 6) Se o PROCESSO VERBAL não realiza PROJEÇÃO, a seleção é pela subcategoria não aplicável.

A classificação da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA seguiu os critérios³⁷:

³⁶ Exemplos no Quadro 10 – Exemplos da categoria Tipo de Verbo em PB.

³⁷ Exemplos no Quadro 12 – Exemplos de CIRCUNSTÂNCIAS de intensificação.

1) O PROCESSO VERBAL é realizado por um verbo lexical classificado como membro geral e há uma CIRCUNSTÂNCIA acompanhando-o, fornecendo informações sobre modo, tempo, local, etc., a seleção é pela subcategoria que classifica o tipo de CIRCUNSTÂNCIA;

2) O PROCESSO VERBAL não é realizado por um verbo lexical classificado como membro geral ou o verbo do tipo membro geral não é acompanhado por uma CIRCUNSTÂNCIA, a seleção é pela subcategoria não aplicável.

As categorias narratológicas identificam os níveis narrativos conforme Rimmon-Kenan (2005) e são apresentadas no Quadro 16.

Quadro 16 – Categorias narratológicas

Categoria nível narrativo	Especificação	Exemplo
Nível 1	O narrador cita ou relata as falas e interações entre personagens. (senhor diz) — E depois? (Rogers diz) — Depois, nada, senhor.	Rogers abanou a cabeça. (...) — E depois? — Depois, nada, senhor. Recebemos ordens...
Nível 2	PROCESSOS VERBAIS presentes na fala do personagem (Rogers): “receber ordens”, “dizer”; “mandar”.	— Depois, nada, senhor. Recebemos ordens — também por carta — de preparar os quartos para uma recepção de hóspedes. E ontem, pelo correio da tarde, recebi outra carta do Sr. Owen. Dizia que ele e a Sra. Owen eram forçados a adiar a vinda e nos mandava fazer o melhor que pudéssemos.
Nível 3	Relato ou citação do que foi dito (preparar quartos; adiamento da vinda; fazer o melhor possível) na fala de um personagem (Rogers).	— Depois, nada, senhor. Recebemos ordens — também por carta — de preparar os quartos para uma recepção de hóspedes. E ontem, pelo correio da tarde, recebi outra carta do Sr. Owen. Dizia que ele e a Sra. Owen eram forçados a adiar a vinda e nos mandava fazer o melhor que pudéssemos .
Zero	Selecionada quando não há realização de ORAÇÃO ou quando não há equivalência textual.	

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado de *And Then There Were None*, 1942.

Todas as categorias possuem a subcategoria zero, que é selecionada quando não há equivalência textual entre o texto original (TO) e os textos traduzidos (TT1 e TT2).

As categorias tradutórias, baseadas em Matthiessen (2001), identificam se há equivalência textual. Não se consideram mudanças/*shifts* de METAFUNÇÃO ou de ORDEM, somente mudanças/*shifts* de SISTEMA. A opção correspondência formal é selecionada quando todas as categorias (gramaticais e narratológicas) anotadas nos textos traduzidos correspondem às categorias do texto original. A opção mudança/*shift* é selecionada quando alguma categoria nos TTs não corresponde a alguma das categorias anotadas nos TOs e não há correspondência formal. A opção não equivalência é selecionada quando não há equivalência textual: os TTs têm categorias não realizadas nos TOs; os TTs não realizam a ORAÇÃO dos TOs; os TTs realizam ORAÇÕES que não ocorrem nos TOs. O Quadro 17 e o Quadro 18 apresentam exemplos dessa classificação.

Quadro 17 – Exemplo das subcategorias correspondência formal e mudança/*shift*

Texto	ORAÇÃO VERBAL	verbo lexical	Ordem de Dizer	Recepção	Função Semântica	Tipo de Verbo	nível narrativo	Equivalência
TO	You young dog, said the man, licking his lips, "what fat cheeks you ha' got."	say	semiosis projecting quoting indicating	non reception	proposition	general member	1	-
<i>glossa</i>	<i>Você seu jovem cachorro, disse o homem, lambendo seus lábios, "que bochechas gordas cê tem."</i>		—	—		—	—	—
TT1	– Eh, meu cachorrinho, – rosnou lambendo os beiços.	rosnar	semiosis projecting quoting indicating	non reception	proposition	verb manner specifying connotation	1	shift
TT2	"Filhote de cachorro", disse o homem, lambendo os beiços,	dizer	semiosis projecting quoting indicating	non reception	proposition	general member	1	corresp. formal

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 1 – *Great Expectations* (GE)

Quadro 18 - Exemplo das subcategorias correspondência formal e não equivalência

Texto	ORAÇÃO VERBAL	verbo lexical	Ordem de Dizer	Recepção	Função Semântica	Tipo de Verbo	nível narrativo	Equivalência
TO	"I mean , enjoying himself with his elders and betters (...)"	mean	semiosis non projecting verbiage	non reception	not applicab.	not applicable	2	-
<i>glossa</i>	"Eu quero dizer ele se divertindo com os seus mais velhos e melhores."		—	—		—	—	—
TT1	— Refiro-me a ele ter o prazer de estar com os seus superiores (...)	Referir -se	semiosis non projecting verbiage	non reception	not applicab.	not applicable	1	corresp. formal
TT2	—	—	—	—		—	—	não equival.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 3 – *Great Expectations* (GE)

O *corpus* de análise foi examinado a partir dos dados extraídos das planilhas utilizando o programa/ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018), que possibilita uma contagem automatizada das frequências. Os scripts utilizados estão anexados ao final. Foi utilizado também o editor de planilhas para que os dados obtidos nas planilhas de contingência geradas no R pudessem ser cruzados com base nas categorias de análise e para gerar gráficos.

Para a interpretação dos dados e para que se pudesse chegar a conclusões a partir deles, foram utilizados procedimentos da estatística descritiva. Uma vez que as subcategorias analisadas nesta pesquisa são qualitativas e “são definidas por várias categorias, ou seja, representam uma classificação dos indivíduos” (REIS e REIS, 2015, p.116), concluiu-se que não é possível utilizar procedimentos da estatística inferencial para a análise dos dados. Isso significa que não foram utilizados métodos de estimativa e testes de hipóteses baseados em teorias de probabilidade que se aplicam quando o objetivo do trabalho é a descrição da população total a partir de amostras ou a análise de diversas observações para cada variável de interesse, o que não é o caso.

A estatística descritiva é uma ferramenta que permite organizar, descrever e resumir os dados obtidos. Essa descrição dos dados possibilita ainda a identificação de “anomalias, até mesmo resultantes do registro incorreto de valores (...) e dados atípicos, aqueles que não seguem a tendência geral do restante do conjunto.” (REIS e REIS, 2015, p.116).

Assim, a organização desses dados compreendeu a elaboração de tabelas de frequências e de gráficos que representam as distribuições de frequências das subcategorias. Além disso, foram analisadas as médias das categorias e o teste qui-quadrado foi utilizado nos dados de frequência quando as subcategorias se relacionavam à Equivalência, categoria que sumariza as conclusões que poderiam ser obtidas por meio da análise das outras subcategorias. Para o teste qui-quadrado, foi utilizado o valor 0,05 como o máximo para identificar se há ou não significância nos valores.

4 RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos por meio da extração e processamento das planilhas utilizando o programa/ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2018), conforme relatado na seção Metodologia (3). Nas subseções a seguir são apresentados os resultados por categoria analisada e os pontos relevantes apurados. Em cada subseção, essa apresentação está subdividida em “romance policial” e “romance não policial”.

4.1 Equivalência

A categoria Equivalência diz respeito à relação dos textos traduzidos com os TOs: se a seleção de categorias do TT são idênticas a todas as seleções do TO, há correspondência formal; se alguma das categorias selecionadas pelo TT é diferente das escolhas do TO, a classificação é de mudança/*shift*; se não há realização de ORAÇÃO no TT ou no TO, ou seja, se não há equivalente tradutório, a seleção é por não equivalência.

Os dados obtidos estão organizados em tabelas, a Tabela 1 refere-se aos “romances policiais” e a Tabela 2 aos “romances não policiais”, e para esses dados foi realizado o teste qui-quadrado. A categoria Equivalência resume todas as outras que se seguem porque a seleção da subcategoria correspondência formal indica que as seleções dentre as opções das outras categorias (Ordem de Dizer, Recepção, Função Semântica, etc.) foram as mesmas entre TOs e TTs; já a seleção da subcategoria mudança/*shift* indica a ocorrência de seleções diferentes dentre as opções das outras categorias nos TOs e nos TTs.

Na primeira linha de cada subcategoria está o número absoluto de ocorrências das subcategorias por texto e, na segunda linha, a frequência relativa (%) de cada uma.

Tabela 1 – Categoria equivalência nos “romances policiais”

Categoria Equivalência	Textos de “romances policiais”						Média		Total / média
	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2	TT1s	TT2s	
mudança/ <i>shift</i>	56	44	36	36	46	52	46	44	270
	48,3%	37,6%	33,0%	33,0%	32,6%	36,9%	37,9%	36,1%	36,7%
correspondência formal	26	68	48	69	72	77	48,6	71,3	360
	22,4%	58,1%	44,0%	63,3%	51,1%	54,6%	39,2%	58,5%	49,2%
não equivalência	34	5	25	4	23	12	27,3	7	103
	29,3%	4,3%	22,9%	3,7%	16,3%	8,5%	22,9%	5,4%	14,1%
TOTAL (%)	117	117	109	109	141	141	122		734
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%		100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

De acordo com o que é observado na Tabela 1, os TT2s têm maior frequência de correspondência formal que os TT1s, sendo que TSH_TT2 é o texto com incidência mais alta da subcategoria correspondência formal (63,3%). O texto com maior frequência de mudança/*shift* é TM_TT1 com 76,9% de ocorrência. O texto ATTWN_TT1 é o TT1 cuja frequência de mudança/*shift* (48,9%) é menor que a de correspondência (51,1%).

Na relação correspondência formal e mudança/*shift* somada a não equivalência entre os “romances policiais”, o ATTWN_TT1 é o que opera de maneira mais heterogênea em relação aos outros TT1s e se comporta de forma muito próxima ao ATTWN_TT2.

Tabela 2 – Categoria equivalência nos “romances não policiais”

Categoria Equivalência	Textos de “romances não policiais”						Média		Total / média
	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TT1	GE_TT2	WH_TT1	WH_TT2	TT1s	TT2s	
mudança/ <i>shift</i>	41	21	43	50	34	32	39,3	34,3	221
	30,8%	16,0%	28,3%	33,3%	31,7%	29,9%	30,2%	26,5%	28,4%
correspondência formal	63	100	104	94	56	66	74,3	86,7	483
	47,4%	76,3%	69,3%	63,0%	52,4%	61,7%	56,4%	67,1%	62,1%
não equivalência	29	10	3	6	17	9	16,3	8,3	74
	21,8%	7,6%	2,4%	3,7%	15,9%	8,4%	13,4%	6,4%	9,5%
TOTAL (%)	133	131	150	150	107	107	130	129,3	778
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%		100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Na Tabela 2, observa-se que dentre os TT2s, os textos LJ e WH têm maior frequência de correspondência formal (média 67,0%) que os TT1s (média 56,4%), enquanto que GE_TT2 tem menor frequência de correspondência formal que GE_TT1. O texto com maior índice geral de mudança/*shift* somado a não equivalência é LJ_TT1 (52,7%) e o texto com menor frequência geral de mudança/*shift* somado a não equivalência é LJ_TT2 (23,7%).

O Quadro 19 apresenta relação da subcategoria mudança/*shift* com TT1s e TT2s de “romances policiais” e “romances não policiais”.

Quadro 19 – Resumo das frequências da subcategoria mudança/*shift* para TT1s e TT2s

TTs	“romances policiais”	“romances não policiais”
TT1s	138	132
TT2s	118	103

Qui-quadrado - p-value = p-value = 0,6797 (p > 0,05)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Verificou-se por meio do teste qui-quadrado que a diferença entre os valores obtidos para a subcategoria *mudança/shift* não é significativa. O teste indica que os números absolutos de ocorrência de *mudança/shift* nos TT1s e em “romances policiais” maiores que nos TT2s e em “romances não policiais” pode ter ocorrido de maneira aleatória, dentro dos possíveis erros estatísticos. Isso quer dizer que neste *corpus* não há relação estatística de dependência entre primeiras traduções e retraduições, “romances policiais” e “romances não policiais” e a ocorrência de *mudança/shift*.

No Quadro 20 estão apresentados os dados relativos à frequência de ocorrência não equivalência nos TT1s e nos TT2s dos dois tipos de “romances”.

Quadro 20 – Resumo das frequências de não equivalência para TT1s e TT2s

TTs	“romances policiais”	“romances não policiais”
TT1s	82	49
TT2s	21	24

Qui-quadrado - p-value = p-value = 0,06716 ($p < 0,05$)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O teste qui-quadrado aponta que a diferença entre as ocorrências de não equivalência entre TT1s e TT2s de “romances policiais” e “romances não policiais”, apesar de ter valor p muito próximo a 0,05, é significativa para esta pesquisa. Isso significa que a frequência de não equivalência entre TT1s é maior que entre os TT2s e, que entre as traduções de “romances policiais” essa ocorrência é superior à de “romances não policiais”.

No Quadro 21 há a relação da subcategoria correspondência formal com TT1s e TT2s de “romances policiais” e “romances não policiais”.

Quadro 21 – Resumo das frequências da subcategoria correspondência formal para TT1s e TT2s

TTs	“romances policiais”	“romances não policiais”
TT1s	146	223
TT2s	214	260

Qui-quadrado - p-value = 0,1199 (p > 0,05)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Verificou-se por meio do teste qui-quadrado que a diferença entre as frequências da subcategoria correspondência formal não se mostrou significativa. Ou seja, traduções de “romances não policiais” têm maior ocorrência absoluta da subcategoria correspondência formal que traduções de “romances policiais”, bem como TT2s têm mais frequência de correspondência formal que TT1s, mas isso pode ser devido a algum desvio estatístico.

O Quadro 22 sintetiza os dados da categoria Equivalência por tipo de “romance” analisado.

Quadro 22 – Relação das subcategorias da categoria Equivalência e tipos de “romance”

Categoria Equivalência	“romances policiais”	“romances não policiais”
correspondência formal	360	483
mudança/ <i>shift</i>	270	221
não equivalência	103	74

Qui-quadrado - p-value = 1,974e-07 (p < 0,05)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O que o teste qui-quadrado mostra a respeito dos dados apresentados no Quadro 22 é que eles são significativos. Isso significa dizer que entre “romances não policiais” a frequência de correspondência formal é de fato mais alta que entre “romances policiais” e, portanto, entre “romances policiais” a frequência de ocorrência de mudança/*shift* e de não equivalência é estatisticamente superior às mesmas frequências em “romances não policiais”.

Considerando os estudos anteriores no que diz respeito às relações de equivalência, os resultados obtidos aqui corroboram parcialmente o que encontraram Paula (2014), Guimarães (2015) e Pagano (2017): a ocorrência de correspondência entre TOs e TTs é mais frequente que a de mudança/*shift*. Os resultados a respeito das ocorrências de não equivalência em TT1s e TT2s evidenciam que este *corpus* tem tendências análogas às encontradas Pagano (2017): as retraduições (TT2s) se aproximam mais dos TOs que as primeiras traduções (TT1s).

Percebe-se ainda que o tipo de “romance” influencia as relações de equivalência entre TOs e TTs: os números de correspondência formal são maiores em “romances não policiais” e os de mudança/*shift* e de não equivalência são superiores em “romances policiais”. Outro fator que reforça essa ideia é que a diferença de ocorrência de não equivalência TT1s e TT2s de “romances não policiais” (25) é mais baixa que a mesma diferença entre TT1s e TT2s de “romances policiais” (61).

4.2 ORAÇÕES VERBAIS

A contagem das categorias permitiu que se apurasse o número de ORAÇÕES VERBAIS de cada texto e na Tabela 3 – ORAÇÕES VERBAIS por texto estão indicados o número dessas por texto, o total de ORAÇÕES, sua média e a distribuição dessas orações por tipo de “romance”.

Tabela 3 – ORAÇÕES VERBAIS por texto

Tipo de “romance”	Texto	Etiqueta	ORAÇÕES VERBAIS (nº)
“Romances policiais”	<i>The thin man</i> , 1934.	TM_TO	117
	A ceia dos acusados, 1936.	TM_TT1	117
	O homem magro, 2002.	TM_TT2	117
	<i>They shoot horses, don't they?</i> , 1935.	TSH_TO	109
	Mas não se mata cavalo?, 1947.	TSH_TT1	109
	A noite dos desesperados., 2000.	TSH_TT2	109
	<i>And Then There Were None</i> , 1935	ATTWN_TO	141
	O caso dos dez negrinhos, 1976.	ATTWN_TT1	141
	E não sobrou nenhum, 2009.	ATTWN_TT2	141
“Romances não policiais”	<i>Lord Jim</i> , 1900.	LJ_TO	133
	Lorde Jim, 1939.	LJ_TT1	133
	Lord Jim; um romance, 2002.	LJ_TT2	131
	<i>Great Expectations</i> , 1861.	GE_TO	150
	Grandes Esperanças, 1942.	GE_TT1	150
	Grandes Esperanças, 2012.	GE_TT2	150
	<i>Wuthering Heights</i> , 1847.	WH_TO	107
	Morro dos ventos uivantes, 1938.	WH_TT1	107
	O morro dos ventos uivantes, 2011.	WH_TT2	107
Total de orações analisadas			2269
Média de orações analisadas por “romance”			126
Média de orações analisadas em “romances policiais”			123
Média de orações analisadas em “romances não policiais”			129

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observamos, na Tabela 3, que a média de orações analisadas em “romances policiais” (123) é pouco menor que as de “romances não policiais” (129).

Entre os “romances não policiais” há dois dos textos com mais realizações de ORAÇÕES VERBAIS, LJ (133) e GE (150), e o texto com o menor número absoluto de ORAÇÕES VERBAIS

do *corpus* WH (107). O “romance policial” ATTWN se destaca como o texto com o maior número de ORAÇÕES VERBAIS (141) em relação aos outros “romances” do mesmo tipo.

Este resultado vai de encontro ao que apresenta Pagano (2017) sobre os “romances” ditos populares, que corresponderiam aqui aos “romances policiais”, terem maior ocorrência de instâncias de representação de fala em relação a textos dos chamados “romances” clássicos, que aqui poderiam ser relacionados aos “romances não policiais”.

4.3 Verbos lexicais

Os verbos lexicais que realizam PROCESSO VERBAL foram contabilizados e na Tabela 4, são apresentados os números absolutos de cada tipo por texto analisado. São eles: verbos lexicais variados (os verbos não prototípicos de realização da fala); verbos lexicais prototípicos (“say” e “dizer”). Além disso é apresentada a frequência relativa em relação ao total de cada tipo de verbo lexical.

Tabela 4 – Verbos lexicais por “romance”

Tipo de “romance”	Etiquetas	Verbos lexicais variados		Verbos “say” e “dizer”		Total de verbos lexicais	
		nº absoluto	frequ. relativa	nº absoluto	frequ. relativa	nº absoluto	frequ. relativa
“Romances policiais” (RP)	TM_TO	18	15%	60	51%	78	66%
	TM_TT1	32	27%	16	33%	48	60%
	TM_TT2	32	27%	19	27%	51	54%
	TSH_TO	12	11%	76	69%	88	80%
	TSH_TT1	25	22%	33	30%	58	52%
	TSH_TT2	22	20%	43	39%	65	59%
	ATTWN_TO	31	18%	73	53%	104	71%
	ATTWN_TT1	40	28%	33	25%	73	53%
	ATTWN_TT2	36	25%	38	27%	74	52%
“Romances não policiais” (RNP)	LJ_TO	40	30%	40	30%	80	60%
	LJ_TT1	39	29%	26	20%	65	49%
	LJ_TT2	38	29%	42	32%	80	61%
	GE_TO	30	20%	74	49%	104	69%
	GE_TT1	35	23%	61	41%	96	64%
	GE_TT2	34	22%	54	36%	88	58%
	WH_TO	43	40%	18	17%	61	57%
	WH_TT1	40	37%	12	17%	52	54%
	WH_TT2	36	33%	22	21%	58	54%
Média geral		32,4	25,3%	41,1	34,3%	73,5	59,6%
Média RP		27,6	21,4%	43,4	39,4%	71,0	60,8%
Média RNP		37,22	29,2%	38,8	29,2%	76,0	58,4%
Média TOs		29,0	22,3%	56,8	44,8%	85,8	67,1%
Média TT1s		35,1	27,7%	30,2	27,6%	65,3	55,3%
Média TT2s		33,0	26,0%	36,3	30,3%	69,3	56,3%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

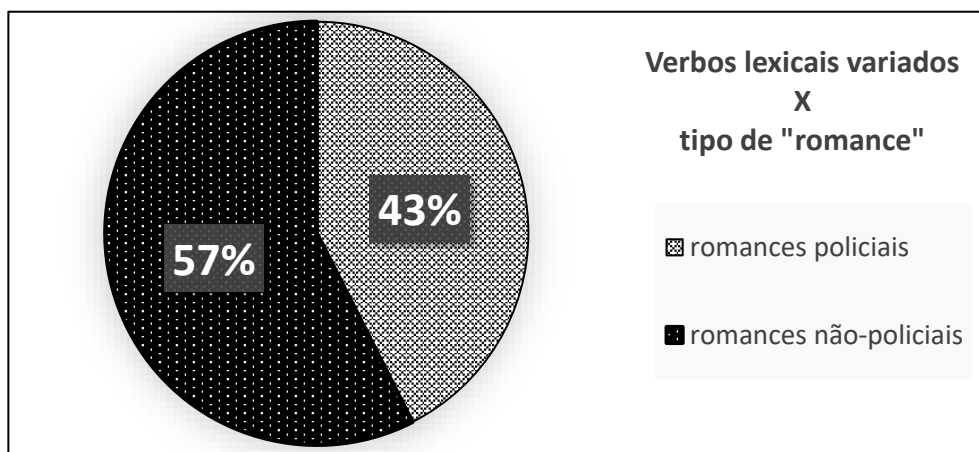
Conforme se observa na Tabela 4 considerando o *corpus* como um todo, na maioria das ORAÇÕES VERBAIS, os verbos que realizam PROCESSO VERBAL são “say” e “dizer”, com ocorrência média de 34,3%. Em geral, nos TOs, ocorre mais o verbo “say” que verbos lexicais variados de representação da fala.

Nos TOs de “romances policiais”, o verbo “say” (média 66,6%) ocorre mais frequentemente que os outros verbos lexicais variados (média 14,6%), sem discrepâncias entre os textos. Em dois dos TOs de “romances não policiais” a ocorrência do verbo “say” (32,0% em média) é superior à dos outros verbos lexicais (30,0% em média), apesar de a diferença ser de 2,0% entre os dois tipos de verbos selecionados. Já no GE_TO a média de ocorrência de “say” é de 49,0%, superior à média geral.

Nos TTs o verbo prototípico de representação da fala, “dizer”, ocorre em média 28,9% no *corpus*, enquanto os outros verbos lexicais ocorrem em média 26,8%. Nos TTs de “romances policiais”, o verbo “dizer” ocorre com menor frequência (média 24,8%) que os outros verbos lexicais variados (média 30,2%). Nos TTs de “romances não policiais” a ocorrência do verbo “dizer” (28,8% em média) é inferior à dos outros verbos lexicais (55,6% em média). Isso indica a tendência para a seleção de verbos lexicais variados na realização de PROCESSOS VERBAIS nos TTs.

No Gráfico 1, apresentamos um resumo da distribuição de verbos lexicais variados por tipo de “romance”. Observa-se que dentre os “romances não policiais” a ocorrência de verbos lexicais variados é maior que a frequência desses entre os “romances policiais”.

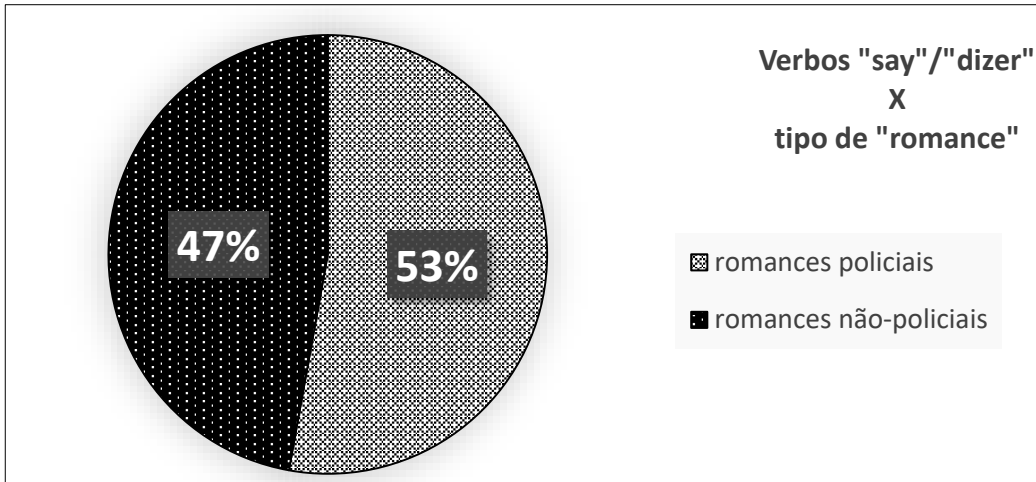
Gráfico 1 – Frequência relativa de verbos lexicais variados por tipo de “romance” (total = 583)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição de verbos lexicais “say” e “dizer” por tipo de “romance”.: sua ocorrência é mais frequente entre os “romances policiais”.

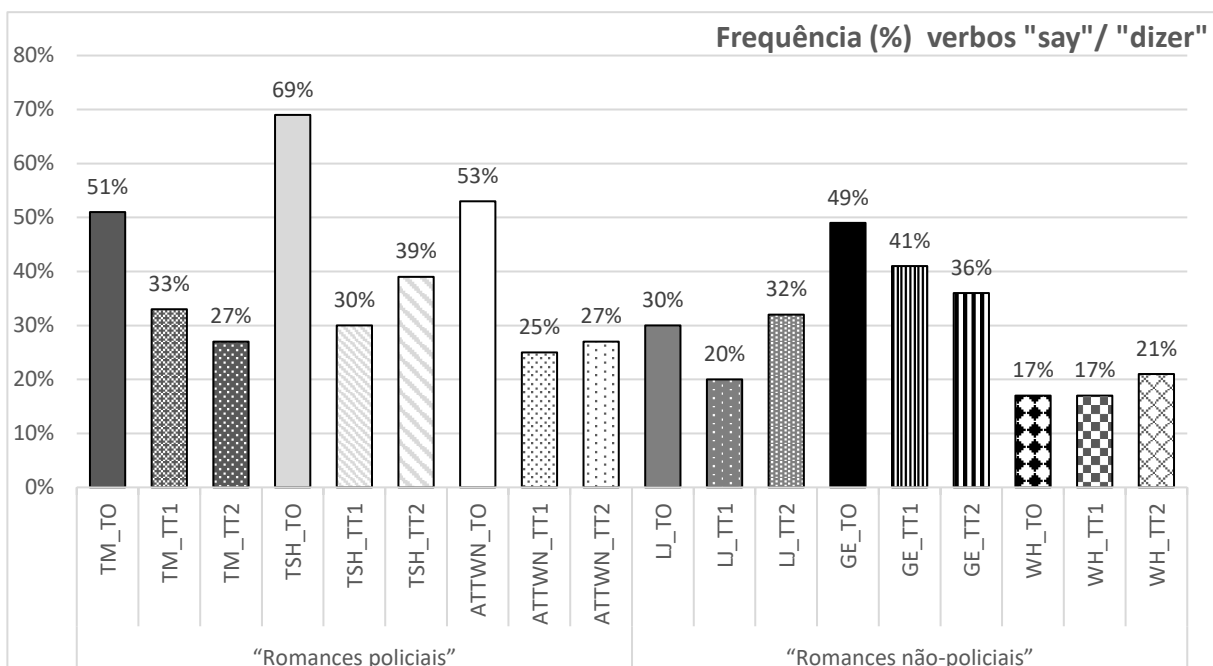
Gráfico 2 - Frequência relativa dos verbos “say” e “dizer” por tipo de “romance” (total = 740)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O Gráfico 3, a seguir, ilustra a ocorrência do verbo “say” e “dizer” em todos os textos que compõem o *corpus*.

Gráfico 3 – Frequência relativa de ocorrência dos verbos “say” e “dizer”



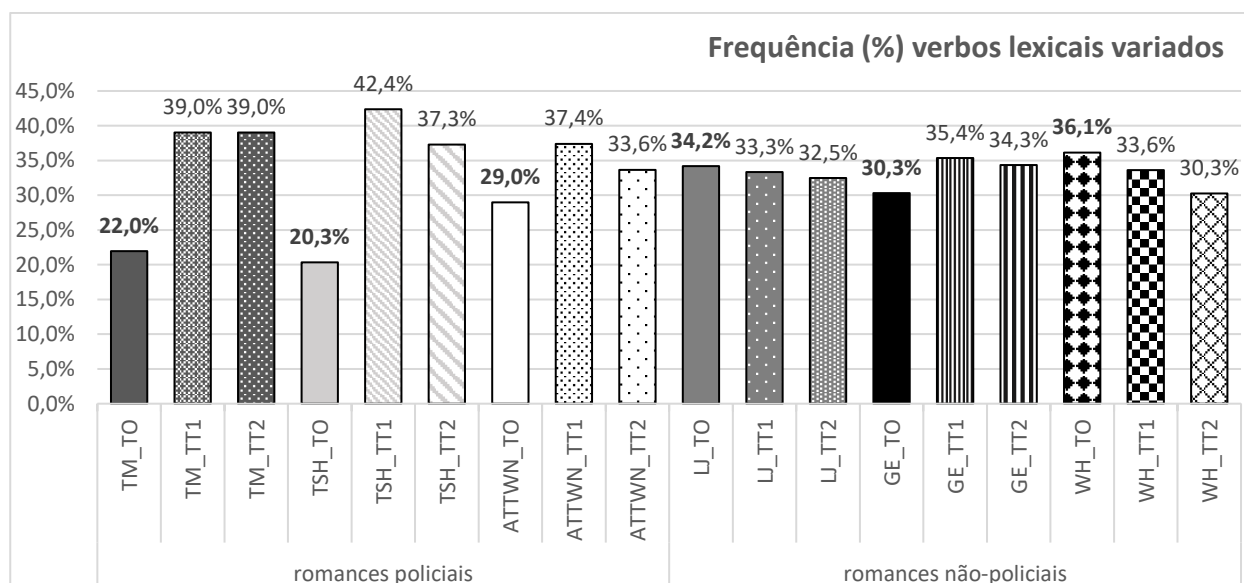
Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que a frequência média do verbo prototípico de representação da fala em PB “dizer” é menor nos TTs em relação aos TOs, com exceção dos WH_TTs. Comparando as ocorrências entre TOs e traduções (TT2s), observa-se que a maioria dos TT2s têm menor frequência de verbos prototípicos e que dois “romances não policiais”, LJ_TT2 (2,0% a mais que LJ_TO) e WH_TT2 (4,0% a mais que o WH_TO), têm frequência maior dos verbos prototípicos que os TOs. Além disso, os TT2s têm, de modo geral, maior frequência do verbo “dizer” em relação aos TT1s.

O “romance” com maior frequência de verbo prototípico de representação da fala é o TSH_TO (69,0% de ocorrência). E os textos com menor frequência de verbo prototípico de representação da fala são WH_TO e WH_TT1 (17,0% de ocorrência).

No Gráfico 4 estão ilustradas as frequências de verbos lexicais variados por texto.

Gráfico 4 - Frequência de verbos lexicais variados por texto (total = 583)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

A frequência média de verbos lexicais variados de representação da fala nos TOs é menor que nas traduções (TTs) para o português (PB). A maioria dos TOs de “romances não policiais” têm maior frequência de verbos lexicais variados (em média 33,5%) em relação aos TOs de “romances policiais” (em média 23,7%). O texto com maior ocorrência de verbos variados é

WH_TO (36,1%), um “romance não policial”, e o texto com a menor ocorrência de verbos lexicais variados é TSH_TO (20,3%), um “romance policial”.

Entre os “romances policiais”, a diferença de ocorrência de verbos lexicais variados entre TTs e TOs é de 14,3% em média, os TTs têm, na maioria dos casos, maior frequência desses verbos que os TOs. Nos “romances não policiais” LJ e WH, os TOs têm maior frequência de verbos lexicais variados que os TTs; e no GE o TO tem menos verbos lexicais variados que os TTs.

O Quadro 23 a seguir, ilustra os verbos lexicais variados mais frequentes no *corpus*.

Quadro 23 – Verbos lexicais variados mais frequentes (exceto “say” e “dizer”)

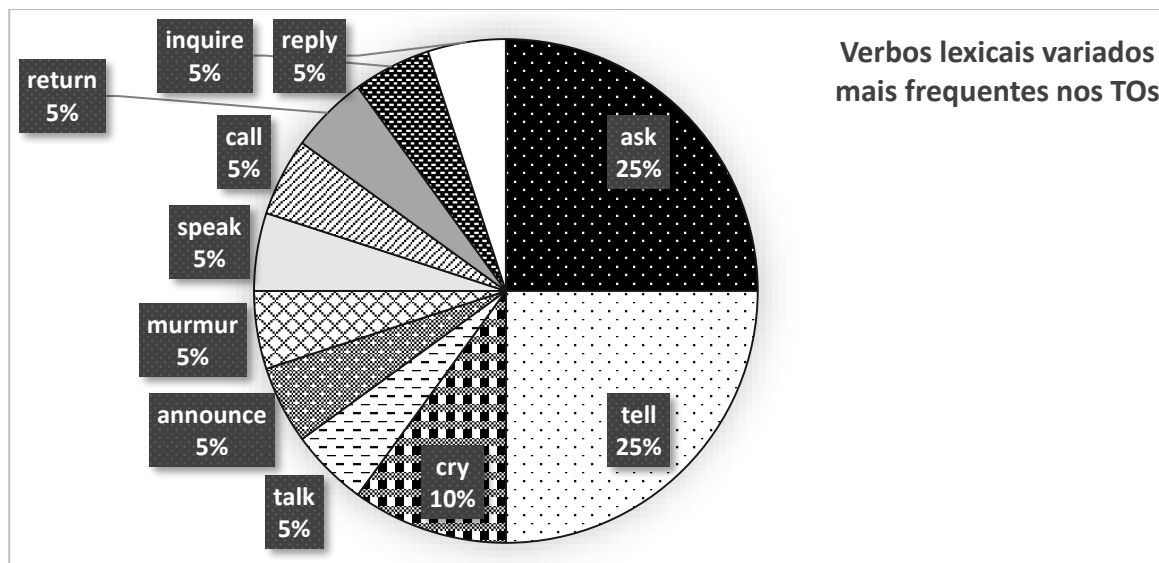
Tipo de “romance”	Etiquetas	3 Verbos Lexicais mais frequentes
“Romances policiais”	TM_TO	ask; tell; talk
	TM_TT1	perguntar; responder; indagar
	TM_TT2	responder; falar; perguntar
	TSH_TO	ask; tell; announce
	TSH_TT1	perguntar; responder; contar
	TSH_TT2	perguntar; falar; responder
	ATTWN_TO	cry; murmur; speak
	ATTWN_TT1	perguntar; responder; exclamar
	ATTWN_TT2	perguntar; responder; falar
“Romances não policiais”	LJ_TO	tell; ask; call
	LJ_TT1	gritar; murmurar; falar
	LJ_TT2	gritar; falar; perguntar
	GE_TO	return; ask; tell
	GE_TT1	falar; retorquir; perguntar
	GE_TT2	falar; exclamar; retrucar
	WH_TO	ask; tell; cry/inquire/reply
	WH_TT1	perguntar; falar; exclamar
WH_TT2	perguntar; responder; falar	

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Especificando os verbos lexicais variados (exceto “say” e “dizer”) que ocorrem mais frequentemente no *corpus*. Na maioria dos TOs, destacam-se os verbos lexicais “ask” e “tell”.

No Gráfico 5 ilustra-se a distribuição dos verbos lexicais mais frequentes dentre os TOs listados no Quadro 23.

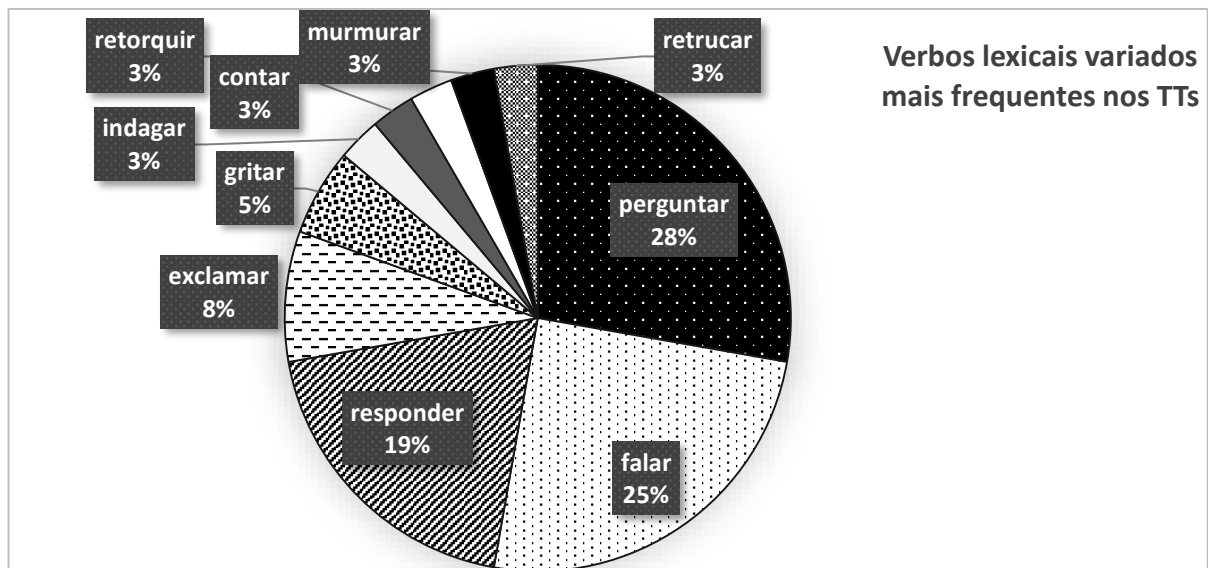
Gráfico 5 – Distribuição dos verbos lexicais mais frequentes entre os TOs (exceto “say”)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Os verbos lexicais mais frequentes em todos os TTs são: “perguntar”; “falar” e “responder”. Isso pode ser observado no Gráfico 6 (verbos lexicais mais frequentes listados no Quadro 23).

Gráfico 6 – Distribuição dos verbos lexicais mais frequentes entre os TTs (exceto “dizer”)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Buscou-se ainda identificar com que frequência o verbo lexical “dizer” é tradução de “say”. Na Tabela 5 pode ser observada essa relação.

Tabela 5 – Frequência de verbo lexical “say” traduzido como “dizer

Tipo de “romance”	“Say”			“dizer” correspondente a “say”					
	TO	nº absoluto	frequ. relativa	TT1	nº absoluto	frequ. relativa	TT2	nº absoluto	frequ. relativa
“Romances policiais”	ATTWN_TO	73	51,7%	ATTW_N_TT1	32	43,8%	ATTW_N_TT2	38	52,0%
	TM_TO	60	51,2%	TM_TT1	10	16,6%	TM_TT2	26	43,3%
	TSH_TO	76	69,7	TSH_TT1	30	39,4%	TSH_TT2	40	52,6%
“Romances não policiais”	LJ_TO	40	30,0%	LJ_TT1	19	47,5%	LJ_TT2	38	95,0%
	GE_TO	74	49,3%	GE_TT1	58	78,3%	GE_TT2	51	68,9%
	WH_TO	18	16,8%	WH_TT1	15	83,3%	WH_TT2	14	77,7%
Total / média	341 (todos os “romances”) (média: 56,8)		45,0%	371 / 54,3%					
Total / média	RP = 209		61,3%	RP = 176 / 42,1%					
Total / média	RNP = 132/		38,7%	RNP = 195 / 73,8%					
Total / média				TT1 = 164 / 51,5%			TT2 = 207 / 64,9%		

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O verbo “dizer” é correspondente a “say” em média 54,3% dos casos no *corpus*. A correspondência formal entre os dois verbos é majoritária quando o tipo de texto é “romance não policial” (73,8% em média) em relação aos “romances policiais” (42,1% em média). O Exemplo 6 ilustra essa correspondência.

Exemplo 6: Correspondência entre os verbos lexicais “say” e “dizer”

Besides, said Mr. Pumblechook, turning sharp on me,	GE_TO
– Além disso, – disse o Sr. Pumblechook virando-se severamente para mim	GE_TT1
“Além disso”, disse o sr. Pumblechook, virando-se diretamente para mim,	GE_TT2

Considerando a relação entre os textos traduzidos, a maioria dos TT2s têm maior frequência de correspondência entre “dizer” e “say” (média de 64,9%), enquanto que os TT1s têm 51,5% de frequência em média. O texto com maior frequência de correspondência é o LJ_TT2 (95,0%) e o texto com menor frequência de correspondência entre “dizer” e “say” é TM_TT1 (16,6%).

“Dizer” também é tradução de outros verbos lexicais do TO, e o verbo dos TOs mais frequentemente traduzido como “dizer” é “tell” (7,0% dos casos em média). “Dizer” também ocorre em 3,8% em média dos casos como tradução de outros verbos como: “whine”, “mention”, “ask”, “talk”, “whisper”, “call out”, “daresay”, “remark”, “entreat”, “answer” e “murmur”, como ilustrado no Exemplo 7.

Exemplo 7: Correspondência entre outros verbos lexicais e “dizer”

(...) your conscience won't whisper that it is partly your fault?	WH_TO
– Então (...) a consciência não vai dizer que a culpa foi em parte da senhora?	WH_TT2
(...) like two babies, kissing and talking nonsense	WH_TO
(...) como duas criancinhas, uma boa hora, beijando-se e dizendo -se tolices	WH_TT1

Há casos em que “dizer” corresponde a zero nos TOs, ou seja, não há realização de verbo lexical no TO, mas no TT sim. Esses casos de não equivalência textual ocorrem em 3,4% dos casos em média e o Exemplo 8 ilustra essa ocorrência.

Exemplo 8: Correspondência entre outros verbos lexicais e “dizer”

"Oh, I didn't think you -- " Macaulay Ø broke off with a vague gesture and picked up his glass.	TM_TO
- Oh, não julguei que... - disse Macaulay, interrompendo-se para beber um gole.	TM_TT1

No Quadro 24, estão listados os verbos lexicais, para além de “dizer”, equivalentes a “say” mais frequentes do *corpus*.

Quadro 24 – Verbos lexicais mais frequentes como tradução de “say”

Verbos lexicais TTs ≈ “say”	ATTWN TT1	ATTWN TT2	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TT1	TSH_TT2	GE_TT1	GE_TT2	WH_TT1	WH_TT2	LJ_TT1	LJ_TT2	Total
zero	15	6	18	0	20	3	1	2	4	2	10	4	85
responder	6	11	6	16	4	7	3	5	0	1	1	0	60
falar	0	1	0	9	1	10	2	2	0	2	1	4	32
perguntar	6	10	1	0	1	3	1	3	0	0	0	0	25
exclamar	0	1	4	1	1	0	2	7	0	0	0	0	16
observar	2	0	3	0	2	0	1	1	0	0	0	0	9
comentar	1	0	0	1	3	1	0	1	0	0	1	0	8
explicar	0	0	2	1	1	0	0	3	0	0	1	0	8
continuar	0	1	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	6
replicar	3	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	6
pedir	1	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	5
retrucar	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	5

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se, que além do verbo lexical “dizer”, outros itens dos TTs foram tradução de “say”. Em 85 das ocorrências (24,9%) não houve verbo lexical traduzindo o verbo “say”, ou seja, não houve equivalência textual. Os quatro verbos lexicais que mais ocorreram no *corpus* como tradução do verbo “say” foram, em ordem crescente, “exclamar” (16 vezes), “perguntar” (25), “falar” (32) e “responder” (60).

Da análise completa, obteve-se que:

- 56 verbos lexicais diferentes foram utilizados no *corpus* para traduzir o verbo “say”;
- 29 dos verbos tiveram 1 ocorrência no *corpus*;
- 11 verbos ocorreram duas ou três vezes no *corpus*.

Os resultados descritos nesta subseção parecem confirmar o que apontam Alves e Pagano (2016) sobre a tendência em inglês de se selecionar o verbo neutro em textos do tipo “romance”; parecem também confirmar o que postula Pagano (2017) sobre a ocorrência do verbo lexical

“say” nos TOs ser distinta de acordo com o gênero literário e, em “romances policiais”, é mais frequente que em “romances” de outro gênero literário.

Os dados parecem ainda estar de acordo com o que apontam Alves e Pagano (2016) e Paula (2014) quanto a haver em português uma tendência ao emprego de uma variedade bem maior de verbos lexicais de elocução que em inglês. E aparentemente de acordo também o que Jesus (2008) encontrou em sua pesquisa: o verbo lexical “dizer” é tradução de “say” na maioria dos casos.

4.4 Ordem de Dizer (order of saying)

O tipo de Ordem de Dizer está relacionado ao que a ORAÇÃO VERBAL expressa: ATIVIDADE – o ato de falar – ou SEMIOSE – quando há a indicação do nome do que se fala ou de PROJEÇÃO.

Nas tabelas seguintes são apresentadas as seleções de cada texto dentre as opções da categoria Ordem de Dizer. Na primeira linha delas, está indicado o número absoluto de ocorrência de cada subcategoria e na segunda linha a frequência relativa (em porcentagem %) da mesma ocorrência para facilitar a comparação entre os textos. Destaca-se ainda que, para facilitar a comparação entre tabelas, as subcategorias não foram colocadas em ordem decrescente. A Tabela 6 é referente aos “romances policiais” e a Tabela 7 aos “romances não policiais”.

Tabela 6 – Categoria Ordem de Dizer nos “romances policiais”

Categoria Ordem de Dizer	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TO	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2
activity talking	4	8	8	2	2	4	9	7	8
	3,4%	6,8%	6,8%	1,8%	1,8%	3,6%	6,3%	4,9%	5,6%
activity targeting	2	2	2	3	3	3	3	5	3
	1,7%	1,7%	1,7%	2,7%	2,7%	2,7%	2,1%	3,5%	2,1%
semiosis projecting quoting indicating	61	48	60	72	50	66	87	72	84
	52,1%	41,0%	51,2%	66,0%	45,8%	60,5%	61,7%	51,0%	59,5%
semiosis projecting quoting imperating	14	4	10	13	12	15	6	6	7
	11,9%	3,5%	8,5%	11,9%	11,0%	13,7%	4,2%	4,2%	4,9%
semiosis projecting reporting indicating	11	8	11	7	6	7	6	8	8
	9,4%	6,8%	9,4%	6,4%	5,5%	6,4%	4,2%	5,6%	5,6%
semiosis projecting reporting imperating	3	0	3	1	1	1	0	1	2
	2,5%	0,0%	2,5%	0,9%	0,9%	0,9%	0,0%	0,7%	1,4%
semiosis non projecting verbiage	8	9	8	10	8	9	13	14	12
	6,8%	7,8%	6,8%	9,2%	7,3%	8,2%	9,2%	9,9%	8,5%
semiosis non-projecting no verbiage	0	1	0	0	1	0	2	0	1
	0,0%	0,8%	0,0%	0,0%	0,9%	0,0%	1,4%	0,0%	0,7%
order de dizer	14	37	15	1	26	4	15	28	16
	11,9%	31,6%	12,8%	0,9%	23,8%	3,6%	10,6%	19,8%	11,3%
TOTAL (%)	117	117	117	109	109	109	141	141	141
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se na Tabela 6 que, em todos os “romances policiais”, a maior seleção foi da opção “semiosis projecting quoting indicating”, semiose projetante de citação indicativa (média de 54,3%). Isso quer dizer que na maioria das ocorrências desses textos, o PROCESSO VERBAL indica uma ORAÇÃO no modo indicativo que é citada integralmente, realizando assim discurso direto.

O texto com a maior porcentagem da seleção de semiose projetante de citação indicativa foi TSH_TO com 66,0% e o com menor porcentagem foi TM_TT1 com 41,0%. O exemplo no Quadro 25 ilustra essa seleção no TO e nos TTs correspondentes do texto TSH.

Quadro 25 – Seleção de semiose projetante de citação indicativa na categoria Ordem de Dizer

Texto	PROJEÇÃO – citação; modo indicativo	GRUPO VERBAL realizando PROCESSO VERBAL
TSH_TO	‘It’s all right,’	he said .
<i>glossa</i>	‘ <i>Está tudo certo,</i> ’	<i>ele disse</i> .
TSH_TT1	Não há de ser nada.	— respondeu ele
TSH_TT2	“Tudo bem”,	respondeu ele.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 3 – *They Shoot Horses, don’t they?* (TSH).

As opções que tiveram menor seleção, dentre aquelas em que não há PROJEÇÃO são: “activity targeting”, atividade de alvo, ocorrência de 2,3% (em média), e “semiosis non projecting no verbiage”, semiose não projetante sem verbiagem, média de ocorrência de 0,0%. Isso aponta que a ocorrência evidente de um ato de fala é pouco frequente nesses textos.

Dentre as opções que realizam PROJEÇÃO as que tiveram menor seleção são: “semiosis projecting reporting imperating”, semiose projetante de relato imperativa, cuja média de ocorrência de 1,1%. E os textos com maior seleção da opção ordem de dizer zero, selecionada quando não há equivalência entre TT e TO, foram as primeiras traduções dos três “romances policiais” (média 25,0%).

A Tabela 7 apresenta a distribuição das subcategorias da categoria Ordem de Dizer entre os textos de “romances não policiais”.

Tabela 7 – Categoria Ordem de Dizer nos “romances não policiais”

Categoria Ordem de Dizer	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
activity talking	13 9,8%	10 7,5%	12 9,1%	8 5,3%	9 5,9%	9 6,0%	6 5,6%	5 4,6%	12 11,2%
activity targeting	8 6,1%	7 5,3%	6 4,5%	3 2,0%	2 1,3%	4 2,6%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
semiosis projecting quoting indicating	75 57,2%	61 45,8%	75 57,2%	91 60,6%	88 58,6%	91 60,6%	51 47,7%	41 38,3%	48 44,8%
semiosis projecting quoting imperating	7 5,3%	6 4,5%	6 4,5%	7 4,6%	8 5,2%	7 4,6%	1 0,9%	0 0,0%	1 0,9%
semiosis projecting reporting indicating	7 5,3%	4 3,0%	7 5,3%	5 3,3%	10 6,5%	6 4,0%	13 12,1%	12 11,2%	14 13,1%
semiosis projecting reporting imperating	2 1,5%	1 0,8%	2 1,5%	1 0,6%	0 0,0%	0 0,0%	4 3,7%	6 5,6%	6 5,6%
semiosis non projecting verbiage	9 6,8%	10 7,5%	9 6,8%	28 18,6%	29 19,3%	25 16,6%	21 19,6%	20 18,6%	15 14,0%
semiosis non projecting no verbiage	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 0,9%	0 0,0%
ordem de dizer zero	12 9,1%	34 25,6%	14 10,6%	7 4,6%	4 2,6%	8 5,3%	11 10,2%	22 20,5%	11 10,2%
TOTAL (%)	133 100%	133 100%	131 100%	150 100%	150 100%	150 100%	107 100%	107 100%	107 100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Na Tabela 7, pode-se observar que a seleção mais frequente dentre as subcategorias da categoria Ordem de Dizer para “romances não policiais” também é semiose projetante de citação indicativa (média de ocorrência de 53,5%). Ou seja, nesses textos também é mais comum a realização de discurso direto. Os textos com maior ocorrência dessa seleção foram GE_TO e GE_TT2 ambos com (66,6%) e o texto com menor seleção dessa opção foi WH_TT2 (44,8%).

A subcategoria menos selecionada dentre os textos de “romances não policiais” foi semiose não projetante sem verbiagem, média de 0,0%. Semiose projetante de relato imperativa foi a subcategoria que teve mais baixa ocorrência na maioria dos textos, com uma média de 2,1%. A

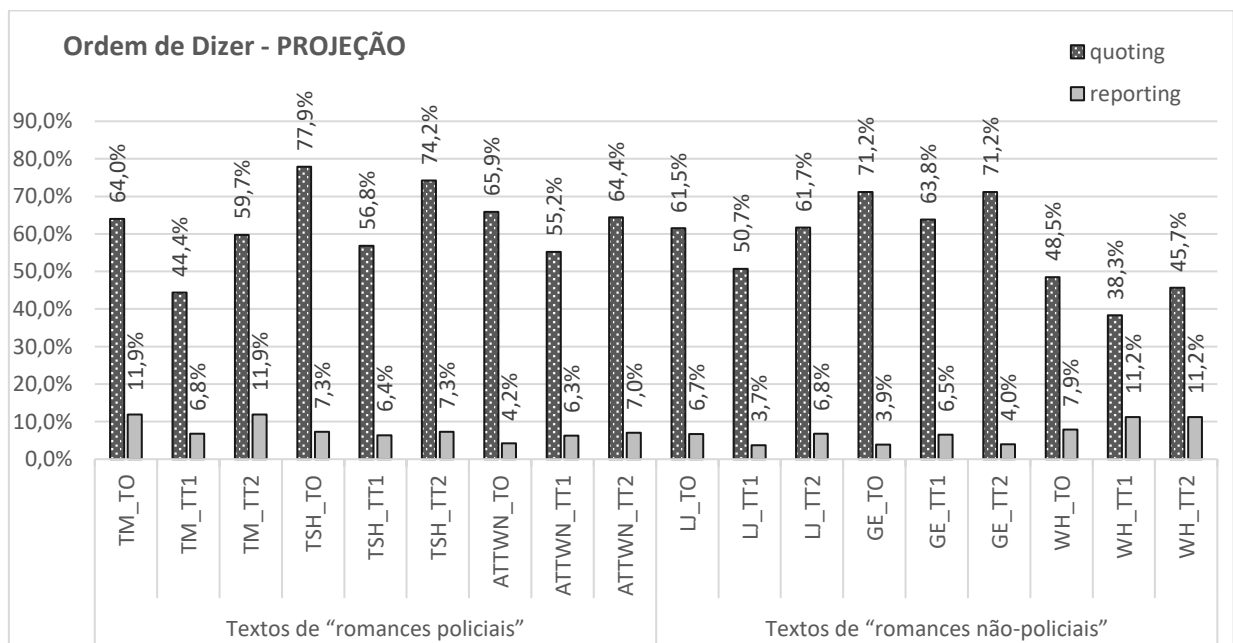
opção seguinte com menos ocorrências é semiose projetante de citação imperativa, cuja média de ocorrência foi 3,3%, mais baixa que a maioria das ocorrências individuais.

A opção ordem de dizer zero foi majoritariamente selecionada por duas das primeiras traduções dos “romances não policiais”, LJ_TT1 (25,0%) e WH_TT1 (20,5%), enquanto que GE_TT1 teve a menor ocorrência (2,6%).

Considerando o *corpus* como um todo, a seleção das subcategorias de Ordem de Dizer mais frequentes em ordem decrescente é: semiose projetante de citação indicativa (média de 53,9% – indicação de discurso direto –, zero (12,4%), semiose não projetante verbiagem (11,1% em média) – representação de um evento de fala e a designação do tópico do que é dito –, semiose projetante de citação imperativa – também indica discurso direto –, e semiose projetante de relato indicativa (em média 5,7%) – indicação de discurso indireto.

No Gráfico 7 estão ilustradas as escolhas de tipo de PROJEÇÃO: relato ou citação.

Gráfico 7 – Frequência de relato (reporting) e citação (quoting) na categoria Ordem de Dizer



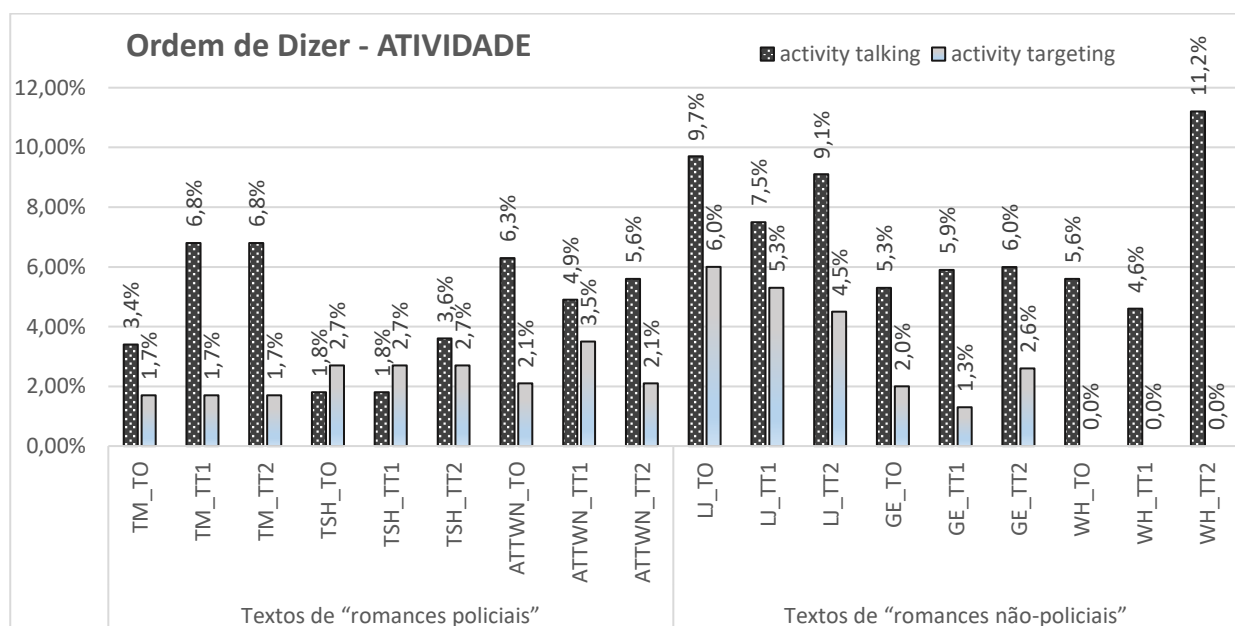
Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que a maioria dos PROCESSOS VERBAIS no *corpus* realiza PROJEÇÃO do tipo citação, o que indica a preferência pelo uso de discurso direto. Os TOs são os textos com maior frequência de PROJEÇÃO do tipo citação (em média 64,8%), exceto WH_TO (48,5%), e o que se destaca com a maior frequência é o TSH_TO (77,9%). Entre os textos traduzidos, os TT2s têm maior frequência de PROJEÇÃO citação (em média 62,8%) em relação aos TT1s (em média 51,5%).

Os textos com maior frequência de PROJEÇÃO do tipo relato – realização de discurso indireto – são WH_TT1 e WH_TT2 (11,2%), TM_TO e TM_TT2 (11,9%). Observa-se que nessa subcategoria (PROJEÇÃO do tipo relato) ocorre alta frequência de correspondência entre os TOs e os TT2s na maioria dos textos e as porcentagens dos TOs e TT2 são iguais ou têm diferença de 0,1%. No entanto, para os textos ATTWN e WH a mais alta frequência de correspondência nessa subcategoria é entre TT1s e TT2s.

No Gráfico 8 estão ilustradas as escolhas de tipo de ATIVIDADE: activity talking (atividade de conversa) ou activity targeting (atividade de alvo).

Gráfico 8 – Frequência de ATIVIDADE na categoria Ordem de Dizer



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Na seleção da opção ATIVIDADE – quando há representação evidente de um evento de fala –, de modo geral, a escolha preferencial é por atividade de conversa, conforme ilustrado no Gráfico 8. Considerando-se as médias gerais de ocorrências de atividade de conversa, os TOs (5,3%) e os TT1s (5,2%) são os que mais se aproximam. Observa-se que os TT2s são os que mais selecionam atividade de conversa, em geral (média 7,0%). Tendo como base o tipo de “romance”, os “romances não policiais” são os que mais selecionam essa subcategoria tanto nos TOs (média 6,8%) quanto nos TTs (TT1s média 6,0%; TT2s média 8,7%).

Como pode ser observado no Gráfico 8, a frequência de seleção de atividade de alvo é de 4,6%, em média, sendo que os textos WH (TO, TT1 e TT2) não selecionam essa subcategoria. Nos “romances policiais” TM, TSH e ATTWN ocorre alta frequência de correspondência entre TOs, TT1s e TT2s. As frequências de seleção de atividade de alvo têm valor idêntico em TM (1,7%) e TSH (2,7%) e para ATTWN é a seguinte, TO e TT2 (2,5%) e o TT1 (3,5%). Nos “romances não policiais” há correspondência total entre os textos WH (0,0%); no GE, a diferença de ocorrências é aproximadamente 0,6% – TO (2,0%), TT1 (1,3%) e TT2 (2,6%). E o LJ_TO é o que se destaca com a maior frequência de atividade de alvo: 6,0% de ocorrência, e o TT1 (5,3%) se aproxima mais do TO que do TT2 (4,5%).

O exemplo no Quadro 26 ilustra a seleção da subcategoria atividade de conversa.

Quadro 26 – Seleção da opção atividade de conversa na categoria Ordem de Dizer

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam ATIVIDADE DE CONVERSA: “scream”; “gritar”
WH_TO	‘I had the misfortune to scream in my sleep, owing to a frightful nightmare. I’m sorry I disturbed you.’
<i>glossa</i>	‘Eu tive o infortúnio de gritar no meu sono, devido a um terrível pesadelo. Sinto muito se eu incomodei você.’
WH_TT1	— Tive a desgraça de gritar em sonho, vítima que estava sendo dum horrível pesadelo. Lastimo tê-lo incomodado.
WH_TT2	— Por conta de um terrível pesadelo, tive o infortúnio de gritar enquanto dormia. Lamento tê-lo importunado.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 4 – *Wuthering Heights* (WH).

Cruzando informações dessa categoria com a categoria anteriormente descrita, verbos lexicais (4.3), elucidam-se as seguintes questões:

1) Quais verbos lexicais mais realizam atividade de fala e atividade de alvo, ou seja, que indicam de forma explícita a ocorrência de um ato de fala?

O Quadro 27 apresenta uma lista com os dez verbos mais frequentes no *corpus* realizando ATIVIDADE.

Quadro 27 – Verbos lexicais realizando Ordem de Dizer ATIVIDADE no *corpus*

Verbos lexicais dos textos TO				Verbos lexicais dos textos TT			
atividade de conversa		atividade de alvo		atividade de conversa		atividade de alvo	
speak	10	call	4	falar	42	acusar	4
talk	10	accuse	2	dizer	8	chamar	5
call	5	announce	2	chamar	7	anunciar	4
say	5	curse	2	gritar	4	apresentar	3
ask	2	introduce	2	orar	4	falar	3
pray	2	address	1	conversar	3	amaldiçoar	2
swear	2	challenge	1	dirigir (-se)	3	lançar acusações	2
agree	1	flatter	1	reclamar	3	praguejar	2
hurrah	1	fuss	1	berrar	2	ameaçar	1
invite	1	mention	1	convidar	2	desafiar	1

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme pode ser observado no Quadro 27, os verbos lexicais dos TOs mais solicitados para realizar a Ordem de Dizer atividade de conversa são, respectivamente: “speak” (10), “talk” (10), “call” (5) e “say” (5). Dentre os mais solicitados para realizar atividade de alvo estão: “call” (4) “acuse” (2), “announce” (2), “curse” (2) e “introduce” (2). Assim, observa-se que o verbo lexical “call” é o que mais frequentemente realiza os dois tipos de ATIVIDADE no *corpus*. Ilustra-se ocorrências de atividade de conversa e de atividade de alvo no Exemplo 9.

Exemplo 9:

"stop talking to me as if I was still twelve."	talk → atividade de conversa (TM_TO - amostra 4)
"A fellow who'd worked for him accused him of stealing some kind of idea or invention from him..."	acuse → atividade de alvo (TM_TO - amostra 3)

Nos TTs, os verbos lexicais mais solicitados para realizar a Ordem de Dizer atividade de conversa são: “falar” (42), “dizer” (8), “chamar” (7), “gritar” (4), “orar” (4). Dentre os verbos que realizam a Ordem de Dizer atividade de alvo estão: “chamar” (5), “acusar” (4), “anunciar” (4), “apresentar” (3), “falar” (3). O verbo lexical que mais frequentemente realiza os dois tipos de ATIVIDADE nos TTs analisados é “chamar”. As ocorrências de atividade de conversa e de atividade de alvo são ilustradas no Exemplo 10.

Exemplo 10:

Dorothy disse que queria falar comigo a sós (...)	falar → atividade de conversa (TM_TT2 - amostra 4)
Um homem que trabalhava para Wynant acusou -o de lhe haver furtado a idéia numa invenção.	acusar → atividade de alvo (TM_TT1 - amostra 3)

2) Quais verbos lexicais mais realizam cada tipo de PROJEÇÃO: citação (discurso direto) e relato (discurso indireto)?

No Quadro 28 estão listados os dez verbos lexicais realizando cada tipo de SEMIOSE mais frequentes em cada língua.

Quadro 28 – Verbos lexicais realizando Ordem de Dizer semiose projetante: citação e relato

Verbos lexicais dos textos TO				Verbos lexicais dos textos TT			
semiose citação		semiose relato		semiose citação		semiose relato	
ask	40	tell	14	perguntar	95	perguntar	13
cry/cry out	17	ask	6	responder	82	jurar	7
return	11	swear	3	exclamar	40	contar	5
murmur	8	assure	2	gritar	32	pedir	5
add	6	admit	1	falar	27	responder	5
remark	6	beg	1	murmurar	23	mandar	4
go on	5	claim	1	observar	16	afirmar	3
repeat	5	complain	1	explicar	15	confessar	3
reply	5	daresay	1	acrescentar	14	dar ordem	3
tell	5	declare	1	continuar	14	declarar	3

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Os verbos lexicais mais solicitados para todos os tipos de semiose projetante são também os verbos mais frequentes do *corpus*: “say” (TO citação: 292; TO relato: 16) e “dizer” (TT citação: 297; TT relato: 48). Os verbos lexicais mais solicitados nos TOs realizando semiose projetante do tipo citação são: “ask” (40), “cry/cry out” (17), “return” (11) e “murmur” (8), enquanto que os que mais realizam semiose projetante do tipo relato são: “tell” (14), “ask” (6), “swear” (3) e “assure” (2). Observa-se ainda que o verbo “ask” é o mais solicitado para realizar os dois tipos de semiose projetante nos TOs.

Em relação aos TTs, os verbos lexicais mais solicitados realizando semiose projetante do tipo citação são: “perguntar” (95), “responder” (82), “exclamar” (40) e “gritar” (32), enquanto os que mais realizam semiose projetante do tipo relato são: “perguntar” (13), “jurar” (7), “contar” (5) e “pedir” (5). O verbo lexical mais solicitado para realizar os dois tipos de semiose projetante dentre os TTs é “perguntar”.

3) Quais verbos lexicais mais realizam semiose não projetante verbiagem, ou seja, representam um evento de fala e nomeiam o tópico do que é dito?

O Quadro 29 apresenta os dez verbos lexicais mais frequentes para realizar a Ordem de Dizer semiose do tipo verbiagem.

Quadro 29 – Verbos lexicais que realizam Ordem de Dizer SEMIOSE verbiagem

semiose não projetante verbiagem			
Verbos lexicais dos TOs		Verbos lexicais dos TTs	
say	23	dizer	61
tell	14	falar	18
mean	13	pedir	10
talk	4	contar	9
ask	3	indicar	4
mention	3	referir-se	4
call	2	repetir	4
describe	2	explicar	3
order	2	pronunciar	3
utter	2	acrescentar	2

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme observa-se no Quadro 29, os verbos mais frequentes do *corpus* são também os mais solicitados para esse tipo de Ordem de Dizer: TO “say” (23) e TT “dizer” (61). Nos TOs, os outros verbos lexicais que ocorrem mais frequentemente realizando semiose não projetante verbiagem são: “tell” (14), “mean” (13) e “talk” (4). Nos TTs, os mais frequentes são: “falar” (18), “pedir” (10) e “contar” (9). No Exemplo 11 estão ilustrados alguns dos verbos lexicais mais frequentes realizando semiose não projetante verbiagem em ING e em PB.

Exemplo 11: Semiose não projetante verbiagem

'After a long interval, he said, "They told <u>their story</u> ."	tell → semiose não projetante verbiagem; <u>their story</u> → PARTICIPANTE VERBIAGEM (LJ_TO - amostra 7)
“Frances puxou-lhe o cabelo com vontade, e depois foi sentar no colo do marido; e lá ficaram como dois pombinhos, por horas, trocando beijos e falando <u>bobagens</u> ”	falar → semiose não projetante verbiagem; <u>bobagens</u> → PARTICIPANTE VERBIAGEM (WH_TT2 - amostra 3)

Os resultados apresentados nesta subseção parecem corroborar o que Paula (2014) verificou em sua pesquisa: há predominância de PROCESSOS VERBAIS realizando PROJEÇÕES tanto em PB como em ING. Outro ponto que parece confirmar Paula (2014): quando há seleção da opção ATIVIDADE, a escolha preferencial é por atividade de conversa. No entanto, ao contrário do que Paula (2014) obteve, neste *corpus*, a maioria dos casos de PROJEÇÃO é do tipo citação. O que

pode justificar essa disparidade é a diferença de corpora: Paula (2014) analisou histórias em quadrinhos, enquanto que esta pesquisa analisou “romances”, que prototipicamente realizam mais PROJEÇÕES do tipo citação.

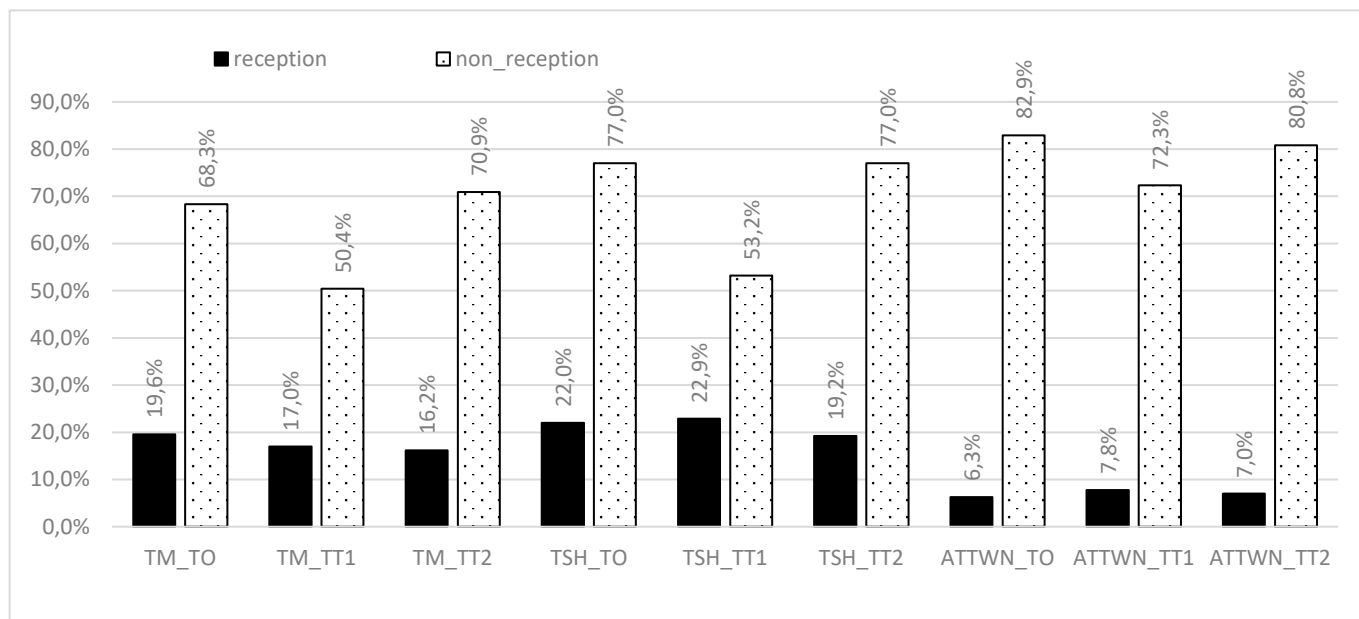
Além disso, evidencia-se uma tendência análoga a dos resultados da pesquisa de Jesus (2008) no que diz respeito ao uso predominante do verbo “say” (TOs) quando há PROJEÇÃO de citação, ou seja, semiose projetante de citação. Um ponto de discordância com o trabalho de Jesus (2008) trata do verbo “dizer”: o que havia sido encontrado é que “dizer” ocorre mais frequentemente em ORAÇÕES de relato que nas de citação no sistema do PB, mas o que verificamos é o oposto. Nas traduções, a diferença de frequência no uso do verbo “dizer” nesses dois tipos de ORAÇÃO (relato e citação) é de 62,4%, sendo as do tipo citação mais frequentes (74,4%) que as de relato (12,0%).

4.5 Recepção (reception)

A seleção da categoria Recepção se dá quando há a realização do PARTICIPANTE RECEPTOR na ORAÇÃO VERBAL. E nesta seção, são apresentados gráficos com a frequência relativa das duas subcategorias dessa categoria, além de tabelas com os dados obtidos.

O Gráfico 9 e a Tabela 8 mostram os resultados referentes à categoria Recepção em “romances policiais”.

Gráfico 9 – Frequência relativa da categoria Recepção em “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Tabela 8 – Categoria Recepção nos “romances policiais”

Categoria reception	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TO	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2
reception	23	20	19	24	25	21	9	11	10
	19,6%	17,0%	16,2%	22,0%	22,9%	19,2%	6,3%	7,8%	7,0%
non reception	80	59	83	84	58	84	117	102	114
	68,3%	50,4%	70,9%	77,0%	53,2%	77,0%	82,9%	72,3%	80,8%
reception zero	14	38	15	1	26	4	15	28	17
	11,9%	30,4%	12,8%	0,9%	24,2%	3,6%	10,6%	19,8%	12,0%
TOTAL	117	117	117	109	109	109	141	141	141
%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme apresentado no Gráfico 9 e na Tabela 8, todos os textos selecionaram na maioria das vezes a opção não recepção (média de 70,3%) e, em geral, todos os TT1s (média 58,6%) tiveram menor seleção dessa opção na comparação com os TOs (média 76,0%) e TT2s (média 76,2%).

Os textos em que a seleção da opção recepção foi maior foram os TSH (média 14,7%) e os com a menor ocorrência foram os ATTWN (média 7,0%). Conforme Tabela 8, os textos de “romances policiais” com maior seleção da opção recepção zero são as primeiras traduções TM_TT1 (30,4%), TSH_TT1 (24,2%) e ATTWN_TT1 (19,8%), contra uma média geral de ocorrência da subcategoria de 9,0%.

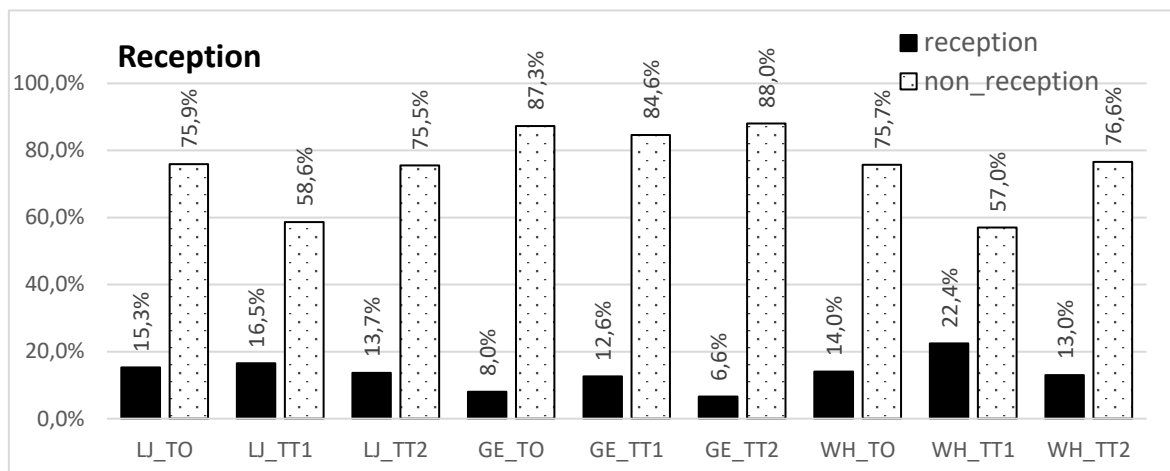
A Tabela 9 e o Gráfico 10 apresentam os resultados da categoria Recepção para os textos de “romances não policiais”.

Tabela 9 – Categoria Recepção nos “romances não policiais”

Categoria reception	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
reception	20	22	18	12	19	10	15	24	14
	15,3%	16,5%	13,7%	8,0%	12,6%	6,6%	14,0%	22,4%	13,0%
non reception	101	78	99	131	127	132	81	61	82
	75,9%	58,6%	75,5%	87,3%	84,6%	88,0%	75,7%	57,0%	76,6%
reception zero	12	33	14	7	4	8	11	22	11
	9,0%	24,8%	10,6%	4,6%	2,6%	5,3%	10,2%	20,5%	10,2%
TOTAL	133	133	131	150	150	150	107	107	107
%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 10 - Frequência relativa de Recepção em “romances não policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme ilustrado na Tabela 9 e no Gráfico 10, todos os textos selecionaram majoritariamente a opção não recepção (média 75,4%). As menores ocorrências da subcategoria não recepção são nos TT1s (média 66,7%), com destaque para WH_TT1 (57,0%) com a menor ocorrência. As maiores ocorrências são dos textos GE, (média 86,6%) em que há maior proximidade entre os três textos. Os textos com menor frequência de seleção da opção recepção, em geral, foram os TT2s (média 11,1%) e salienta-se que GE_TO (8,0%) e GE_TT2 (6,6%) tiveram as frequências mais baixas.

Na Tabela 9, observa-se que os textos que mais selecionaram a opção recepção zero foram as primeiras traduções, LJ_TT1 (24,8%), WH_TT1 (20,5%), com exceção de GE_TT1 (2,6%). Percebe-se ainda que, de modo geral, nessa seleção os TT2s se aproximam mais dos TOs que os TT1s.

O exemplo do Quadro 30 ilustra a seleção preferencial da categoria Recepção: não recepção – quando o PARTICIPANTE RECEPTOR não é selecionado.

Quadro 30 – Seleção da opção não recepção na categoria Recepção

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que não selecionam PARTICIPANTE RECEPTOR (Ø indica posição vaga)
GE_TO	Have you happened to miss such an article as a pie, blacksmith? asked the sergeant, confidentially Ø.
<i>glossa</i>	<i>Aconteceu de você dar falta de algum artigo como uma torta, ferreiro? perguntou o sargento confidencialmente.</i>
GE_TT1	— Chegou a dar por acaso pela falta de tal artigo, ferreiro? — perguntou o sargento em tom confidencial Ø.
GE_TT2	“Você deu pela falta de alguma coisa assim, como uma torta, ferreiro?”, perguntou o sargento, em tom confidencial Ø.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 4 – *Great Expectations* (GE).

Considerando esses resultados, constata-se que a seleção preferencial nesta categoria em todos os textos é pela subcategoria não recepção (média geral 72,9%), sendo que os “romances não policiais” selecionam mais essa opção (5,1% a mais). De modo geral, os TT1s selecionam menos não recepção que os outros textos e, novamente, os TT1s de “romances não policiais” selecionam mais essa opção (8,1% a mais). As primeiras traduções são as que selecionam mais a opção zero, o que indica que, nas seleções de Recepção, os TOs e TT2s se aproximam mais entre si que os TT1s.

Cruzando os resultados apurados nesta subseção com os das anteriores referentes às categorias verbo lexical (4.3) e Ordem de Dizer (4.4) buscou-se responder às seguintes questões:

1) Quais verbos lexicais mais realizam as opções recepção e não recepção?

No Quadro 31 estão listados os 10 verbos lexicais mais frequentes de cada língua e cada opção de Recepção.

Quadro 31 – Verbos lexicais realizando categoria Recepção

Verbos lexicais dos textos TO				Verbos lexicais dos textos TT			
recepção		não recepção		recepção		não recepção	
tell	30	say	303	dizer	61	dizer	357
ask	16	ask	34	falar	26	perguntar	87
say	14	cry out	16	perguntar	23	responder	85
call	11	return	11	chamar	12	falar	64
speak	6	murmur	8	contar	11	exclamar	38
talk	5	add	7	pedir	7	gritar	32
assure	4	go on	6	acusar	5	murmurar	22
accuse	2	mean	6	indicar	4	observar	17
order	2	remark	6	mandar	4	repetir	17
swear	2	inquire	5	dirigir	3	explicar	16

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que nos TOs, o verbo lexical mais solicitado para realizar a subcategoria recepção é “tell” (30) e, para a opção não recepção o mais solicitado é o verbo mais frequente do *corpus*: “say” (303). O verbo “ask” é o segundo mais selecionado dentre as duas opções: recepção (16) e não recepção (34).

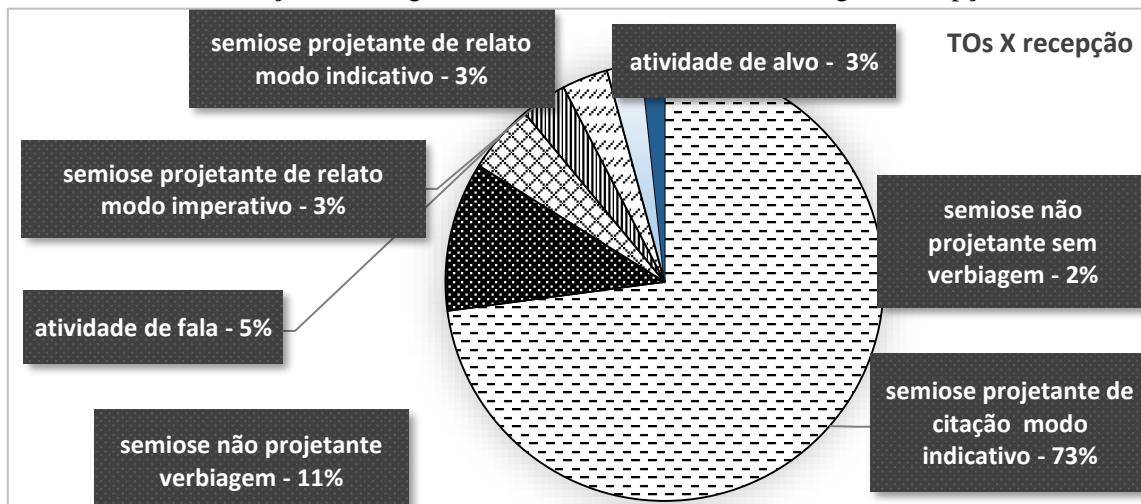
Nos TTs, as duas opções da categoria foram realizadas majoritariamente pelo verbo lexical “dizer”: recepção (61) e não recepção (357). Observando o segundo lugar nos TTs, as opções mais solicitadas são: recepção, “falar” (26) e não recepção, “perguntar” (87).

Em ING é a opção recepção a que apresenta a seleção lexical mais variada, uma vez que as duas opções mais selecionadas não incluem o verbo prototípico de representação da fala “say”. O cruzamento dessas informações indica ainda que os verbos lexicais “say”, “ask” podem selecionar ou não o PARTICIPANTE RECEPTOR, enquanto que outros verbos parecem ter essa seleção restrita a apenas uma das opções. Dentre os verbos lexicais do PB, observa-se que há mais opções de verbos lexicais em que a seleção ou não do PARTICIPANTE RECEPTOR é opcional, como “dizer”, “falar”, “perguntar”.

2) Qual a relação das categorias Ordem de Dizer e Recepção?

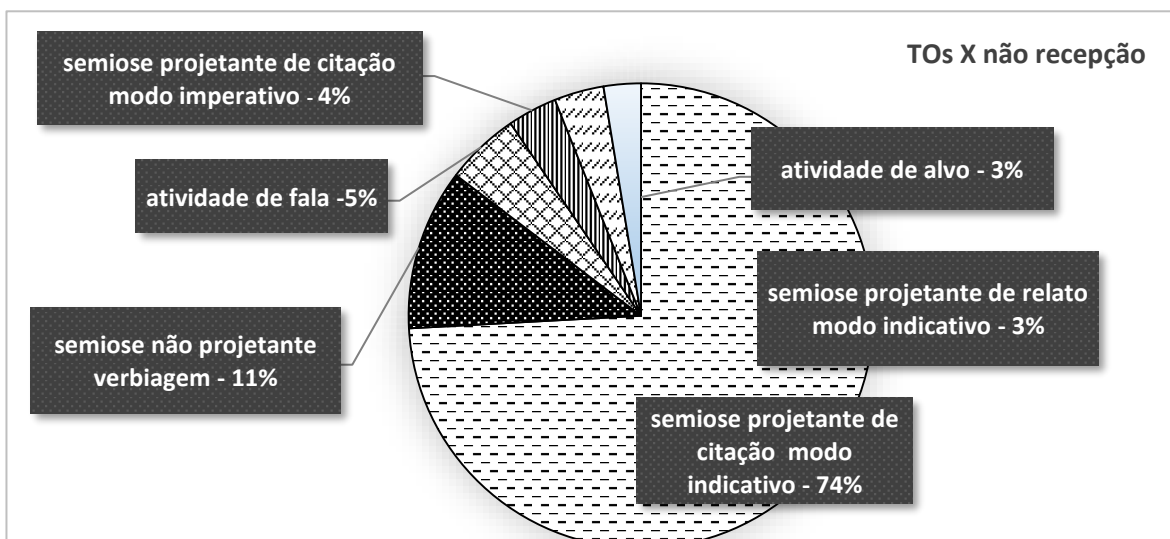
O Gráfico 11 e o Gráfico 12 mostram, respectivamente, a distribuição das subcategorias de Ordem de Dizer em relação à opção recepção e não recepção nos TOs.

Gráfico 11 – Distribuição subcategorias de Ordem de Dizer X subcategoria recepção nos TOs



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 12 – Distribuição subcategorias de Ordem de Dizer X subcategoria não recepção nos TOs

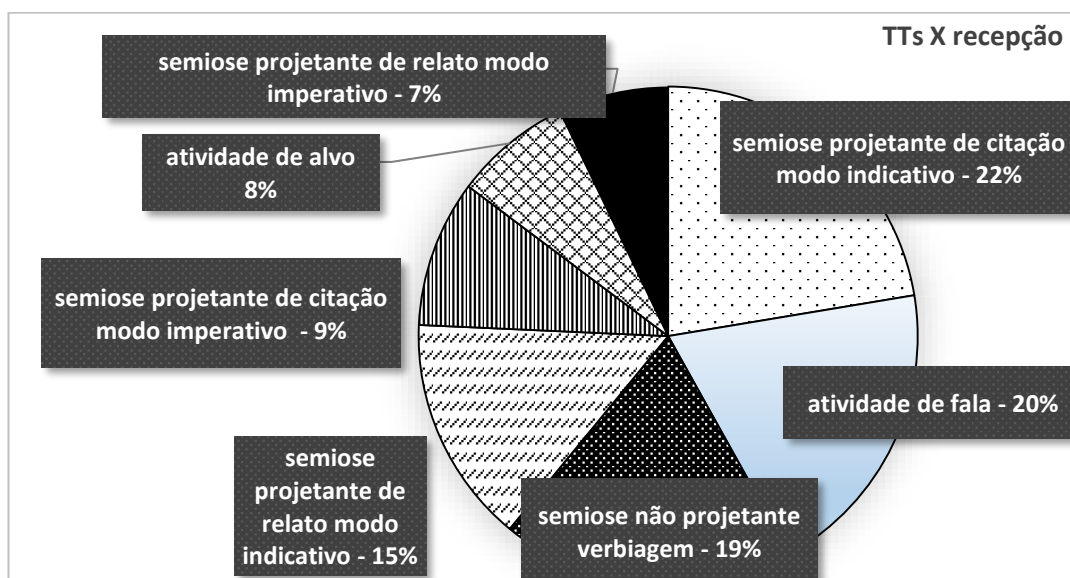


Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que independentemente da subcategoria selecionada da categoria Recepção, a seleção majoritária de Ordem de Dizer é semiose projetante de citação indicativa (recepção, 73% e não recepção, 74%). A distribuição das demais opções de Ordem de Dizer é similar para as duas opções de Recepção, sendo que em ambas a opção semiose não projetante verbiagem ocupa segundo lugar (11%).

O Gráfico 13 mostra a distribuição das subcategorias de Ordem de Dizer em relação à subcategoria recepção nos textos traduzidos.

Gráfico 13 - Distribuição categorias Ordem de Dizer X variável recepção nos TTs

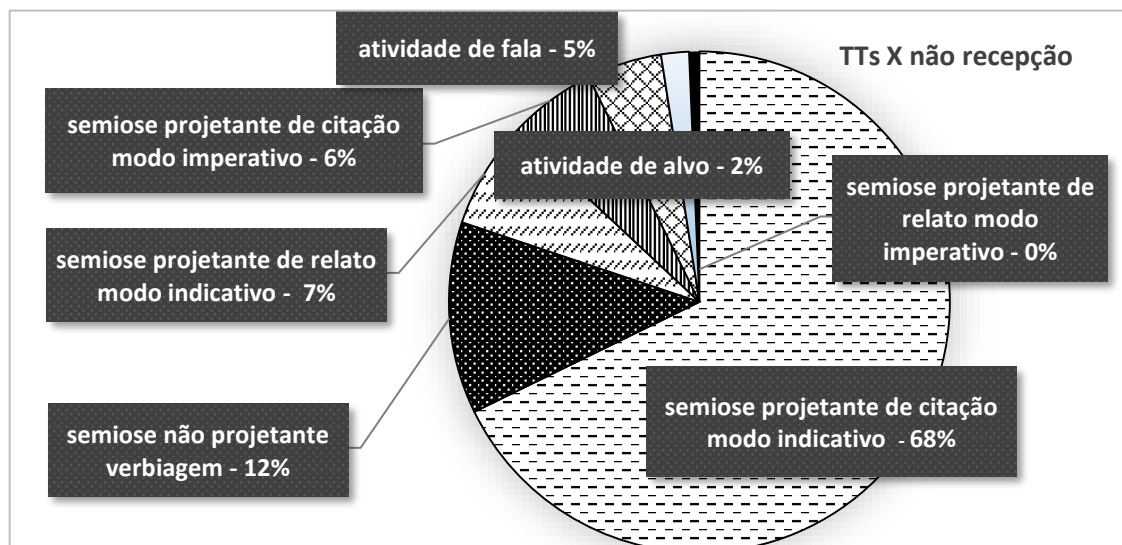


Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que, nos TTs, quando a seleção é por recepção, quatro opções de Ordem de Dizer têm números muito próximos: semiose projetante de citação indicativa (22,0%), atividade de conversa (20,0%), semiose não projetante verbiagem (19,0%) e semiose projetante de relato indicativa (15,0%).

O Gráfico 14 mostra a distribuição das subcategorias de Ordem de Dizer em relação à subcategoria não recepção nos textos traduzidos.

Gráfico 14 – Distribuição categorias Ordem de Dizer X subcategoria não recepção nos TTs



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que quando a seleção é não recepção, a opção preferencial é pela a Ordem de Dizer semiose projetante de citação indicativa (68,0%), com a opção semiose não projetante verbiagem em segundo lugar (12,0%). Percebe-se ainda que a opção semiose projetante de relato indicativa – que indica discurso indireto – não ocorre nenhuma vez na seleção de não recepção.

Considerando o cruzamento desses resultados, percebe-se que para os TOs não há diferenças significativas quando são selecionadas as subcategorias de Recepção. No entanto, para os TTs, quando a seleção é pela subcategoria recepção, as opções de Ordem de Dizer ocorrem de modo mais homogêneo.

Os resultados desta subseção parecem corroborar Paula (2014) e Guimarães (2015): a maioria dos casos analisados seleciona a opção não receptor tanto em PB como em ING. Além disso, nota-se que o comportamento do sistema RECEPÇÃO considerando-se o tipo de “romance” é semelhante.

4.6 Função Semântica (semantic function)

A categoria Função Semântica de uma ORAÇÃO VERBAL identifica a função discursiva da ORAÇÃO projetada pelo PROCESSO VERBAL. Tal categoria só é selecionada quando a Ordem de Dizer é do tipo SEMIOSE com PROJEÇÃO. A opção “not applicable”, não aplicável, ocorre quando não há seleção de PROJEÇÃO e a opção zero quando não há equivalência textual entre o TTs e o TO.

A seguir são apresentadas as seleções dessa categoria por tipo de “romance”: a Tabela 10 refere-se aos “romances policiais” e Tabela 11 refere-se aos “romances não policiais”. Nas tabelas, a primeira linha de cada subcategoria indica o número absoluto de ocorrência de cada uma e, a segunda linha, a frequência relativa (em porcentagem %) da mesma ocorrência. Para facilitar a comparação entre tabelas, as subcategorias não foram colocadas em ordem decrescente.

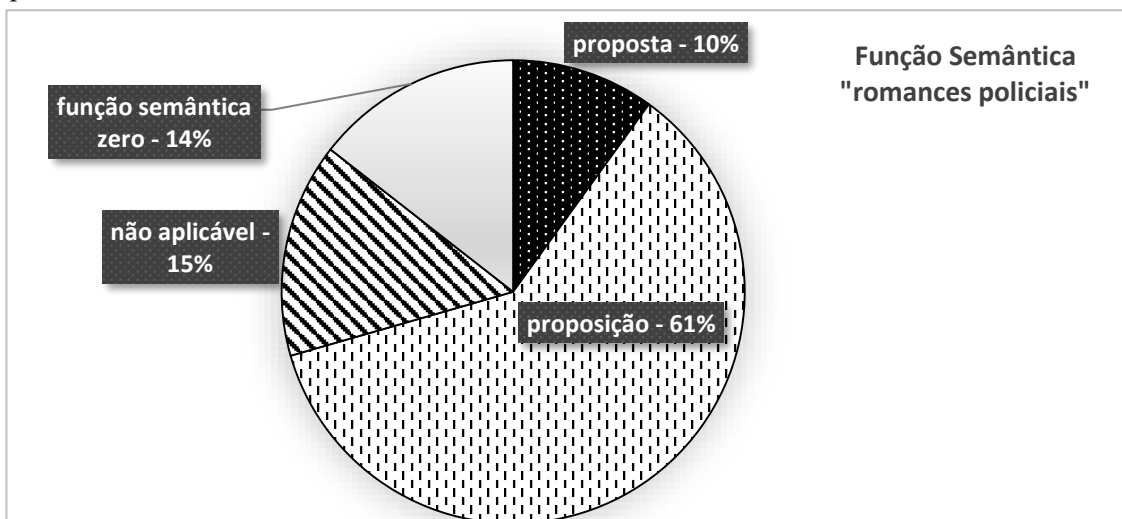
Tabela 10 – Categoria Função Semântica nos “romances policiais

Categoria Função Semântica	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TO	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2
proposal	17	5	12	15	15	18	7	7	10
	14,5%	4,2%	10,2%	13,7%	13,7%	16,5%	4,9%	4,9%	7,0%
proposition	72	56	72	78	54	71	93	80	91
	61,5%	47,8%	61,5%	71,5%	49,5%	65,1%	65,9%	56,7%	64,5%
not applicable	14	18	18	15	14	16	26	24	22
	11,9%	15,3%	15,3%	13,7%	12,8%	14,6%	18,4%	17,0%	15,6%
semantic function zero	14	38	15	1	26	4	15	30	18
	11,9%	32,4%	12,8%	0,9%	23,8%	3,6%	10,6%	21,2%	12,7%
TOTAL (%)	117	117	117	109	109	109	141	141	141
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O Gráfico 15 ilustra a média geral dos números listados na Tabela 10.

Gráfico 15 – Frequência das subcategorias de Função Semântica em textos de “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se, no Gráfico 15, que a Função Semântica “proposition”, proposição, é a mais selecionada dentre todos os textos analisados, com uma média de ocorrência de 61,0%. Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, verifica-se que o texto com maior ocorrência dessa opção é TSH_TO (71,5%) e os com menor ocorrência são as primeiras traduções (média 51,3%). Percebe-se ainda que, nessa subcategoria, TT2s e TOs são os que mais se aproximam. O Exemplo 12 ilustra a ocorrência dessa subcategoria.

Exemplo 12: "Aposto como vocês estão alegres com este ar", disse eu a meus pulmões.
 (“Aposto como vocês...” → ORAÇÃO PROJETADA, MODO indicativo, realiza troca de informações – TSH_TT1 amostra 2)

A opção “proposal”, proposta, ocorreu 10,0% na média, sendo que a maior ocorrência foi no TSH_TT2 (16,5%) e a menor no TM_TT1 (4,2%). Os textos ATTWN (TO, TT1 e TT2) tiveram ocorrência da subcategoria proposta abaixo da média (5,6%). No Exemplo 13 está ilustrada a ocorrência dessa subcategoria.

Exemplo 13: – Vamos! – disse Glória. (“Vamos!” → ORAÇÃO PROJETADA, MODO imperativo, realiza troca de bens e serviços – TSH_TT1 amostra 2)

A ocorrência da subcategoria proposição em maior proporção que a subcategoria proposta aposta para a tendência de que em “romances policiais” a maioria das ORAÇÕES PROJETADAS

realizem trocas de informações. Isso, possivelmente, porque essas ORAÇÕES têm como finalidade de transmitir, pela voz dos personagens, informações sobre os fatos narrados ou até narrá-los.

A média de ocorrência da opção não aplicável, quando não ocorre PROJEÇÃO, foi de 15,0% e não houve grande diferença na frequência dessa seleção em todos os textos. A opção função semântica zero teve média de 14,0% e ocorreu com mais frequência nos TT1s (média 25,8%). A diferença na ocorrência dessa opção nos TT1s em relação aos números gerais é de 11,8% a mais, e o TM_TT1 é o texto com maior incidência de zero (32,4%).

Isso indica que, nos “romances policiais”, a maioria dos PROCESSOS VERBAIS realiza PROJEÇÃO, ou seja, o evento discursivo é citado ou relatado. Além disso, as primeiras traduções são as que têm maior frequência de não equivalência nessa categoria.

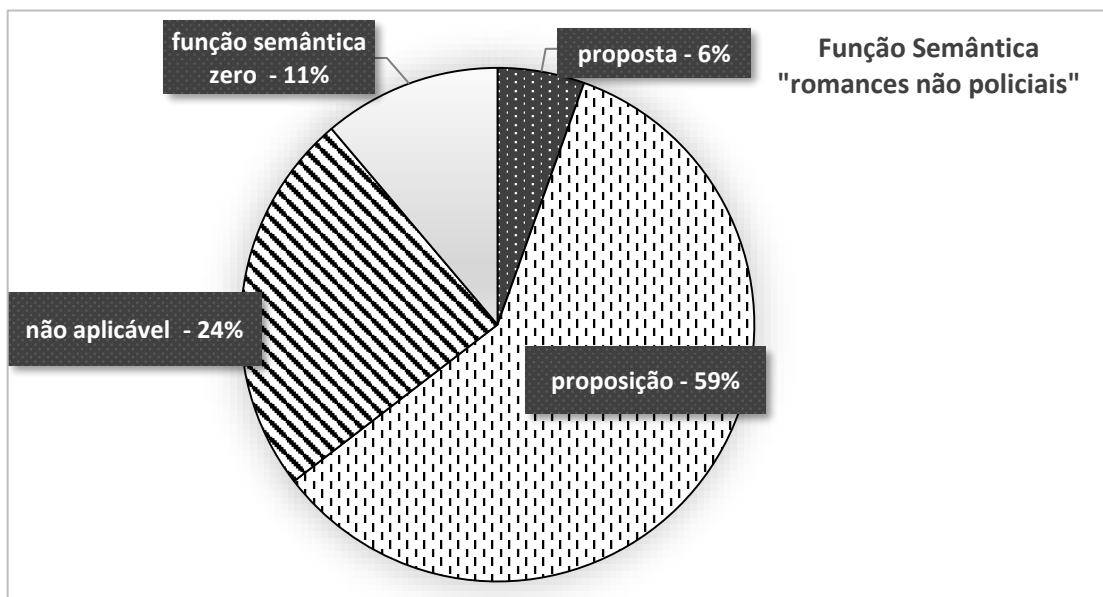
Tabela 11 – Categoria Função Semântica nos “romances não policiais”

Categoria Função Semântica	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
proposal	9	7	8	8	7	7	5	6	7
	6,7%	5,2%	6,1%	5,3%	4,6%	4,6%	4,6%	5,6%	6,5%
proposition	82	65	82	97	95	97	64	51	62
	61,6%	48,8%	62,5%	64,6%	63,3%	64,6%	59,8%	47,6%	57,9%
not applicable	30	27	27	38	41	38	27	28	27
	22,5%	20,3%	20,6%	25,3%	27,3%	25,3%	25,2%	26,1%	25,2%
semantic function zero	12	34	14	7	7	8	11	22	11
	9,0%	25,5%	10,6%	4,6%	4,6%	5,3%	10,2%	20,5%	10,2%
TOTAL	133	133	131	150	150	150	107	107	107
(%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O Gráfico 16 ilustra a média geral dos resultados apresentados na Tabela 11.

Gráfico 16 – Frequência das subcategorias de Função Semântica em textos de “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Verifica-se que a opção mais frequente em todos os textos é de proposição (média 59,0%). Os textos em que essa ocorrência é mais alta são GE, TO, TT1 e TT2 (média 64,2%) e os textos com frequência mais baixa de proposição são as primeiras traduções (média 53,2%). A opção proposta ocorre em média 6,0%, de modo homogêneo entre os textos. Essas ocorrências indicam a tendência de que também em “romances não policiais” as ORAÇÕES PROJETADAS realizam mais trocas de informações do que trocas de bens e serviços.

A opção não aplicável foi selecionada em média 24,0% e a opção função semântica zero ocorre em média 11,0%. As menores ocorrências de função semântica zero é nos textos GE, TO, TT1 e TT2, (média 4,8%) e as maiores ocorrências são nas primeiras traduções: LJ_TT1 (25,5%) e WH_TT1 (20,5%). Esses dados mostram que também há a tendência em “romances não policiais” de os PROCESSOS VERBAIS realizem PROJEÇÃO, com citação ou relato do evento discursivo.

Baseado no que foi apresentado, constata-se que há uma preferência geral pela seleção da Função Semântica proposição – indicando troca de informações – tanto no ING, quanto nas traduções para o PB. Percebe-se ainda que, os TT2s se aproximam mais dos TOs na seleção de proposição e da opção zero.

Destaca-se que entre os “romances policiais”, os textos ATTWN têm um comportamento discrepante na seleção da opção proposta e, entre os “romances não policiais”, o mesmo ocorre para os textos GE, cuja discrepância ocorre na seleção das opções proposição e zero.

Cruzando os resultados desta subseção com os de seções anteriores correspondentes às categorias Verbos lexicais (4.3), Ordem de Dizer (4.4) e Recepção (4.5), buscou-se responder às seguintes questões:

1) Quais verbos lexicais mais realizam as opções proposição – troca de informações – e proposta – troca de bens e serviços?

No Quadro 32 estão listados os dez verbos lexicais mais frequentes de cada opção da categoria Função Semântica. O quadro está dividido entre textos em ING (TOs) e em PB (TTs) de acordo com a língua do texto

Quadro 32 – Verbos lexicais realizando categoria Função Semântica no *corpus*

Verbos lexicais dos textos TOs				Verbos lexicais dos textos TTs			
proposta		proposição		proposta		proposição	
say	36	say	278	dizer	45	dizer	302
tell	7	ask	45	pedir	12	perguntar	107
ask	2	cry	14	falar	8	responder	85
call	2	return	12	gritar	8	exclamar	33
cry	2	tell	11	chamar	5	gritar	24
order	2	murmur	8	exclamar	4	murmurar	22
beg	1	add	6	mandar	4	falar	20
bid	1	remark	6	dar ordem	3	observar	17
break off	1	go on	5	ordenar	2	acrescentar	14
persuade	1	observe	5	sugerir	2	comentar	14

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme pode ser observado no Quadro 32, os verbos mais frequentes em todas as opções são: “say” (TOs) e “dizer” (TTs). Dentre os TOs, o verbo lexical que mais realiza a opção proposta (exceto “say”) é: “tell” (7) e entre os TTs, o verbo que mais realiza essa opção (exceto “dizer”)

é: “pedir” (12). Os verbos lexicais que mais realizam a opção proposição (exceto “say” e “dizer”) são: nos TOs, “ask” (45) e nos TTs, “perguntar” (107).

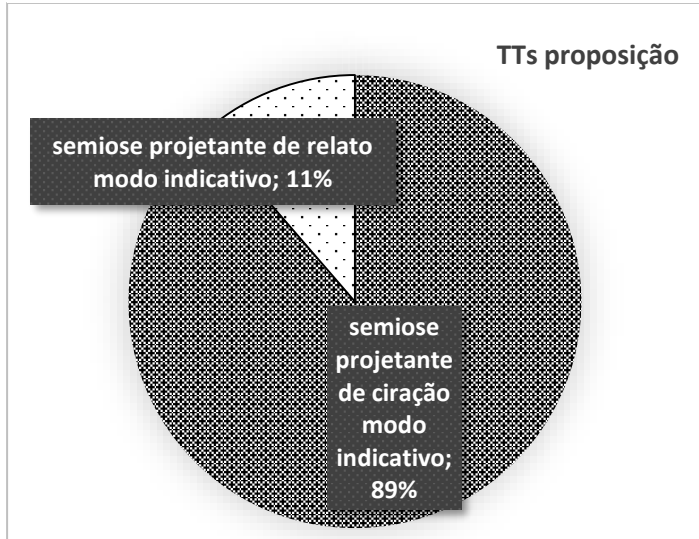
Observa-se que em ING, dentre os seis verbos lexicais mais frequentes (no Quadro 32), dois podem ser usados em apenas uma das subcategorias aplicáveis: proposta, “call” e proposição, “return”. Os outros quatro, “say”, “ask”, “tell” e “cry” podem selecionar ambas opções. Ou seja, há uma tendência, neste *corpus*, de o verbo “call” ser utilizado somente para realizar trocas de bens e serviços, enquanto que “return” seja utilizado somente para indicar trocas de informações.

Em PB, dentre os dez verbos lexicais mais frequentes (Quadro 32), seis selecionam apenas uma das subcategorias: proposta, “pedir”, “chamar”, “mandar” e proposição, “perguntar”, “responder”, “murmurar”. Os outros quatro verbos, “dizer”, “falar”, “gritar” e “exclamar” podem selecionar ambas as opções de Função Semântica. Assim, a tendência para os TTs deste *corpus* é de que “perguntar”, “responder”, “murmurar” apenas realizem trocas de informações, e que “pedir”, “chamar”, “mandar” realizem apenas trocas de bens e serviços.

2) Qual é a relação entre Função Semântica e Ordem de Dizer?

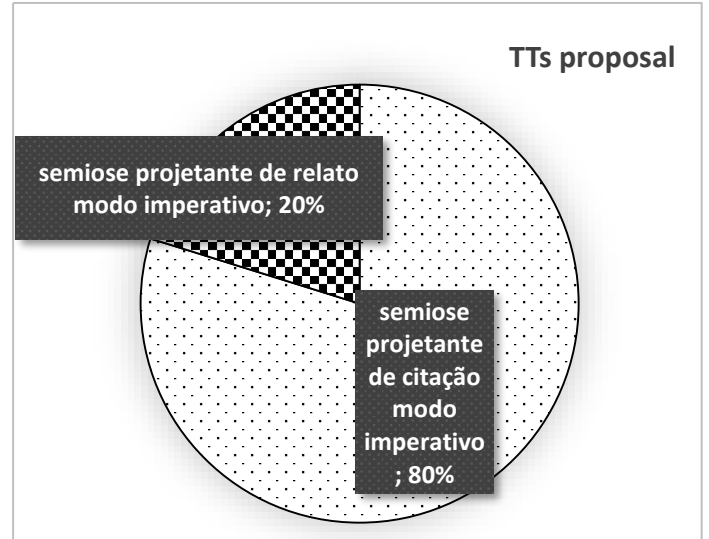
O Gráfico 17, o Gráfico 18, o Gráfico 19 e o Gráfico 20 apresentam a relação entre Função Semântica e Ordem de Dizer nos TOs e TTs

Gráfico 17 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposição nos TTs



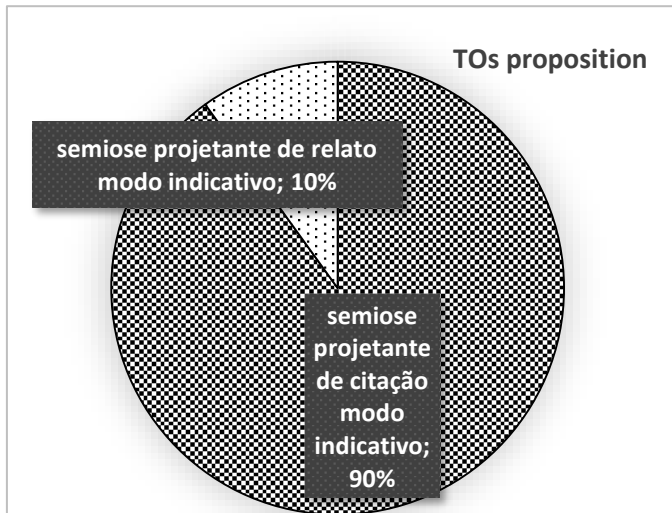
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 18 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposta nos TTs



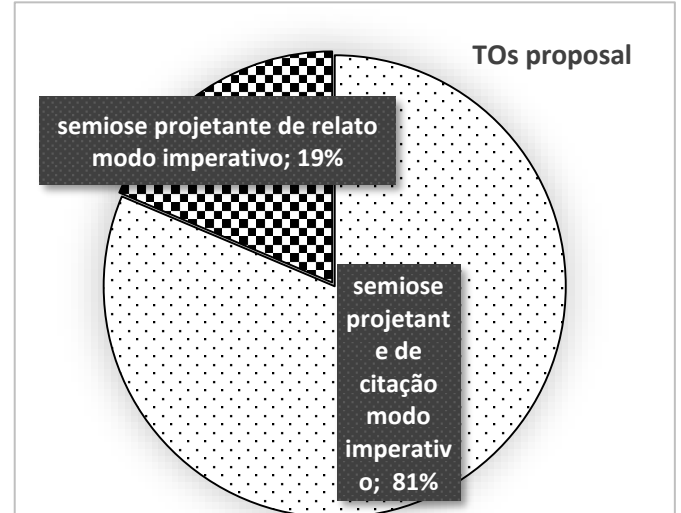
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 20 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposição nos TOs



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 19 - Distribuição de Ordem de Dizer X Função Semântica proposta nos TOs



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Conforme pode ser observado nos gráficos, sempre que a opção proposta é selecionada, a Ordem de Dizer predominante no nível mais delicado é imperativa, que é a realização mais

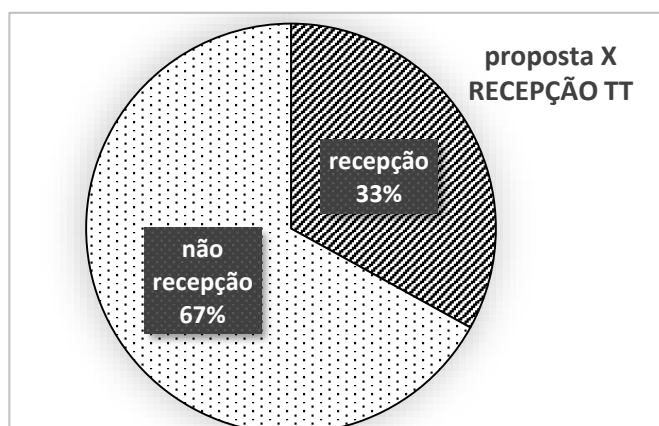
prototípica de modo dessa opção, ou seja, as trocas de bens e serviços são na maioria das vezes realizadas por ORAÇÕES no MODO imperativo. Quando a opção selecionada é proposição, a Ordem de Dizer no nível mais delicado selecionada é, na maioria dos casos, indicativa, coerente com a realização do modo mais prototípico dessa Função Semântica – troca de informações ocorrendo em ORAÇÕES no MODO indicativo.

Seguindo a tendência apresentada na subseção Ordem de Dizer (4.4), a opção predominante, independentemente da seleção de Função Semântica (proposta ou proposição), é de semiose projetante de citação. No entanto, quando a opção é proposta há a ocorrência de relato em 9,0% mais vezes do que quando a seleção é por proposição.

3) Qual é a relação entre as categorias Função Semântica e Recepção?

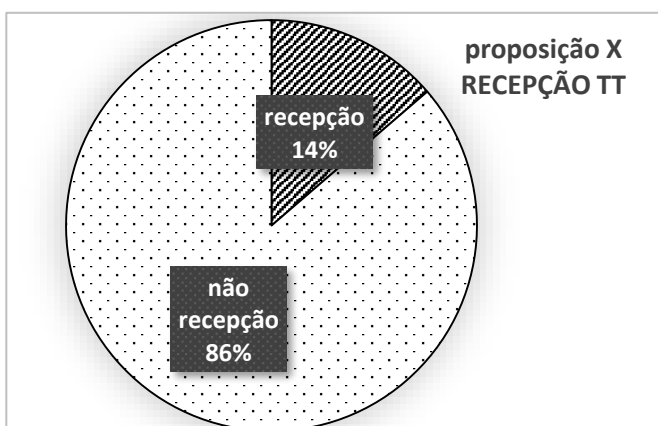
O Gráfico 21, o Gráfico 22, o Gráfico 23 e o Gráfico 24 ilustram as relações entre as opções de Função Semântica e as opções de Recepção nos TOs e TTs.

Gráfico 21 - Relação proposta X Recepção TTs



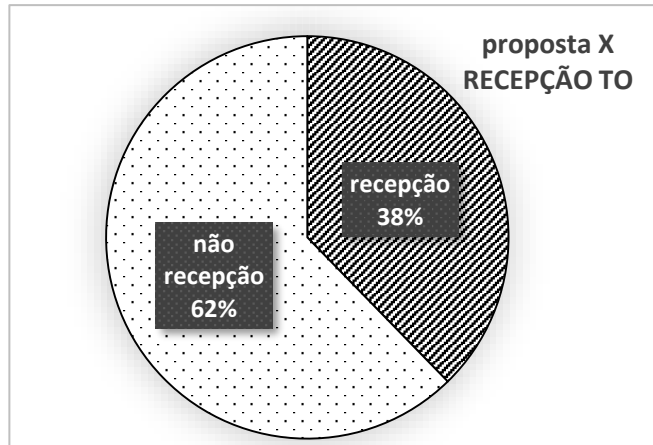
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 22 - Relação proposição X Recepção TTs



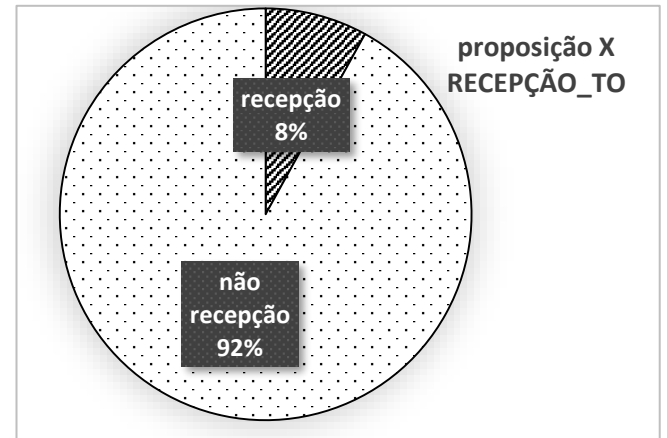
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 23 - Relação proposta X Recepção TOs



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Gráfico 24 - Relação proposição X Recepção TOs



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

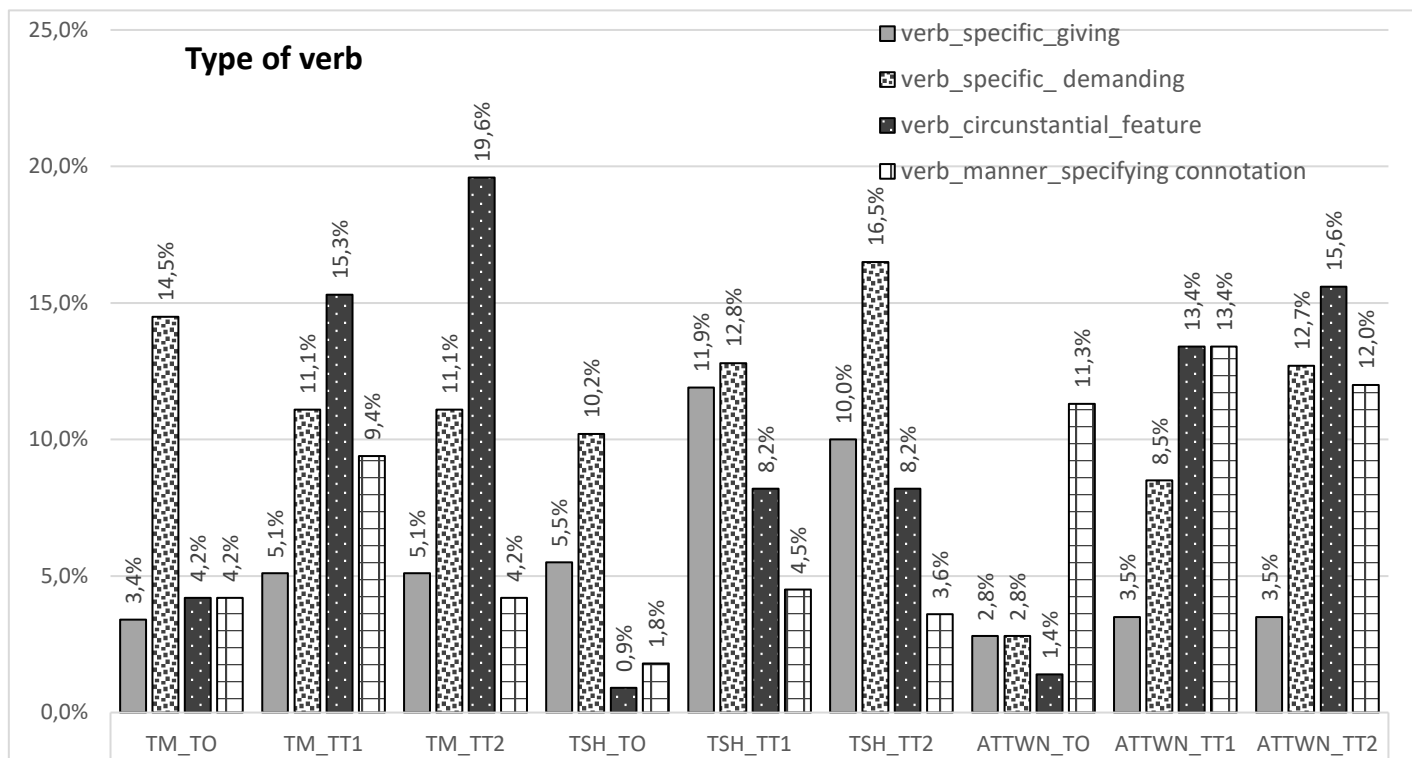
Conforme se pode observar nos gráficos e, em consonância com o que foi apresentado na subseção Recepção (4.5), a opção não recepção é a mais frequente em todas as seleções de Função Semântica. Percebe-se que a diferença entre recepção e não recepção é maior quando a opção selecionada é proposição, principalmente nos TOs (84,0% a mais), enquanto que nos TTs a diferença é de 72,0% a mais. A diferença entre as duas opções da categoria Recepção é menor na seleção da variável proposta (24,0% nos TOs e 34,0% nos TTs).

4.7 Tipo de Verbo (type of verb)

A categoria Tipo de Verbo identifica o tipo de verbo lexical que realiza o PROCESSO VERBAL, e é selecionada quando há PROJEÇÃO. Os resultados dessa categoria são apresentados em gráficos e tabelas por tipo de “romance”.

O Gráfico 25 e a Tabela 12 ilustram a distribuição das frequências das subcategorias de Tipo de Verbo nos “romances policiais”. A opção “not applicable”, não aplicável, é selecionada quando não há PROJEÇÃO, e a opção zero, quando não há equivalência textual.

Gráfico 25 – Distribuição de Tipo de Verbo em “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Tabela 12 – Categoria Tipo de Verbo nos “romances policiais”

Categoria Tipo de Verbo	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_ TO	ATTWN_ TT1	ATTWN_ TT2
general member	58 49,5%	13 11,1%	37 31,6%	72 66,0%	28 25,6%	47 43,1%	75 53,1%	32 22,6%	39 27,6%
verb_specific giving	4 3,4%	6 5,1%	6 5,1%	6 5,5%	13 11,9%	11 10,0%	4 2,8%	5 3,5%	5 3,5%
verb_specific demanding	17 14,5%	13 11,1%	13 11,1%	12 10,2%	14 12,8%	18 16,5%	4 2,8%	12 8,5%	18 12,7%
verb circumstantial feature	5 4,2%	18 15,3%	23 19,6%	1 0,9%	9 8,2%	9 8,2%	2 1,4%	19 13,4%	22 15,6%
verb_manner specifying connotation	5 4,2%	11 9,4%	5 4,2%	2 1,8%	5 4,5%	4 3,6%	16 11,3%	19 13,4%	17 12,0%
type_of_verb zero	14 11,9%	38 32,4%	16 13,6%	1 0,9%	26 23,9%	4 3,6%	15 10,6%	30 21,2%	18 12,7%
not applicable	14 11,9%	18 15,3%	17 14,5%	15 13,7%	14 12,8%	16 14,6%	25 17,7%	24 17,0%	22 15,6%
TOTAL	117	117	117	109	109	109	141	141	141
%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se na Tabela 12, que a subcategoria mais selecionada da categoria Tipo de Verbo é membro geral especialmente entre os TOs, (média geral 36,6%). As primeiras traduções têm os menores números dessa subcategoria (média 19,7%), sendo TM_TT1 a menor frequência (11,1%). O texto que se destaca pela maior frequência de ocorrência de membro geral é TSH_TO (66,0%). Os TT2s selecionam membro geral em média 34,1% dos casos.

No Quadro 33, apresenta-se um exemplo da seleção de verbo do tipo membro geral.

Quadro 33 – Seleção da opção membro geral na categoria Tipo de Verbo

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam PROCESSO VERBAL nas ORAÇÕES – verbos lexicais do tipo membro geral
TSH_TO	'I ain't got nothing but a coat and a toothbrush,' he said .
<i>glossa</i>	'Eu não tenho nada mas um casaco e uma escova de dentes,' ele disse .
TSH_TT1	— Só tenho um casaco e uma escova de dentes disse ele.
TSH_TT2	“Não tenho nada, só um paletó e uma escova de dentes”, falou ele.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 9 – “They Shoot Horses” (TSH).

A opção não aplicável ocorre 14,7% em média, ocupando efetivamente o segundo lugar das ocorrências, e ATTWN_TO (17,7%) e ATTWN_TT1 (17,0%) são os textos com maior frequência dessa subcategoria. A opção tipo de verbo zero, selecionada quando não há equivalência entre TTs e o TO, ocorre em média 14,5%, sendo as primeiras traduções as com maior frequência dessa subcategoria (média 25,8%).

A quarta subcategoria mais frequente é verbo específico de demanda (média 11,1%). O texto com menor frequência dessa subcategoria é ATTWN_TO (2,8%) e o com maior frequência é TSH_TT2 (16,5%). Verifica-se que a frequência dessa subcategoria é maior na maioria dos textos traduzidos que nos TOs. O Quadro 34 apresenta um exemplo da seleção de verbo específico de demanda.

Quadro 34 – Seleção da opção verbo específico de demanda na categoria Tipo de verbo

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam o PROCESSO VERBAL nas ORAÇÕES – verbos lexicais específico de demanda
TM_TO	'Where you kids going?' Rocky asked .
<i>glossa</i>	'Onde vocês crianças estão indo?' Rocky perguntou .
TM_TT1	— Onde é que vocês vão? — perguntou ele.
TM_TT2	“Aonde vocês estão indo?”, perguntou Rocky.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 2 – “They Shoot Horses” (TSH).

Seguindo a ordem decrescente de frequência das subcategorias, a próxima é verbo com característica circunstancial (média 9,6%); TM_TT2 (19,6%) é o texto com maior frequência e o com a menor frequência é TSH_TO (0,9%). Nota-se ainda que entre as traduções essa opção é mais frequente que entre os TOs. No Quadro 35, a seleção de verbo com característica circunstancial está ilustrada nos exemplos.

Quadro 35 – Seleção da opção verbo com característica circunstancial na categoria Tipo de Verbo

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam o PROCESSO VERBAL nas ORAÇÕES – verbos lexicais do tipo com característica circunstancial
TSH_TO	He stopped me. “What gun? That ain't a gun any more. (...)”
<i>glossa</i>	<i>Ele me parou. “Que arma? Não tem arma nenhum mais (...)”</i>
TSH_TT1	(...) mas Guild interrompeu -me. — Que revólver? Não há revólver nenhum (...)
TSH_TT2	Ele me interrompeu : — Mas que arma? Não existe mais arma nenhuma. (...)

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 7 – *The Thin Man* (TM).

A sexta subcategoria mais frequente é verbo de modo especificando conotação (média 7,1%). O texto com a frequência mais baixa é TSH_TO (1,8%) e o conjunto de textos com frequência mais alta é ATTWN (média 12,2%). Observa-se que, em geral, os TT1s selecionam mais essa opção que os outros textos. No Quadro 36 está ilustrada a seleção de verbo especificando conotação.

Quadro 36 – Seleção de verbo de modo especificando conotação na categoria Tipo de Verbo

Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam o PROCESSO VERBAL nas ORAÇÕES – verbos lexicais do tipo modo especificando conotação na categoria
ATTWN_TO	Mr. Justice Wargrave grunted : “Remarkably childish,” and helped himself to port.
<i>glossa</i>	<i>Sr. Justice Wargrave grunhiu: “Notavelmente infantil,” e se serviu de porto.</i>
ATTWN_TT1	— Uma notável criancice — grunhiu o Juiz Wargrave, servindo-se de mais vinho do Porto.
ATTWN_TT2	O juiz Wargrave resmungou : — Uma tremenda criancice — e serviu-se de mais vinho do Porto.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 5 – *And then there were none* (ATTWN).

A opção verbo específico de fornecimento é a menos frequente dentre as subcategorias de Tipo de Verbo (média 5,6%), sendo que o texto com frequência mais alta é TSH_TT1 (11,9%) e o de frequência mais baixa ATTWN_TO (2,8%). Verifica-se que os TTs selecionam mais essa opção que os TOs e que a diferença de ocorrências entre TT1s e TT2s é quase nula. No Quadro 37 são apresentados exemplos da seleção de verbo específico de fornecimento.

Quadro 37 – Seleção de verbo específico de fornecimento na categoria Tipo de Verbo

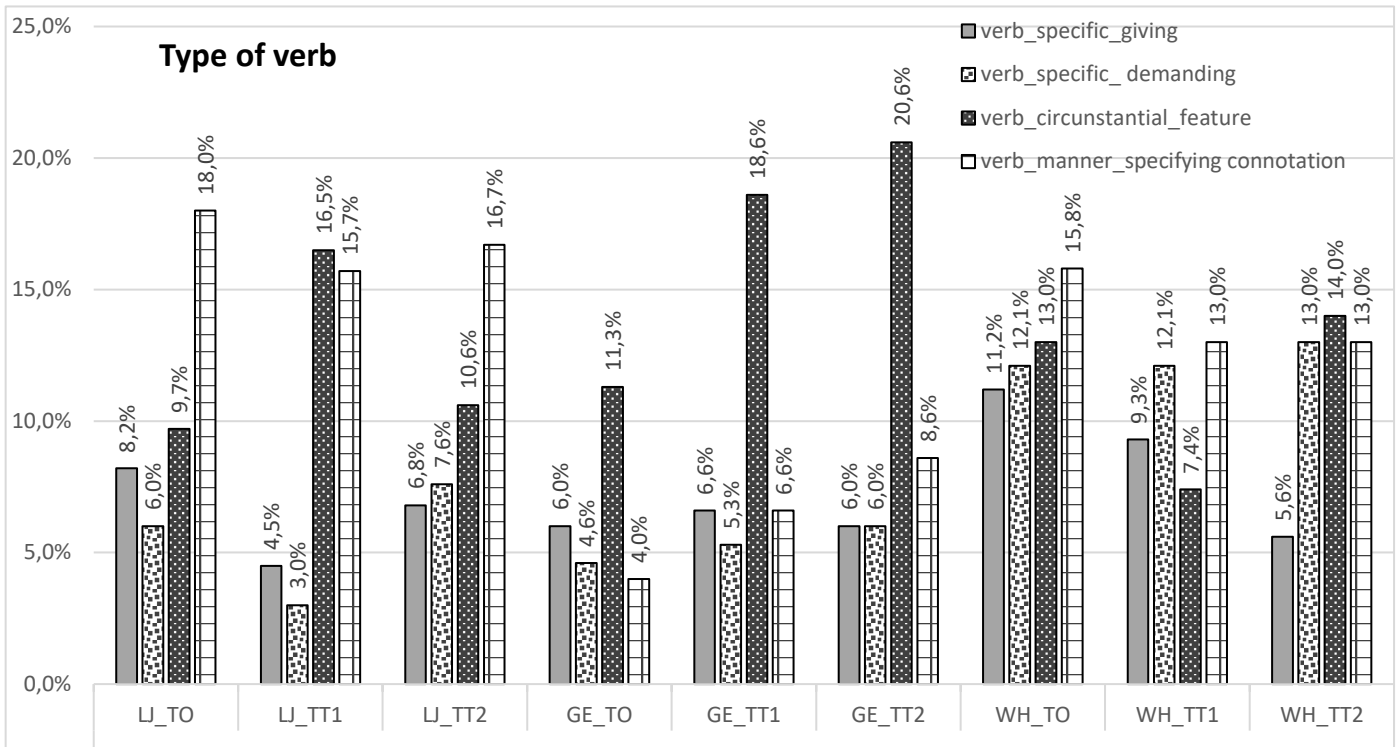
Textos	GRUPOS VERBAIS (negrito) que realizam o PROCESSO VERBAL nas ORAÇÕES – verbos lexicais do tipo específico de fornecimento
TSH_TO	'Mr Donald told us his lawyer said the city couldn't do anything,' I said.
<i>glossa</i>	'Sr. Donald nos disse que seu advogado disse que a cidade não poderia fazer nada,' eu disse.
TSH_TT1	Mr. Donald nos contou que o advogado dele disse que a municipalidade não podia fazer nada — informei.
TSH_TT2	"O sr. Donald contou para nós que o seu advogado disse que a Prefeitura não pode fazer nada", disse eu.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplo retirado da planilha amostra 8 – “They Shoot Horses” (TSH).

O Gráfico 26 e a Tabela 13 a seguir apresentam os resultados da categoria Tipo de Verbo para os “romances não policiais”.

Gráfico 26 - Distribuição de Tipo de Verbo em “romances não policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Tabela 13 – Categoria Tipo de Verbo nos “romances não policiais”

Categoria Tipo de Verbo	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
general	35	19	35	66	49	42	13	12	19
member	26,3%	14,2%	26,7%	44,0%	32,6%	28,0%	12,1%	11,2%	17,7%
verb_specific	11	6	9	9	10	9	12	10	6
giving	8,2%	4,5%	6,8%	6,0%	6,6%	6,0%	11,2%	9,3%	5,6%
verb_specific	8	4	10	7	8	9	13	13	14
demanding	6,0%	3,0%	7,6%	4,6%	5,3%	6,0%	12,1%	12,1%	13,0%
verb	13	22	14	17	28	31	14	8	15
circumstantial	9,7%	16,5%	10,6%	11,3%	18,6%	20,6%	13,0%	7,4%	14,0%
feature	24	21	22	6	10	13	17	14	14
verb_manner	18,0%	15,7%	16,7%	4,0%	6,6%	8,6%	15,8%	13,0%	13,0%
specifying	12	34	14	7	4	8	11	22	12
connotation	9,0%	25,5%	10,6%	4,6%	2,6%	5,3%	10,2%	20,5%	11,2%
type_of_verb	30	27	27	38	41	38	27	28	27
zero	22,5%	20,3%	20,6%	25,3%	27,3%	25,3%	25,2%	26,1%	25,2%
not_applicable	133	133	131	150	150	150	107	107	107
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se, na Tabela 13, que a subcategoria mais selecionada da categoria Tipo de Verbo para “romances não policiais” é não aplicável (média 24,2%), ou seja, quando não há PROJEÇÃO. Seguindo a ordem de frequência de subcategorias, observa-se que verbo com característica circunstancial é a terceira mais frequente, com média de ocorrência de 13,5%. No geral, os TTs têm mais frequência dessa subcategoria que os TOs. A ocorrência de verbo com característica circunstancial é maior na maioria das retraduações (TT2) que nas primeiras traduções (TT1).

A subcategoria verbo de modo especificando conotação é a quarta na ordem de frequência (média de 12,3%). A maioria dos TOs têm maior ocorrência dessa subcategoria que seus TTs. E a maioria dos TT2s também têm maior frequência de verbo de modo especificando conotação que os TT1s.

A opção tipo de verbo zero ocorre em média 11,0%, sendo que na maioria das primeiras traduções essa opção ocorre com mais frequência. A subcategoria verbo específico de demanda é a penúltima em frequência (média 7,7%). Os TT2s são os com maior frequência de ocorrência dessa subcategoria. LJ_TT1 (3,0%) é o texto com menor frequência de verbo específico de demanda e o conjunto de textos WH (TO, TT1 e TT2) é o com maior ocorrência (média 12,4%).

A opção menos frequente é verbo específico de fornecimento (média 7,1%). Dentre a maioria dos TOs sua ocorrência é mais alta que nas traduções. LJ_TT1 (4,5%) é o texto com a frequência mais baixa dessa subcategoria e WH_TO (11,2%) o com maior frequência.

Cruzando os resultados desta subseção com os das anteriores referentes às categorias Verbos Lexicais (4.3), Ordem de Dizer (4.4), Recepção (4.5) e Função Semântica (4.6), buscou-se responder às seguintes questões:

1) Quais verbos lexicais mais realizam cada opção da categoria Tipo de Verbo?

No Quadro 38, apresenta-se a distribuição dos verbos lexicais mais frequentes no *corpus*, de acordo com as opções da categoria Tipo de Verbo para os TOs e os TTs.

Quadro 38 – Verbos lexicais do *corpus* em relação à categoria Tipo de Verbo

Categoria Tipo de Verbo	Verbos lexicais – TO	Verbos lexicais – TO
membro geral (exceto “say”, “dizer”)	speak	falar
verbo específico de fornecimento	tell; remark; mention; observe	contar; observar
verbo específico de demanda	ask; inquire	pedir; chamar/chamar-se
verbo com característica circunstancial	return; add; repeat; reply	perguntar; responder; explicar; repetir; continuar; prosseguir; retrucar
verbo de modo especificando conotação	cry/cry out; murmur; whisper; shout; swear; call/call out	exclamar/soltar exclamação; gritar/soltar grito; murmurar; acrescentar; comentar; anunciar

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

As subcategorias da categoria Tipo de Verbo com mais diversidade de verbos lexicais em ING são verbo de modo especificando conotação (06 verbos) e verbo específico de fornecimento (04 verbos). Nas traduções para PB a subcategoria com mais opções de verbos lexicais é verbo com característica circunstancial (07 verbos), seguida por verbo de modo especificando conotação (06 verbos).

Verifica-se que, de modo geral, tanto nos TOs quanto nos TTs, a maior variedade de verbos lexicais é do tipo que expressa informação circunstancial sobre o modo como se fala (verbo de modo especificando conotação). No entanto, nos TOs os verbos que indicam FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à oferta de informações e bens e serviços na troca dialógica (verbo específico de fornecimento) são mais frequentes que nas traduções, cuja variedade lexical maior é de verbos que expressam informação circunstancial relacionada ao turno da fala.

2) Qual é a relação entre Tipo de Verbo e Ordem de Dizer?

O Quadro 39 e o Quadro 40 apresentam o cruzamento das seleções das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer para os TOs e TTs, respectivamente.

Quadro 39 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer nos TOs

Categorias de Tipo de Verbo (TOs)	Categorias de Ordem de Dizer			
	citação indicativa	citação imperativa	relato indicativo	relato imperativo
membro geral	48%	7%	3%	0%
verbo específico de fornecimento	4%	0%	3%	1%
verbo específico de demanda	8%	1%	1%	1%
verbo com característica circunstancial	9%	0%	0%	0%
verbo de modo especificando conotação	11%	1%	1%	0%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Quadro 40 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer nos TTs

Categorias de Tipo de Verbo (TTs)	Categorias de Ordem de Dizer			
	citação indicativa	citação imperativa	relato indicativo	relato imperativo
membro geral	28%	5%	4%	1%
verbo específico de fornecimento	7%	0%	3%	0%
verbo específico de demanda	10%	1%	1%	2%
verbo com característica circunstancial	21%	0%	1%	0%
verbo de modo especificando conotação	13%	2%	1%	0%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que, de modo geral, TOs e TTs se comportam de maneira semelhante nas seleções das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer. As opções mais frequentes são as que resultam do cruzamento das subcategorias mais selecionadas de cada categoria: o Tipo de Verbo membro geral e a Ordem de Dizer citação indicativa com ocorrência nos TOs de 48,0% e nos TTs de 28,0%.

Dentre as opções do tipo mais frequente de Ordem de Dizer, citação indicativa, verbos do tipo verbo específico de fornecimento são os que menos selecionam essa subcategoria nas duas línguas, TOs (4,0%) e TTs (7,0%). Isso indica que, em ambas as línguas, há a maior variedade de realização de tipos de verbos na ocorrência de PROJEÇÃO do tipo citação no modo indicativo e que, nessa mesma configuração, verbos que indicam FUNÇÃO DISCURSIVA relacionada à oferta de informações e bens e serviços na troca dialógica (verbo específico de fornecimento) são os menos frequentes.

A opção verbo de modo especificando conotação não ocorre com a Ordem de Dizer relato imperativo, tanto nos TOs (0,0%), quanto nos TTs (0,0%) e tem frequência de 1,0% quando a opção de Ordem de Dizer é relato indicativo nos TOs e TTs. Percebe-se, portanto, que esse Tipo de Verbo que expressa informação relacionada ao modo como se fala tem baixa frequência quando a PROJEÇÃO é do tipo relato, sendo que no modo imperativo é ainda mais baixa que no modo indicativo. Pode-se deduzir que, nos textos deste *corpus*, quando uma fala é relatada o verbo utilizado não indica o modo como essa fala se deu.

Nos TOs, a opção verbo com característica circunstancial, que indica a cronologia da fala, não ocorre com a seleção relato (0,0%) e nem com a seleção imperativo (0,0%). Assim, parece

haver alguma restrição em ING quando há uma PROJEÇÃO do tipo relato ou PROJEÇÃO no modo imperativo para que o verbo lexical expresse a ordem da fala e, ao se realizar um relato, ele é obrigatoriamente feito no modo indicativo.

Nos TTs, os tipos: verbo específico de fornecimento e verbo com característica circunstancial não ocorrem quando a opção é pelo modo imperativo (0,0%). Depreende-se que pode haver alguma restrição no PB para que não ocorram, no modo imperativo, verbos lexicais indicando propósito da fala relacionado à oferta de informações/bens e serviços e verbos indicando turno de fala na troca dialógica.

3) Qual é a relação entre Tipo de Verbo e Recepção?

O Quadro 41 apresenta o cruzamento das seleções das categorias Tipo de Verbo e Ordem de Dizer para os TOs e TTs.

Quadro 41 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Recepção

Categoria Tipo de Verbo	TOs		TTs	
	recepção	não recepção	recepção	não recepção
membro geral	3%	55%	5%	33%
verbo específico de fornecimento	3%	5%	1%	9%
verbo específico de demanda	4%	7%	4%	11%
verbo com característica circunstancial	0%	9%	1%	21%
verbo de modo especificando conotação	1%	12%	0%	0%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Conforme pode ser observado, as opções mais frequentes de Tipo de Verbo (membro geral) e de Recepção (não recepção) geram o cruzamento com maior frequência de ocorrência nas duas línguas: TOs (55,0%) e TTs (33,0%). Nas duas línguas ocorre um comportamento semelhante: tanto nos TOs, quanto nos TTs, a opção verbo específico de fornecimento é a que menos seleciona não recepção, possivelmente porque, ao indicar que o propósito da fala é ofertar

informações/bens e serviço, o verbo lexical não demanda necessariamente a seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR.

Nos TOs, a opção verbo com característica circunstancial não ocorre quando a seleção é pela subcategoria recepção, enquanto a opção verbo específico de demanda é a que mais seleciona a subcategoria recepção. Isso pode indicar que em ING, ao indicar o turno de fala o verbo lexical exclua a necessidade do PARTICIPANTE RECEPTOR e, ao contrário, ao indicar que o propósito da fala é demandar informações ou bens e serviços, o verbo lexical requisite um PARTICIPANTE RECEPTOR.

Nos TTs, quando a seleção é por verbo de modo especificando conotação, ela não ocorre com nenhuma das duas opções de Recepção. A opção que mais seleciona a subcategoria recepção é o Tipo de Verbo membro geral. Pode-se deduzir, portanto, que nas traduções, a seleção do verbo lexical que expressa informação circunstancial sobre a maneira como se fala significa a não equivalência textual, ou seja, nesse cruzamento de subcategorias os sistemas do ING e do PB não são congruentes. Percebe-se ainda que o tipo de verbo mais genérico é o que permite mais opções de seleção na categoria Recepção.

4) Qual é a relação entre as categorias Tipo de Verbo e Função Semântica?

O Quadro 42 mostra o cruzamento das subcategorias das categorias Tipo de Verbo e Função Semântica para TOs e TTs.

Quadro 42 – Cruzamento das categorias Tipo de Verbo e Função Semântica

Categoria Tipo de Verbo	TOs		TTs	
	proposta	proposição	proposta	proposição
membro geral	7%	51%	5%	33%
verbo específico de fornecimento	1%	7%	1%	9%
verbo específico de demanda	2%	9%	3%	11%
verbo com característica circunstancial	0%	9%	0%	22%
verbo de modo especificando conotação	1%	12%	2%	14%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Verifica-se que, na relação entre Tipo de Verbo e Função Semântica, as opções mais selecionadas no cruzamento das subcategorias são as que resultam das opções mais frequentes de cada categoria: membro geral e proposição nas duas línguas, TO (51,0%) e TT (33,0%). Além disso, a opção proposta também é mais selecionada quando o Tipo de Verbo é membro geral, indicando a versatilidade do tipo de verbo mais geral na seleção de Função Semântica.

O tipo verbo específico de demanda é o segundo que mais seleciona a opção proposta, TOs (9,0%) e TTs (11,0%), enquanto verbo com característica circunstancial não seleciona essa opção nenhuma vez no *corpus* TOs e TTs (0,0%). Isso mostra o Tipo de Verbo que indica que o propósito da fala é fazer uma demanda, provavelmente, projeta mais ORAÇÕES que demandam bens e serviços que orações demandando informações neste *corpus*. Além disso, o verbo que informa circunstâncias relacionadas ao turno da fala não projeta ORAÇÕES que realizam troca de bens e serviços.

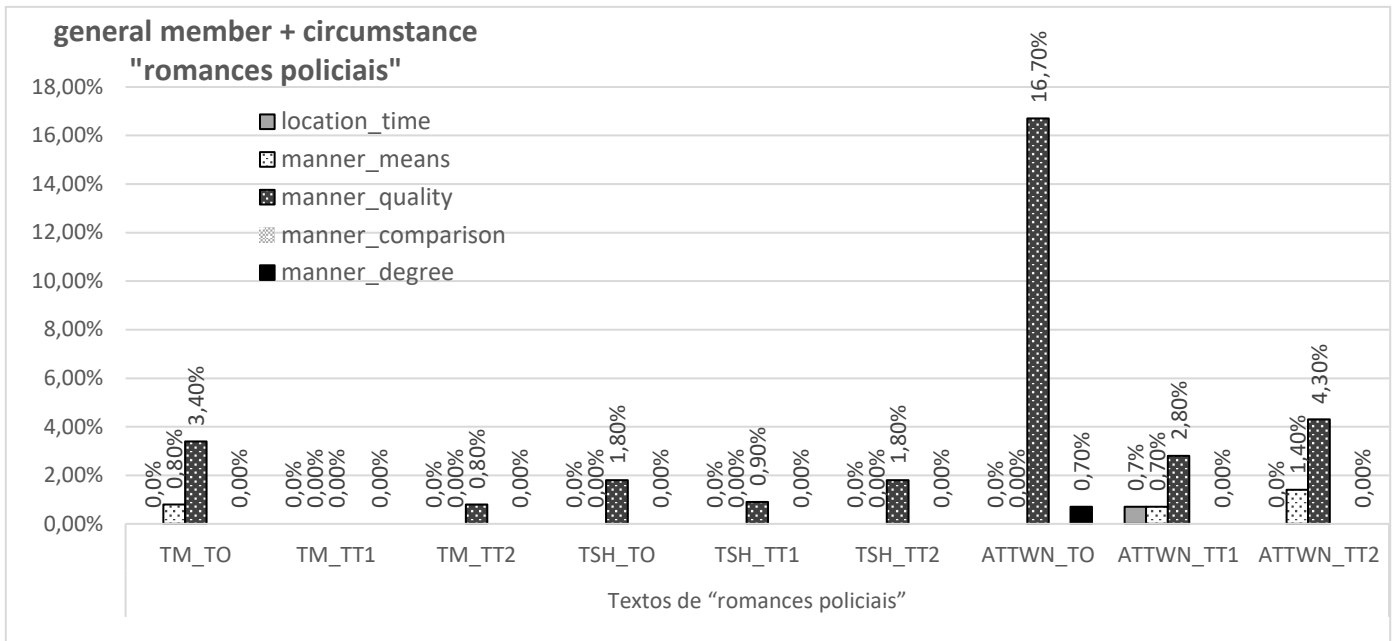
A opção que menos seleciona a opção proposição é verbo específico de fornecimento, tanto nos TOs (1,0%) quanto nos TTs (1,0%), possivelmente porque quando o verbo indica que a FUNÇÃO DISCURSIVA é relacionada à oferta, ele projeta mais frequentemente uma ORAÇÃO que realiza troca de bens e serviços e não troca de informações como prototipicamente acontece para a opção proposição.

4.8 Membro geral + CIRCUNSTÂNCIA (general member+circumstance)

A categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA é selecionada quando o Tipo de Verbo é membro geral e é acompanhado por um CIRCUNSTÂNCIA que especifica como, onde, quando, porquê, etc. o PROCESSO ocorre. Suas subcategorias estão relacionadas aos tipos de CIRCUNSTÂNCIA que acompanham o GRUPO VERBAL que realiza PROCESSO VERBAL, conforme apresentado na subseção de Categorias do PROCESSO VERBAL (2.5). São analisadas as CIRCUNSTÂNCIAS de INTENSIFICAÇÃO por serem as que são diretamente relacionadas ao PROCESSO.

A frequência de ocorrência da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA, dentre as opções que ocorreram no *corpus*, é apresentada nos gráficos e tabelas a seguir. O Gráfico 27 e a Tabela 14 se referem aos “romances policiais”.

Gráfico 27 – Frequência de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA em “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Tabela 14 – Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos “romances policiais”

Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TO	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2
not applicable	112	117	116	107	108	107	117	135	133
	95,7%	100%	99,2%	98,2%	99,1%	98,2%	82,9%	95,7%	94,3%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que há baixa frequência de ocorrência de CIRCUNSTÂNCIAS com os verbos membro geral, uma vez que a opção com a maior frequência é não aplicável, ou seja, a seleção de quando não há a realização de CIRCUNSTÂNCIA acompanhando o verbo do tipo membro geral, ou quando o verbo lexical é de outro tipo. Contudo, o conjunto de textos ATTWN é o que teve maior frequência de CIRCUNSTÂNCIAS.

Destaca-se a subcategoria “circumstance manner quality”, circunstância de modo-qualidade, com a mais alta ocorrência em todos os textos, em média 5,4% e ATTWN_TO (16,7%) é o

texto com a maior frequência dela. A segunda subcategoria mais frequente é “circumstance manner means”, circunstância modo-meio, com frequência média de 0,5%, seguida por “circumstance manner degree”, circunstância modo-grau, e “circumstance location time”, circunstância localização temporal, ambas com a mesma frequência, 0,2%.

No Quadro 43, há exemplos dessas CIRCUNSTÂNCIAS em PB e ING. Os PROCESSOS VERBAIS estão destacados em negrito e as CIRCUNSTÂNCIAS sublinhadas.

Quadro 43 – CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbo do tipo membro geral

tipo de CIRCUNSTÂNCIA	Exemplos
modo-qualidade	O velho soluçou duas vezes e disse , <u>em tom queixoso</u> : — Está vindo um temporal.
modo-meio	Falou <u>com a voz macia dos moradores de Devon</u> . — Estão prontos para partir para a ilha, senhoras e senhores?
modo-grau	She said , <u>more composedly</u> : "I don't think this place would be very agreeable in a storm."
<i>glossa</i>	Ela disse , <u>mais controladamente</u> : “Eu não acho que este lugar deva ser muito agradável em uma tempestade.”
localização temporal	— Não é nada — disse logo .

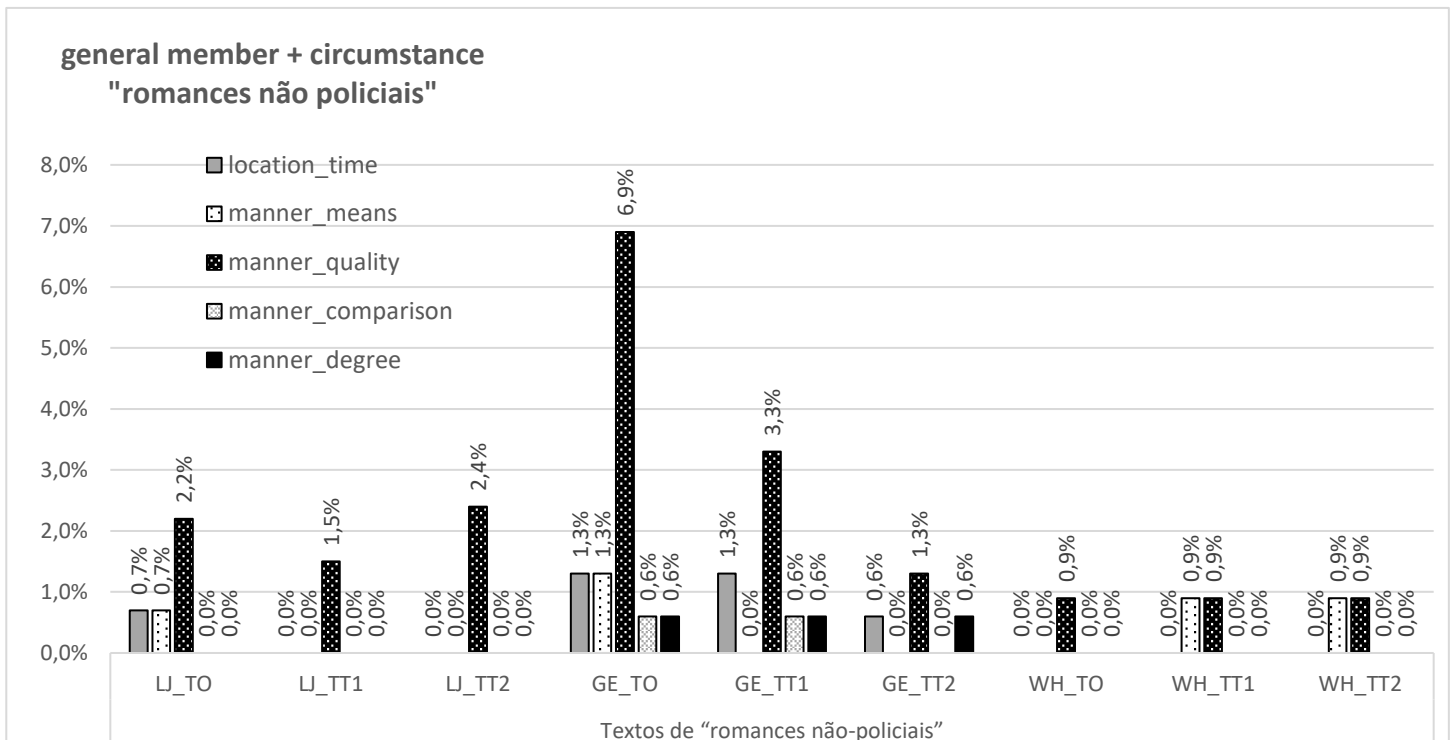
Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota: exemplos retirados das amostras de *And Then There Were None*, 1935, 1942, 2009.

Observa-se que as CIRCUNSTÂNCIAS DE MODO (manner) são as mais frequentes entre “romances policiais”, mas não há ocorrência de todas as subcategorias de MODO. Observa-se ainda que nos TOs a ocorrência da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA é mais frequente que nos TTs. Comparando essa ocorrência entre os TTs, nos TT2s a frequência dessa categoria é maior que nos TT1s.

A seguir, o Gráfico 28 e a Tabela 15 apresentam a frequência da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos “romances não policiais”.

Gráfico 28 – Frequência de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA em “romances não policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Tabela 15 – Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos “romances não policiais”

Categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
not applicable	127 95,4%	131 98,4%	122 97,6%	127 88,8%	142 94,0%	147 97,3%	106 99,1%	105 98,2%	104 99,1%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Nota-se que o conjunto de textos que mais seleciona CIRCUNSTÂNCIA ocorrendo com verbos do tipo membro geral é GE, que é também o conjunto de textos que seleciona maior variedade delas. A subcategoria mais frequentemente selecionada é circunstância de modo-qualidade, com 2,3% de frequência média, seguida por circunstância localização temporal (média de 0,7%) e circunstância modo-meio (média de 0,6%). Os textos que menos selecionam CIRCUNSTÂNCIAS são os do grupo WH. Pode-se concluir que as CIRCUNSTÂNCIAS DE MODO são as mais frequentes dentre os textos de “romance não policial”.

Considerando os dois tipos de “romances”, observa-se que a subcategoria de CIRCUNSTÂNCIA acompanhando verbos do tipo membro geral mais solicitada em todos textos é circunstância de modo-qualidade, que indica como o PROCESSO ocorre. No TM_TT1 não há nenhuma ocorrência de CIRCUNSTÂNCIA de modo-qualidade, por outro lado, ATTWN_TO é o texto com maior frequência dela. Todos os “romances não policiais” realizam a subcategoria circunstância de modo-qualidade. Verifica-se ainda que nos textos de “romances não policiais” a frequência de ocorrência de CIRCUNSTÂNCIAS é maior que nos textos de “romances policiais”.

Buscou-se, em seguida, responder às questões que se seguem.

1) Qual a relação de tradução da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos TOs e TTs?

Considerando todas as 53 ocorrências de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos TOs (ocorrências em “romances policiais” somadas as em “romances não policiais”), há 26 ocorrências nos TTs. Assim, a relação de tradução entre TOs e TTs é de 50,0%.

2) Quais tipos de verbos são tradução para membro geral + CIRCUNSTÂNCIA nos TOs?

Na Tabela 16 é apresentada a relação dos Tipos de Verbos que realizam tradução de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA.

Tabela 16 – Tipo de verbo realizando a tradução de membro geral + CIRCUNSTÂNCIA

Tipo de verbo	TT1	TT2	Total	Frequência relativa total
membro geral	19	22	41	39,4%
verbo com característica circunstancial	12	15	27	25,9%
verbo de modo especificando conotação	7	5	12	11,5%
verbo específico de demanda	3	6	9	8,6%
verbo específico de fornecimento	2	3	5	4,8%
tipo de verbo zero	9	1	10	9,6%
Total	52	52	104	100%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Cruzando os resultados desta com os da subseção Tipo de Verbo (4.7), observa-se que o tipo de verbo que mais realiza tradução da categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA (TOs) é membro geral (TTs), em 39,4% das ocorrências, o segundo é verbo com característica circunstancial, em 25,9% das ocorrências e o terceiro é o verbo de modo especificando conotação, em 11,5%.

3) Qual a relação entre tipo de CIRCUNSTÂNCIA e tipo de “romance”?

Conforme os dados apurados da correspondência entre TOs e TTs, os “romances não policiais” são os que têm maior variedade de ocorrências de tipos de CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbos membro geral, apesar de que a frequência dessa categoria é maior em números absolutos entre os “romances policiais”. Nos TTs há 30 ocorrências de CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbo membro geral em “romances policiais” de três tipos distintos, e essa categoria tem 23 ocorrências em “romances não policiais”, distribuídos em cinco tipos diferentes.

4.9 Níveis narrativos

Conforme exposto na subseção Níveis Narrativos (2.6), os PROCESSOS VERBAIS que ocorrem no *corpus* analisado podem ser realizados em níveis narrativos distintos e a distribuição deles é apresentada nas tabelas e gráficos a seguir. É relevante destacar que a subcategoria nível zero é selecionada quando não há equivalência textual, uma vez que se parte do princípio que o primeiro nível de todas as narrativas é o nível 1.

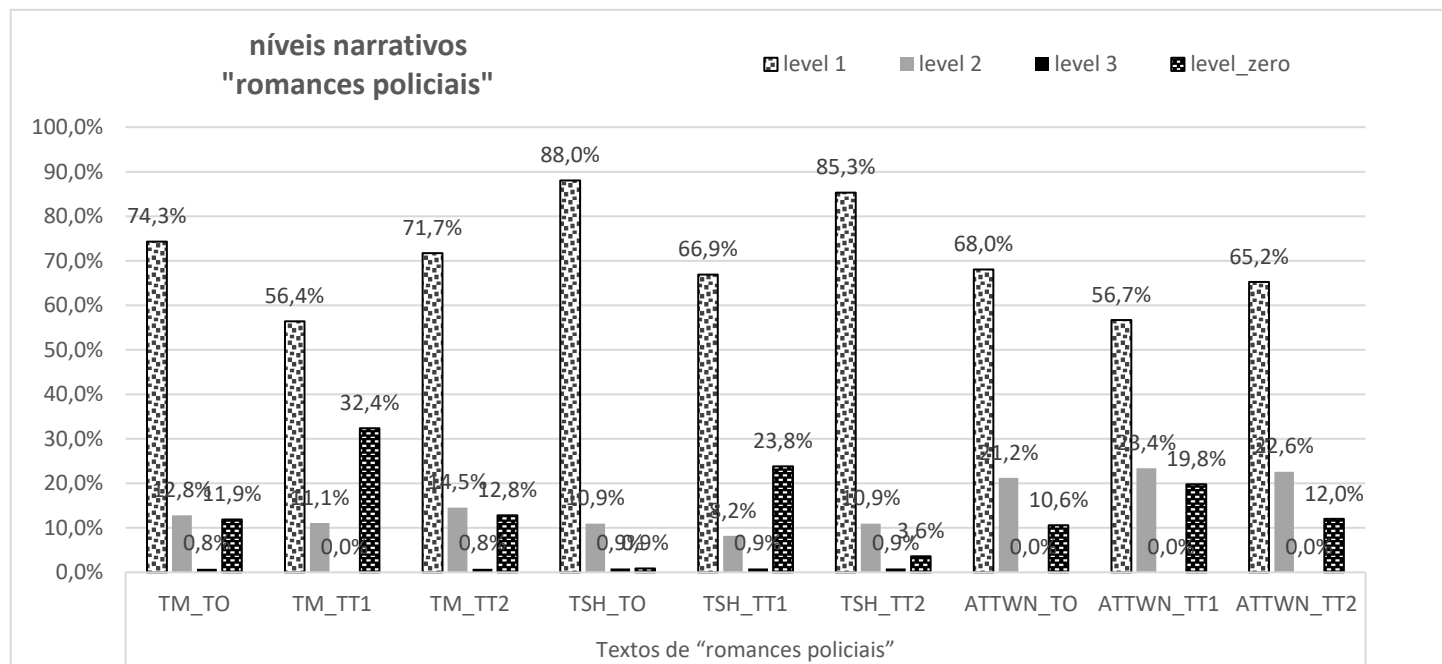
A Tabela 17 e o Gráfico 29 apresentam a frequência com que os PROCESSOS VERBAIS de “romances policiais” ocorrem em cada nível narrativo.

Tabela 17 – Categoria nível narrativo nos “romances policiais”

Categoria	Textos de “romances policiais”								
	TM_TO	TM_TT1	TM_TT2	TSH_TO	TSH_TT1	TSH_TT2	ATTWN_TO	ATTWN_TT1	ATTWN_TT2
nível 1	87 74,3%	66 56,4%	84 71,7%	96 88,0%	73 66,9%	93 85,3%	96 68,0%	80 56,7%	92 65,2%
nível 2	15 12,8%	13 11,1%	17 14,5%	11 10,9%	9 8,2%	11 10,9%	30 21,2%	33 23,4%	32 22,6%
nível 3	1 0,8%	0 0,0%	1 0,8%	1 0,9%	1 0,9%	1 0,9%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
nível zero	14 11,9%	38 32,4%	15 12,8%	1 0,9%	26 23,8%	4 3,6%	15 10,6%	28 19,8%	17 12,0%
TOTAL (%)	117 100%	117 100%	117 100%	109 100%	109 100%	109 100%	141 100%	141 100%	141 100%

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 29 –PROCESSO VERBAL nos níveis narrativos em “romances policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O nível narrativo 1 é o mais selecionado dentre os “romances policiais” com ocorrência média de 70,2%. Os textos com menor ocorrência do nível 1 são as primeiras traduções (média 60,0%). O nível narrativo 2 foi mais selecionado no “romance” ATTWN (média 22,4%), com ocorrência superior à média geral de 15,0%. Observa-se também que a frequência de ocorrência do nível 2 é superior nos TT2s em relação aos TT1s e que, de modo geral, os TT2s têm mais frequência do nível 2 que os TOs, exceto no caso do TSH_TO cuja porcentagem de ocorrência é igual à do TSH_TT2.

O nível 3 tem poucas ocorrências nesta parte do *corpus*, sendo que os textos ATTWN não o selecionaram. Pode-se observar ainda que há 100% de correspondência entre TOs e TT2s nesse nível. O nível zero, quando não há equivalência textual entre TOs e TTs, ocorreu em média 14,2% e os textos com maiores ocorrências foram as primeiras traduções (média 25,3%).

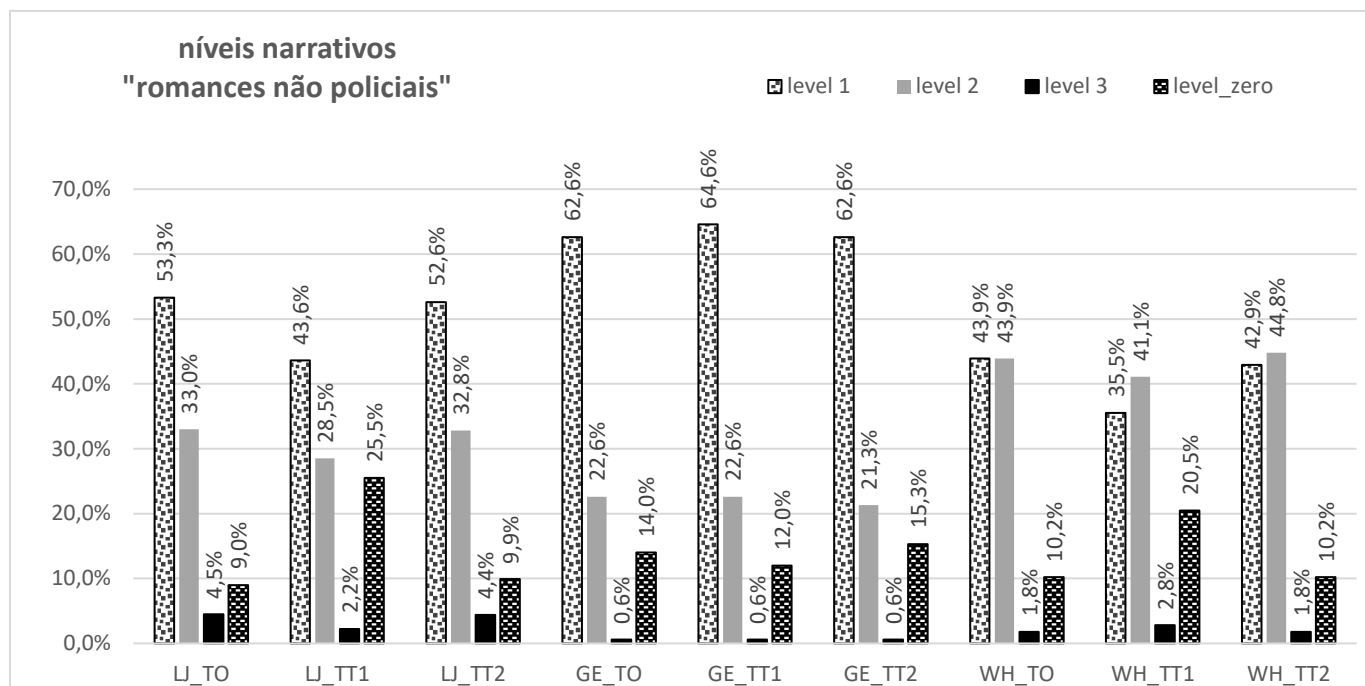
A Tabela 18 e o Gráfico 30 apresentam a frequência com que os PROCESSOS VERBAIS de “romances não policiais” ocorrem em cada nível narrativo.

Tabela 18 – Categoria nível narrativo nos “romances não policiais”

Categoria nível narrativo	Textos de “romances não policiais”								
	LJ_TO	LJ_TT1	LJ_TT2	GE_TO	GE_TT1	GE_TT2	WH_TO	WH_TT1	WH_TT2
nível 1	71	58	69	94	97	94	47	38	46
	53,3%	43,6%	52,6%	62,6%	64,6%	62,6%	43,9%	35,5%	42,9%
nível 2	44	38	43	34	34	32	47	44	48
	33,0%	28,5%	32,8%	22,6%	22,6%	21,3%	43,9%	41,1%	44,8%
nível 3	6	3	6	1	1	1	2	3	2
	4,5%	2,2%	4,4%	0,6%	0,6%	0,6%	1,8%	2,8%	1,8%
nível zero	12	34	13	21	18	23	11	22	11
	9,0%	25,5%	9,9%	14,0%	12,0%	15,3%	10,2%	20,5%	10,2%
TOTAL (%)	133	133	131	150	150	150	107	107	107
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 30 – PROCESSO VERBAL nos níveis narrativos em “romances não policiais”



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que o nível 1 é o mais solicitado nos “romances não policiais” com média de 51,2% de ocorrência. O texto com a menor ocorrência desse nível é WH_TT1 (35,5%) e o com a maior ocorrência é GE_TT1 (64,6%). Em todos os textos, a frequência de ocorrência do nível 1 entre TOs e TT2s é mais próxima que entre TOs e TT1s.

A média de ocorrência do nível 2 é de 32,2%, sendo os textos WH os com maior frequência (média de 43,2%). Isso pode ser um reflexo de como parte história em *Wuthering Heights* é contada: fatos passados da vida de Heathcliff e Catherine são relatados na fala da criada Nelly Dean. Além disso, no nível 2, com exceção do GE, os TOs se aproximam mais dos TT2s que dos TT1s.

O nível narrativo 3 é o que ocorre com menor frequência entre todos, com ocorrência média de 3,2%. Entretanto, sua maior frequência é nos textos LJ (média 3,7%), o que pode refletir como a história em *Lord Jim* foi construída: os episódios e as trocas dialógicas (no nível 3) são relatados pelo capitão Marlow (no nível 2) sobre o que lhe relatou o marinheiro Jim (no nível 1), ou seja, é uma narrativa imbricada dentro de outra narrativa. Novamente, as ocorrências do nível 3 nos TOs se aproximam mais dos TT2s que dos TT1s. O nível zero ocorreu em média de

21,0% e os textos com maiores frequências desse nível foram as primeiras traduções, com exceção do GE_TT1.

Buscou-se responder ainda às seguintes questões sobre o nível narrativo:

1) Qual o tipo de “romance” que mais seleciona os níveis 2 e 3?

Os “romances” que mais selecionam os níveis narrativos 2 e 3 são “não policiais”: WH (45,7% das ocorrências) e LJ (37,5% das ocorrências). O texto que mais seleciona o nível narrativo 3 é LJ (4,5% das ocorrências).

Os dois textos que menos selecionam os níveis 2 e 3 narrativos são os “romances policiais” TM (13,6%) e TSH (11,0%), possivelmente porque as trocas dialógicas nesses dois textos incluem poucos relatos do que outros personagens disseram ou da ocorrência de atos de fala.

2) Qual a relação entre a seleção dos níveis narrativos 2 e 3 e a de Ordem de Dizer?

Cruzando os resultados da subseção Ordem de Dizer (4.4) com os encontrados nesta, obteve-se a relação entre os níveis narrativos 2 e 3 e a seleção de Ordem de Dizer apresentada no Quadro 44. Excluiu-se o nível 1 dessa comparação por ser o nível mais frequente e que, portanto, seguiria o padrão de Ordem de Dizer apresentado anteriormente.

Quadro 44 – Frequência da categoria Ordem de Dizer em relação aos níveis narrativos 2 e 3

Categoria Ordem de Dizer	TOs		TTs	
	Nível 2	Nível 3	Nível 2	Nível 3
atividade de conversa	17,1%	1,0%	20,9%	0,8%
atividade de alvo	6,7%	0,0%	6,3%	0,0%
semiose projetante de citação indicativa	13,5%	0,0%	11,9%	0,0%
semiose projetante de citação imperativa	2,6%	0,0%	2,3%	0,0%
semiose projetante de relato indicativa	14,6%	2,0%	15,2%	1,9%
semiose projetante de relato imperativa	3,1%	1,0%	4,0%	0,5%
semiose não projetante verbiagem	35,9%	1,5%	33,4%	1,9%

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Essa relação indica que as subcategorias mais frequentes, tanto nos TOs, quanto nos TTs, são semiose não projetante verbiagem (37,4%, TOs e 35,3%, TTs) e atividade de conversa (18,1%, TOs e 21,7%, TTs). Isso parece indicar que dentro de uma fala PROJETADA, a preferência é pela seleção de PROCESSOS VERBAIS que indicam o conteúdo da outra fala, a nomeação do tópico do que é dito, ou que indiquem o ato de falar ou o evento de fala, conforme está ilustrado no Exemplo 14:.

Exemplo 14:

<p>– Muito antiga, senhor; e Hareton é o último da linhagem, assim como a srta. Cathy é a última da nossa... quero dizer, dos Linton. O senhor esteve no Morro dos Ventos Uivantes? <u>Desculpe perguntar; mas como é que ela está?</u> Eu gostaria muito de saber.</p>	<p>perguntar → atividade de conversa: indicação do ato de fala (WH_TT2)</p>
<p>– Bem, sra. Dean, seria um grande favor se pudesse <u>contar-me alguma coisa sobre os meus vizinhos</u>... sinto que não descansarei se eu for para a cama agora; então tenha a bondade de ficar aqui sentada conversando por mais uma hora.</p>	<p>contar → semiose não projetante verbiagem: nomeação do tópico do que é dito (WH_TT2)</p>

Quando apenas o nível 3 é considerado, verifica-se que a subcategoria de Ordem de Dizer mais frequente é semiose projetante de relato indicativa (2,0%, TOs e 1,9%, TTs). Isso indica que quando há a indicação de uma fala dentro de outra, a fala interna é preferencialmente relatada, ou parafraseada, conforme ilustrado no Exemplo 15.

Exemplo 15: “Peça para Ellen **dizer** que você está ocupada, Cathy”, insistiu Heathcliff. (**dizer** → PROCESSO VERBAL no nível 3 realizando semiose projetante de relato indicativa; que você está ocupada → relato no modo indicativo – WH_TT2 amostra 10)

3) Qual a relação dos níveis narrativos 2 e 3 e a seleção da categoria Função Semântica?

A seleção das opções da categoria Função Semântica nos níveis narrativos 2 e 3 não varia de modo geral. A opção mais frequente é proposição – indicando troca de informações – tanto nos TOs quanto nos TTs nesses níveis narrativos.

4) Quais verbos lexicais mais realizados nos níveis narrativos 2 e 3?

No Quadro 45 estão listados os cinco verbos lexicais que ocorrem com mais frequência nos níveis narrativos 2 e 3.

Quadro 45 – Verbos lexicais mais frequentes realizando PROCESSO VERBAL nos níveis 2 e 3

TTs				TOs			
Nível 2		Nível 3		Nível 2		Nível 3	
dizer	106	dizer	14	say	43	tell	6
falar	55	falar	2	tell	23	say	3
chamar	12	contar	1	mean	12	talk	2
contar	12	lamentar	1	talk	12		
pedir	11	recomendar	1	call	9		

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que os verbos lexicais mais frequentes de modo geral (“dizer” e “say”) também são os mais frequentes nos níveis 2 e 3, com exceção do nível 3 nos TOs. Entre os TTs, tanto no nível 2 quanto no nível narrativo 3, o segundo verbo lexical mais frequente é “falar”. Dentre os TOs, no nível 2 o verbo lexical mais frequente (depois de “say”) é “tell” e esse mesmo verbo (“tell”) é o mais frequente quando se considera o nível 3 nos TOs.

Considerando os resultados desta subseção, observa-se a preferência pela seleção do nível narrativo 1, independentemente do tipo de “romance”, o que parece ser o padrão para textos desse tipo (PAGANO, 2017). Nota-se ainda que nos “romances não policiais” a ocorrência de PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 2 é considerável. Em relação à seleção do nível narrativo 3, observa-se também que “romances não policiais” fazem essa escolha com frequência mais alta que os “romances policiais”.

4.10 Síntese dos resultados

Após a apresentação dos resultados de cada categoria separadamente, nesta seção eles são resumidos e apresentados nos quadros seguintes em relação aos objetivos propostos.

O Quadro 46 apresenta um resumo dos resultados relacionados às diferenças contextuais e linguísticas entre os TOs e TTs.

Quadro 46 - Diferenças contextuais entre sistemas do ENG (TO) e PB (TTs)

TOs	TTs
<ul style="list-style-type: none"> • Verbo lexical prototípico mais frequente que nos TTs; • Verbo lexical tipo membro geral > outros tipos • Maior frequência da opção projeção; • 2º tipo de verbo mais frequente: indica informação circunstancial relacionada à maneira como se fala. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verbos lexicais variados mais frequente que nos TOs; • Verbo lexical tipo membro geral < outros tipos; <ul style="list-style-type: none"> *tendência: explicitação (processo verbal) do modo como se dá a troca dialógica; *tendência: trocas dialógicas mais evidentes: projeção citação; • 2º tipo de verbo mais frequente: verbo com característica circunstancial indicando o turno dialógico

Fonte: elaborada pela autora, 2018.

O Quadro 47 resume os resultados generalizados relativos aos padrões diferentes de representação da fala em TT1s e TT2s.

Quadro 47 - Padrões de representação da fala e diferenças metacontextuais entre TT1s e TT2s

TT1s	TT2s
<ul style="list-style-type: none"> • Maior frequência de mudança/shift que TT2s; • Verbos lexicais variados > verbo prototípico “dizer”; • Variável zero em Ordem de Dizer, Recepção, Função Semântica, Tipo de Verbo e nível narrativo; • Maior proximidade entre TT1s e TOs: variável atividade de conversa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maior frequência de correspondência formal que TT1s; • Verbos lexicais variados < verbo prototípico “dizer”; • Correspondência formal em Ordem de Dizer do tipo projeção (citação e relato), da categoria Recepção, Função Semântica e níveis narrativos 1 e 3; • Maior ocorrência do Tipo de Verbo membro geral; • Maior frequência de projeção citação; maior versatilidade na seleção de tipos de projeção - citação e relato; • Maior seleção do nível narrativo 2

Fonte: elaborada pela autora, 2018.

O Quadro 48 apresenta os resultados relacionados às diferenças nos padrões de PROCESSOS VERBAIS em “romances policiais” e “romances não policiais”.

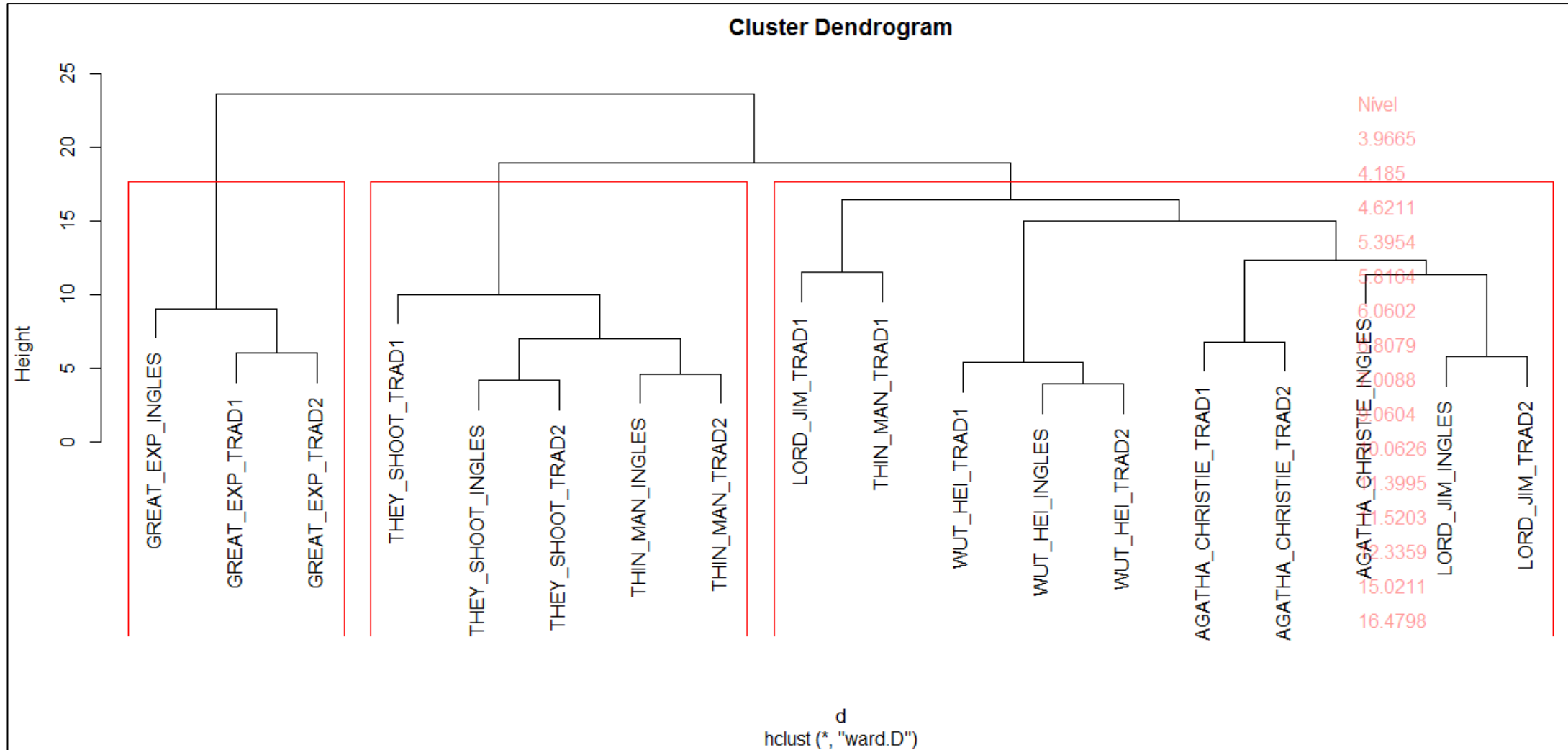
Quadro 48 - Impacto do gênero literário nos padrões de representação da fala

“romances policiais”	“romances não policiais”
<ul style="list-style-type: none"> • Mudança/shift > correspondência formal; • Média de orações verbais menor; • -Seleção majoritária do verbo “say” nos TOs; • Maior variedade maior de verbos lexicais nos TTs; • Maior frequência de “say” e “dizer”; • Menor correspondência entre “say” e “dizer”; • Seleção mais frequente da opção proposta (Função Semântica); • Seleção mais frequente, em geral, da opção verbo de demanda de bens e serviços ou informações (TOs e TTs); • Maior frequência de ocorrência de circunstâncias; mais circunstâncias de modo-meio acompanhando verbo membro geral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança/shift < correspondência formal; • Média de orações verbais maior; • Seleção majoritária do verbo “say” nos TOs, mas baixa diferença para outros verbos; • TOs maior frequência de verbos lexicais variados que os TTs; • Maior frequência geral de verbos lexicais variados; • Maior correspondência entre “say” e “dizer”; • Seleção maior de atividade de conversa (Ordem de Dizer); • Seleção mais frequente, em geral, dos tipos de verbo expressando o turno/cronologia de fala e o modo como se fala (TOs e TTs); • Variedade maior de tipos de circunstâncias; mais circunstâncias de localização temporal; • Maior frequência de ocorrência nível narrativo 2 e 3.

Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Na parte final da análise, todos os textos foram comparados utilizando a técnica de análise de agrupamento, que mostra a distância entre os textos. As contagens de frequência das categorias anotadas possibilitaram a identificação das relações de proximidade entre os textos e estão ilustradas no dendograma da Figura 9.

Figura 9 – Dendrograma de hierarquia dos agrupamentos mostrando as relações de proximidade nos textos do *corpus* (método Ward)

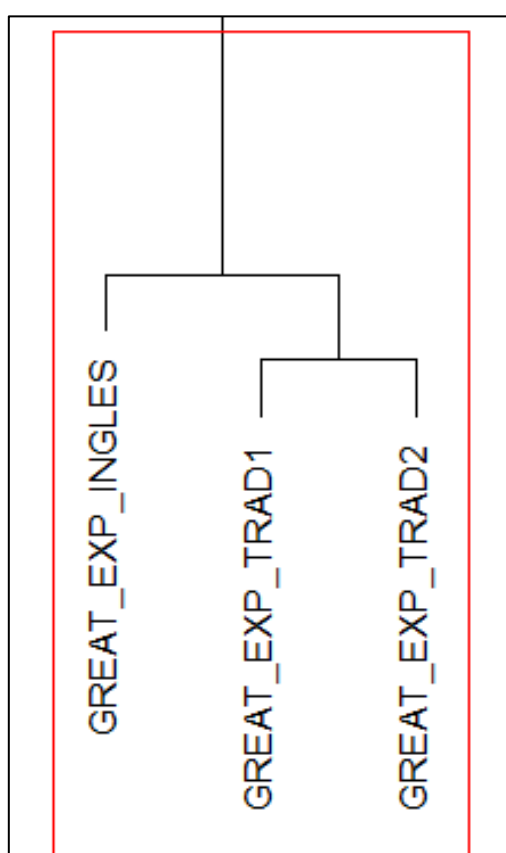


Fonte: elaborado pela autora, 2018.

O dendograma da Figura 9 mostra três grandes agrupamentos. No primeiro, estão agrupados os três textos GE (TO, TT1 e TT2), no segundo agrupamento estão as retraduições e originais de TM e TSH e o TT1 de TSH. O terceiro agrupamento compreende os textos ATTWN, WH, LJ, com seus TOs, TT1 e TT2.

Detalhando cada um dos agrupamentos, temos no primeiro na Figura 10.

Figura 10 – Agrupamento 1 do dendograma Figura 9

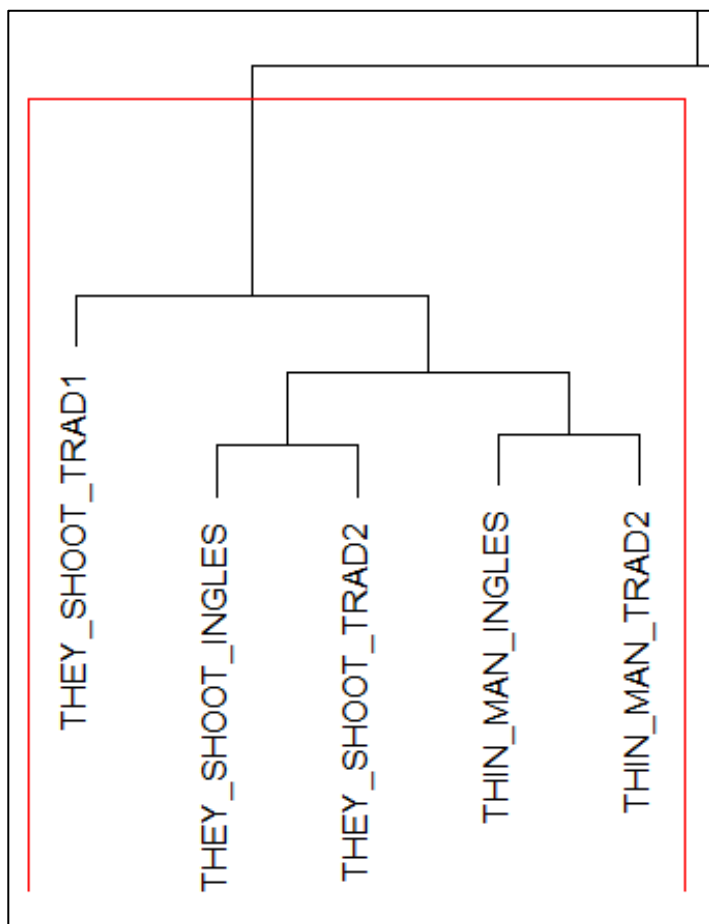


Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Observa-se que o GE_TO está separado de suas traduções que estão unidas entre si, indicando proximidade nos padrões de seleções de GE_TT1 e GE_TT2. Esse agrupamento também aponta para um padrão nos textos GE diferente de todos os outros textos e também indica que os textos GE têm um funcionamento linguístico distinto dos outros “romances não policiais”.

O segundo agrupamento está ilustrado na Figura 11.

Figura 11 – Agrupamento 2 do dendograma Figura 9

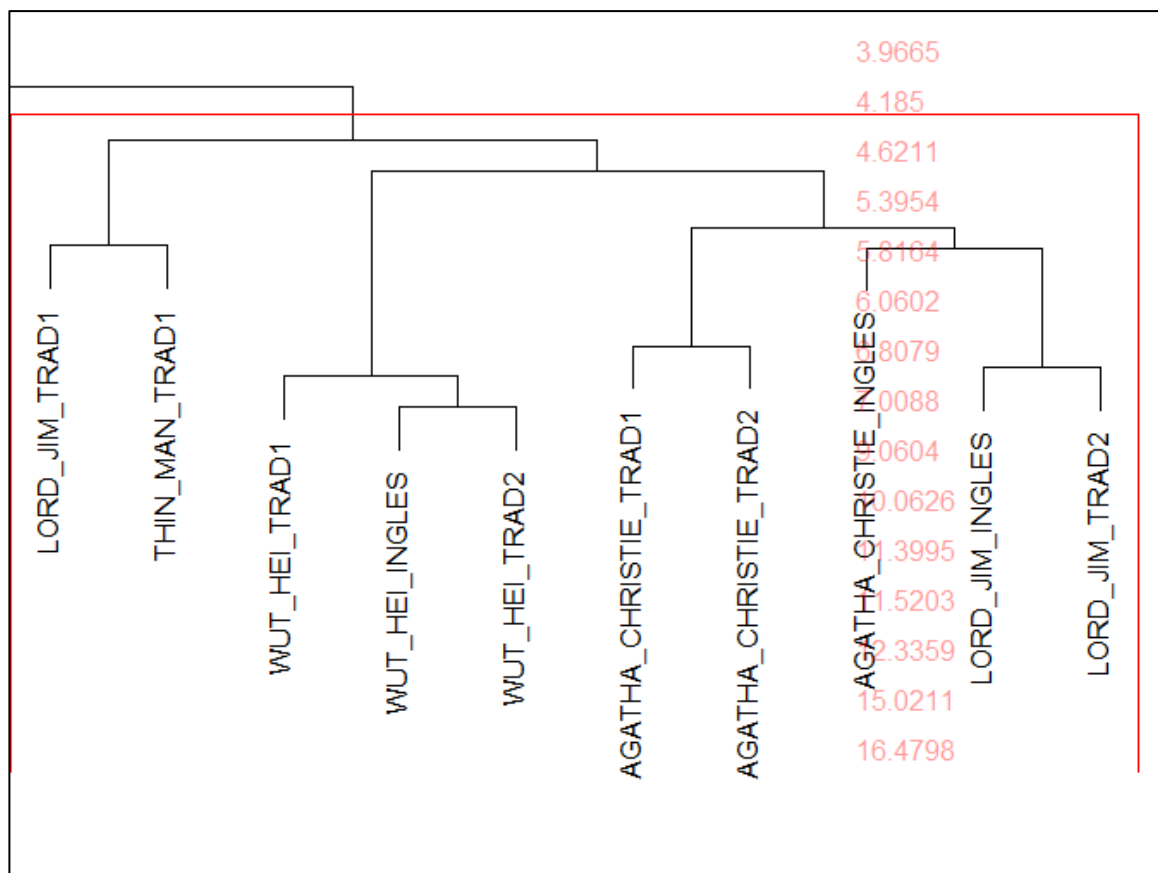


Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Esse agrupamento mostra a proximidade dos textos originais TSH e TM com suas respectivas retraduações, agrupados entre si, e TSH_TT1 se afasta dos dois grupos indicando agrupamento similar ao que encontrou Pagano (2017) em sua análise. Além disso, esse segundo agrupamento é composto exclusivamente pelos chamados “romances policiais”

O terceiro agrupamento está ilustrado na Figura 12.

Figura 12 – Agrupamento 3 do dendograma Figura 9



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Esse agrupamento é o maior e inclui tanto textos de “romances policiais” quanto “romances não policiais”. Nele temos uma primeira subdivisão em que estão as primeiras traduções de LJ e TM. Uma subdivisão com o conjunto de textos WH (TO, TT1 e TT2), sendo o TT2 mais próximo ao TO e o TT1 mais afastado. A última subdivisão é a maior: as traduções de ATTWN separadas do seu TO e LJ, TO e TT2, agrupados e ligados ao ATTWN_TO.O que se percebe é que, de modo geral, os TT2 se aproximam mais dos TOs que os TT1, com exceção de ATTWN e GE cujas traduções (TT1 e TT2) se aproximam mais entre si. Os TT1s de LJ e TM (“romances policiais”) são os que mais se distanciam dos outros textos do seu conjunto (TO e TT2) e eles se agrupam com “romances não policiais”.

Pode-se perceber que quatro dos TT2s se aproximam mais dos TOs que os TT1, e os TT2s de ATTWN e GE se aproximam mais dos TT1s. Os TT1s de LJ e TM (“romances policiais”) são os que mais se distanciam dos outros textos do seu conjunto (TO e TT2) e se agrupam com “romances não policiais”.

Analisando esses agrupamentos, depreende-se que a análise com “visão de cima”, do ESTRATO DO CONTEXTO, não corresponde a com visão de baixo”, ESTRATO DO CONTEÚDO. Ou seja, textos rotulados pela Literatura como “romances policiais” não têm um padrão único de realização de PROCESSOS VERBAIS e, portanto, linguisticamente utilização de um único rótulo não condiz com a diversidade de realizações que eles apresentam.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, apresentado na seção Introdução (1) – analisar “romances” originais em inglês (ING), suas primeiras traduções e retraduições para o português brasileiro (PB) com a finalidade de comparar a construção e reconstrução dos significados realizados por PROCESSOS VERBAIS na representação da fala – apresenta-se a seguir uma síntese dos resultados relacionando cada subseção com os objetivos específicos e discutindo esses resultados com os de pesquisas anteriores e o arcabouço teórico. O objetivo específico de evidenciar tendências análogas às dos resultados Pagano (2017) é discutido em todas as subseções, uma vez que esse trabalho foi o ponto de partida para a presente pesquisa.

5.1 Diferenças contextuais entre sistemas do inglês (textos originais) e do português brasileiro (textos traduzidos)

São discutidos nesta subseção os resultados obtidos em relação aos objetivos de identificar padrões de PROCESSOS VERBAIS para representação da fala nos textos originais (TOs) e nos textos traduzidos (TTs) e de comparar diferenças contextuais de cada sistema linguístico (inglês, ING e português brasileiro, PB) nas escolhas de PROCESSOS VERBAIS. Os resultados são relacionados ao que foi analisado em estudos anteriores.

Conforme Figueredo (2011), a análise de uma unidade, instância de uma língua B, que é tradução de outra unidade, instância de uma língua A, requer conhecimento das duas unidades e de seus potenciais de significado. Assim, a análise de PROCESSOS VERBAIS instanciados nos TOs e nos TTs (primeiras traduções e retraduições) que, por sua vez são respectivamente instâncias dos sistemas do ING e do PB, aponta indícios do funcionamento desses sistemas. Além disso, cada sistema está inserido em um CONTEXTO DE CULTURA específico e, através das diferenças nos padrões de uso dos PROCESSOS VERBAIS, é possível ter uma visão desses diferentes contextos.

A maioria dos TOs seleciona preferencialmente PROCESSOS VERBAIS representando fala realizados pelo verbo lexical “say”, mas não o WH_TO, confirmando parcialmente o que apontam Alves e Pagano (2016) sobre a tendência para a escolha do verbo neutro em textos do tipo “romance”. Em seus resultados, a ocorrência de “say” foi 90,6% e nesta pesquisa a ocorrência foi de 44,8% (em média). A ocorrência do verbo lexical prototípico de representação da fala (“say”) é mais frequente nos TOs que nos TTs na maioria dos textos.

Na maioria dos TTs, o verbo lexical mais utilizado é “dizer” (29,0% em média), aproximando-se da frequência encontrada por Alves e Pagano (2016) (23,9%). Essa tendência é diferente nas traduções de WH, “dizer” ocorre em média 18,3% contra 36,6% de outros verbos lexicais. A seleção nos TTs ocorre de maneira relativamente homogênea entre “dizer” e outros verbos variados. Assim, a tendência de que na tradução para o PB se empregue uma variedade bem maior de verbos de elocução não está de acordo com a encontrada por Alves e Pagano (2016) e Paula (2014), porque a média de ocorrência do verbo “dizer” foi 2,2% superior à dos outros verbos e “dizer” é, portanto, o verbo mais frequente o que parece estar de acordo com Pagano (2017, p. 123). No entanto, a frequência com que verbos lexicais variados de representação da fala ocorrem nos TOs é menor do que nos TTs, como apontam as pesquisas anteriores (ALVES; PAGANO, 2016; PAULA, 2014).

Foram observados 56 outros verbos lexicais (exceto “dizer”) que operam como equivalentes textuais de “say”, respondendo parcialmente ao questionamento de Jesus (2008): que outros verbos seriam tradução de “say”? Além disso, esses verbos equivalentes a “say” compreendem as cinco subcategorias da categoria Tipo de Verbo, sendo os tipos mais frequentes aqueles que transmitem informação circunstancial sobre a maneira como se fala. Isso pode indicar uma tendência de que na tradução se explicita, por meio do PROCESSO VERBAL, o modo como se dá a troca dialógica.

“Dizer” é equivalente textual de “say” na maioria das ocorrências, conforme obteve Jesus (2008), e é tradução de 12 outros verbos lexicais em ING. O verbo lexical “tell” é o segundo equivalente textual mais frequente de “dizer” e, na maioria das ocorrências, realiza troca dialógica de oferta de bens e serviços ou de informações. Em seguida, estão as ocorrências de “dizer” sem equivalente em ING, seguidas de ocorrências em que “dizer” é tradução de verbos que expressam informação circunstancial relacionada à maneira como se fala.

Em 24,9% das ocorrências de “say” o PROCESSO VERBAL é omitido na tradução, conforme ilustrado no Exemplo 16

Exemplo 16:

She held out her hand. 'I'm Dorothy Wynant. You don't remember me, but you ought to remember my father, Clyde Wynant. You - 'Sure,' I said , 'and I remember you now, but you were only a kid of eleven or twelve then, weren't you?'"	say → verbo lexical realizando PROCESSO VERBAL
Ela estendeu-me a mão, apresentando-se: - Sou Dorothy Wynant. O senhor não se recordará de mim, mas talvez se recorde de meu pai, Clyde Wynant ... - Como não? Ø E lembro-me perfeitamente da criança de onze ou doze anos que a senhorita era naquele tempo...	Ø → não há verbo lexical realizando PROCESSO VERBAL

Fonte: exemplo extraído de *The Thin Man*, 1934, 1936.

Isso se dá, provavelmente, devido a ocorrência de discurso direto livre ou citação sem oração projetante, como no exemplo em que no TO há um PROCESSO VERBAL realizado por “say” citando a fala do personagem, ao contrário do que ocorre no TT1. Essas ocorrências parecem corroborar Jesus (2008), Alves e Pagano (2016) e Pagano (2017): traduções para o PB frequentemente omitem, ou não retextualizam, ORAÇÕES de relato quando o verbo que o realiza no texto original é o do tipo mais genérico.

A categoria Ordem de Dizer, que classifica os PROCESSOS VERBAIS de acordo com a realização de PROJEÇÃO ou ATIVIDADE, tem maior frequência da opção PROJEÇÃO nos TOs, apontando para tendência similar à que encontrou Paula (2014). Nos TTs, a maioria das ocorrências de Ordem de Dizer realiza PROJEÇÃO do tipo citação, indicando a preferência no PB para a ocorrência de trocas dialógicas mais evidentes e criando a ilusão de presença parcial do narrador, quando os diálogos são citados e os falantes são identificados, conforme apresenta Rimmon-Kenan (2005). Essa ocorrência está ilustrada no Exemplo 17.

Exemplo 17: “O que é que o senhor diz, hein?”, **perguntou** Rocky a um homem que estava ali perto. (perguntar → realiza PROJEÇÃO do tipo citação; “O que é que o senhor diz, hein?”, → ORAÇÃO PROJETADA citada - TSH_TT2 amostra 4)

Além disso, a escolha majoritária dos verbos “say” e “dizer” coincide com a seleção predominante de citação, forma mais prototípica de realização de discurso direto, e de relato, confirmando Jesus (2008) e Pagano (2017). O segundo verbo que mais seleciona PROJEÇÃO do tipo citação é “ask” em ING e “perguntar” em PB, e o que mais seleciona PROJEÇÃO do tipo

relato é “tell” em ING e, novamente em PB, “perguntar”. Isso parece apontar para que, no sistema do ING, quando se explicita que o que se segue é uma pergunta, a tendência é para a citação da fala, criando a ilusão de mimese pura, ou seja, de ausência do narrador (RIMMON-KENAN, 2005), enquanto que no PB pode-se selecionar indistintamente as opções citação ou relato, com a presença menos ou mais evidente do narrador.

A seleção das opções de ATIVIDADE são as menos frequentes nos sistemas do ING e do PB, que operam de maneira análoga. A opção FALA é superior à frequência da opção ALVO, confirmando Paula (2014) e os verbos lexicais mais frequentes na seleção de ATIVIDADE são: na opção FALA “speak” e “falar” e para ALVO “call” e “acusar”. Os verbos prototípicos “say” e “dizer” ocorrem somente para opção FALA, mas não são os mais frequentes na ocorrência de ATIVIDADE. Isso indica uma provável limitação dos verbos mais genéricos para indicarem fala como ação, principalmente quando há seleção do PARTICIPANTE ALVO, já que nos dois sistemas “say” e “dizer” não são selecionados nessa opção.

O PARTICIPANTE RECEPTOR não é selecionado na maioria das ocorrências e, portanto, as ORAÇÕES VERBAIS nos TOs e nos TTs não indicam, prototipicamente, a quem ou a o que se dirige o PROCESSO VERBAL. Esses resultados estão de acordo com os das pesquisas de Paula (2014) e Guimarães (2015).

O tipo de Função Semântica das ORAÇÕES PROJETADAS é prioritariamente do tipo proposição. Isso significa que, em geral, nos TOs, bem como nos TTs, as ORAÇÕES projetadas indicam, majoritariamente, a troca de informação.

Os verbos lexicais nos TOs e nos TTs são na sua maioria do tipo membro geral, tendência similar a encontrada por Pagano (2017, p. 87): o padrão na literatura é da escolha desses verbos operando como PROCESSO VERBAL para representar a fala. Além disso, na maioria dos TOs, a frequência de ocorrência de membro geral supera a soma das ocorrências dos outros tipos de verbo. Isso, no entanto, não ocorre para os TOs LJ e WH. O que ocorre nos TTs é o contrário, os outros tipos de verbo somados ultrapassam a ocorrência de verbo tipo membro geral.

Nos TOs, os tipos de verbo mais selecionados seguindo a seleção majoritária de membro geral são, respectivamente: (2º) o Tipo de Verbo que indica informação circunstancial relacionada à maneira como se fala, (3º) o que expressa a demanda de bens e serviços ou informações, e (4º) o tipo que indica o turno de fala. Nos TTs, após membro geral, os tipos mais frequentes são:

(2º) verbo com característica circunstancial indicando o turno dialógico, (3º) o tipo que indica a maneira como se fala e (4º) verbo específico de demanda de bens e serviços ou informações. O que indica incongruência dos dois SISTEMAS (ING e PB) na seleção dos verbos lexicais, confirmando Matthiessen (2001) – quanto mais se avança em direção aos níveis mais delicados do SISTEMA, menos congruentes são os SISTEMAS.

O tipo de CIRCUNSTÂNCIA mais frequente acompanhando verbos membro geral é de modo-qualidade, ou seja, CIRCUNSTÂNCIAS que explicitam peculiaridades do PROCESSO, como ou de que maneira ele é realizado (BRAGA, 2016) tanto nos TOs, quanto nos TTs. Essa categoria tem baixa ocorrência em geral, o que indica que não há propensão para a seleção de CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbos prototípicos de representação da fala, sendo essa propensão ainda menor dentre os TTs.

Outros pontos em comum entre TOs e TTs são a ocorrência majoritária de correspondência formal na tradução de PROCESSOS VERBAIS e a baixa frequência do PARTICIPANTE ALVO em ING e em PB, de acordo com Guimarães (2015). O cruzamento mais frequente de Ordem de Dizer com Função Semântica nos dois SISTEMAS é PROJEÇÃO do tipo citação no modo imperativo e proposta, o que indica a congruência entre a seleção de proposta e o modo mais prototípico de realiza-la (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 514). No cruzamento da opção proposta com a categoria Recepção, a frequência de seleção de RECEPTOR é maior na seleção de proposição, em ambos SISTEMAS. Isso possivelmente indica que quando o PROCESSO VERBAL aponta a quem ou a o que ele se dirige, a ORAÇÃO PROJETADA realiza troca de informações. Os dois sistemas (ING e PB) têm a maior variedade lexical quando o Tipo de Verbo selecionado expressa informação circunstancial sobre o modo como se fala.

Percebe-se, portanto, que nos textos que compõem o *corpus*, de modo mais geral, os sistemas do ING e do PB funcionam de maneira similar. Isso pode ser um indício de que o texto do tipo “romance” se caracteriza pelos padrões de PROCESSO VERBAL descritos.

O que diferencia os sistemas é principalmente a maior variedade lexical nos TTs em relação aos TOs e a ordem de seleção de Tipo de Verbo, apontando que, possivelmente, um dos parâmetros relacionados ao público leitor da tradução é a realização, em PB, de PROCESSOS VERBAIS com verbos lexicais mais variados que em ING.

5.2 Padrões de representação da fala e diferenças metacontextuais entre primeiras traduções e retraduições

Os resultados obtidos em relação aos objetivos específicos de comparar os padrões de representação da fala entre primeiras traduções e retraduições e de identificar as diferenças metacontextuais entre os textos traduzidos são sintetizados e discutidos nesta subseção.

Halliday (1992) propõe que a construção dos significados em tradução – uma produção guiada – segue parâmetros contextuais que respeitam diretrizes ligadas ao público leitor da tradução e condicionam as escolhas linguísticas. As primeiras traduções e as retraduições estão submetidas aos seguintes parâmetros: as primeiras traduções introduziriam o texto fonte na cultura alvo, enquanto a retradução seria um retorno à cultura fonte (BERMAN, 1990) e, por isso, o contexto em que cada tarefa de tradução é executada é diferente. O contexto das traduções é influenciado pela edição do texto traduzido, pelo autor do texto original, pelo tradutor que realiza a tarefa, pelo papel que o texto terá na cultura alvo (PAGANO, 2017). Assim, as diferenças entre primeiras traduções (TT1s) e retraduições (TT2s), realizadas em contextos distintos e objetivando públicos leitores diferentes, estão demonstradas empiricamente nos resultados desta pesquisa.

Os TT1s analisados foram publicados na Era de Ouro da Tradução na América Latina, entre 1930-1950, momento histórico em houve a ascensão de uma nova classe consumidora interessada na leitura não só de “romances” clássicos, mas também dos contemporâneos. Esses textos foram traduzidos por escritores que também se dedicavam à tradução (TM, TSH, LJ) e por tradutores profissionais (ATTWN, GE e WH). Os projetos de tradução nesse período podiam ser considerados, segundo Pagano (2017), não apenas como traduções linguísticas, mas também “como tradução cultural da arte, conhecimento e informação”³⁸ (PAGANO, 2017, p. 94). A tradução era uma forma de apresentar autores estrangeiros escritos na língua local, incluí-los no repertório literário nacional (PAGANO, 2001, p. 183) e, ao mesmo tempo, uma forma de disponibilizar textos que refletiam as especificidades nacionais da língua alvo, conforme

³⁸ Nossa tradução para “as cultural translation of art, knowledge and information.” (PAGANO, 2017, p. 94).

aponta Pagano (2017, 2001). Esse novo público consumidor que se interessava por livros para seu entretenimento, por gêneros populares como os “romances policiais”, não tinha acesso à leitura de obras estrangeiras e nem possuía “habilidades de leitura consolidadas”³⁹ (PAGANO, 2017 p. 96), assim tradutores desse período se preocupavam com a fluência de suas traduções, ainda que tivessem que introduzir mudanças substanciais nelas.

De acordo com os resultados apresentados na seção anterior (4), percebe-se que nas relações de equivalência, os TT1s e TT2s têm comportamento distintos: em geral, as primeiras traduções (TT1s) têm maior frequência de mudança/*shift* e de não equivalência que os TT2s. Esses resultados aparentemente validariam a chamada hipótese de retradução proposta por Berman (1990), no entanto, há diferenças nas ocorrências nos “romances” analisados e não há uma regularidade nessa proximidade entre TT2s e TOs, como é o caso dos textos GE e ATTWN.

Considerando os verbos lexicais utilizados para a representação da fala, os TT1s, em geral, selecionam mais verbos lexicais variados (média de 1,7% a mais) e menos o verbo prototípico “dizer” (média de 2,6% a menos) que os TT2s. Essa é uma tendência contrária do que encontrou Pagano (2017).

Na relação de tradução a frequência de equivalência entre “say” e “dizer” é maior entre os TT2s e TOs (média de 29,1% a mais) que entre TT1s e TOs para os textos TM, THS e LJ. No entanto, nos textos ATTWN, GE, WH têm uma tendência distinta, a equivalência entre “say” e “dizer” é muito similar entre TT1s e TT2s.

A tendência de não retextualização em textos traduzidos, apresentada por Alves e Pagano (2016), não foi confirmada: o que se obteve é que os TT1s (76,9%) retextualizam os PROCESSOS VERBAIS com menor frequência que os TT2s (81,0%), mas a frequência geral de retextualização é alta (em média 78,0%). Isso pode indicar que a representação da fala nos TTs em geral se dá mais frequentemente utilizando PROCESSOS VERBAIS que utilizando outros recursos da língua.

Os resultados das categorias Ordem de Dizer, Recepção, Função Semântica, Tipo de Verbo e nível narrativo mostraram que a maioria dos TT1s selecionaram mais a subcategoria zero, quando não há equivalência com os TOs, sendo que em todas o GE_TT1 teve funcionamento

³⁹ Nossa tradução para: “consolidated reading skills” (PAGANO, 2017, p. 96).

diferente. Na categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA, a seleção da opção não aplicável também foi maior entre os TT1s, com GE_TT1 e WH_TT1 funcionando de maneira distinta também nessa categoria.

Há maior proximidade nos padrões de seleção de TT2s e TOs na Ordem de Dizer do tipo PROJEÇÃO (citação e relato), na subcategoria não recepção da categoria Recepção, na Função Semântica do tipo proposição e nos níveis narrativos 1 e 3. A proximidade na maioria das seleções das retraduições (TT2s) e dos textos originais (TOs) e da frequência de seleção da subcategoria zero das categorias mencionadas pelas primeiras traduções (TT1s) não é capaz confirmar empiricamente a chamada hipótese de Berman (1990), uma vez que há ocorrências distintas, como é o caso dos textos ATTNW_TT1 e GE_TT1.

Tendo em vista outros padrões de seleção que podem diferenciar TT1s e TT2s, é necessário pormenorizar as escolhas de algumas categorias. Na categoria Tipo de Verbo, a maior ocorrência do verbo membro geral é, na maioria dos textos, nos TT2s. Além disso, em todos os TT1s a soma das subcategorias Tipo de Verbo (exceto membro geral) supera a frequência de ocorrência de membro geral, ao contrário do que ocorre na maioria dos TOs. Isso pode apontar para uma tendência de os tradutores dos TT1s representarem a fala por meio de verbos lexicais que expressam a FUNÇÃO DISCURSIVA da troca dialógica, o turno de fala e o modo como a fala ocorre, numa “tentativa de explicitar a interação entre os personagens por meio dos verbos de elocução” (ALVES; PAGANO, 2016, p. 51) e possivelmente facilitar o acesso de um público pouco proficiente na leitura de textos ficcionais, uma vez que eram os responsáveis pela introdução dos textos na cultura alvo (BERMAN, 1990).

A terceira subcategoria de Tipo de Verbo mais selecionada dentre os TTs indica padrões de escolhas diferentes: os TT1s selecionam mais verbos que expressam informação circunstancial relacionada à maneira como se fala, ou seja, os PROCESSOS VERBAIS explicitam mais como se dão as falas. Os TT2s escolhem mais verbos que indicam a FUNÇÃO DISCURSIVA de demanda de bens e serviços ou informações e explicitam mais o objetivo das falas.

Em Ordem de Dizer, a maior frequência de PROJEÇÃO citação ocorre nos TT2s (em média 62,8%) em relação aos TT1s (em média 51,5%). No entanto, a seleção de PROJEÇÃO do tipo relato tem alta frequência de correspondência entre os TOs e os TT2s. Isso poderia indicar maior versatilidade na seleção de tipos de PROJEÇÃO entre as retraduições.

Ainda em relação a Ordem de Dizer, apesar de a subcategoria ATIVIDADE DE CONVERSA (o PROCESSO VERBAL indica a ação de dizer), ocorrer com maior frequência nos TT2s (exceto no TM_TT2), há maior proximidade entre TT1s e TOs. A subcategoria ATIVIDADE DE ALVO (indica a seleção do PARTICIPANTE ALVO) destoa da tendência de separação entre TT1s e TT2s, uma vez que nela os três textos (TOs, TT1s e TT2s) funcionam de forma similar.

Nos TT1s, a menor ocorrência de retextualização do verbo lexical e de PROJEÇÃO, aliada a maior ocorrência do PARTICIPANTE VERBIAGEM podem assinalar a tendência de maior presença do narrador (RIMMON-KENAN, 2005). Essa presença do narrador é linguisticamente evidenciada pela utilização verbos que indicam a ação de falar e pela nominalização do conteúdo do que é dito ou a natureza do PROCESSO VERBAL nas primeiras traduções.

A seleção do nível narrativo 2 é maior nos TT2s, principalmente nos textos ATTWN e WH, mas a diferença entre TT2s e TT1s é baixa, de 2,0% em média. Ainda sim, menor ocorrência de PROCESSOS VERBAIS nos níveis narrativos 2 nos TT1s pode ser justificada pela menor ocorrência de retextualização do verbo lexical nesses textos. Finalmente, a baixa frequência geral de mudança/*shift* na categoria nível narrativo indica que esse é um sistema pouco afetado na tradução, corroborando o que aponta Pagano (2017).

Observa-se, portanto, que mudanças/*shifts* locais, evidenciadas pelos aspectos linguísticos, indicam diferenças mais globais, ou seja, mudanças no contexto de cultura de cada texto produzido (PAGANO, 2017, p. 123). Isso quer dizer que as diferentes traduções, ou construções guiadas de significado, TT1s e TT2s, utilizam parâmetros – relacionados ao público leitor a que se destinam – que subordinam as escolhas linguísticas (HALLIDAY, 1992). Assim, textos direcionados a públicos distintos têm padrões linguísticos distintos, como é o caso dos PROCESSOS VERBAIS aqui analisados, porque o sistema linguístico está incorporado ao contexto (HALLIDAY e MATTHISSEN, 2014).

5.3 Impacto do gênero literário: “romances policiais” e “romances não policiais” nos padrões de representação da fala

Esta subseção visa expor o que se identificou sobre o impacto do gênero literário dos textos, “romances policiais” e “romances não policiais”, nas escolhas tradutórias de PROCESSOS VERBAIS, sintetizando e discutindo os resultados relacionados a esse objetivo específico. Os “romances” que compõem o *corpus* foram rotulados como “romances policiais” e “romances não policiais” para diferenciar esse segundo grupo de textos do primeiro, e porque não há um rótulo comum para esses últimos de acordo com a Literatura.

Os “romances policiais” são textos publicados originalmente em 1934 e 1935, enquanto os outros “romances” são mais antigos, publicados entre 1847 e 1900; portanto, essa é a primeira diferença contextual entre eles. Quanto às primeiras traduções dos “romances policiais” TM e TSH, elas foram traduzidas por escritores consagrados, Monteiro Lobato e Érico Veríssimo respectivamente, e ATTWN foi traduzido por um tradutor profissional, Leonel Vallandro. Os “romances não policiais” GE e WH foram traduzidos por tradutor profissional, respectivamente Alceu Masson e Oscar Mendes, enquanto LJ foi traduzido pelo escritor Mário Quintana. As retraduições de todos os “romances” foram realizadas por tradutores profissionais atuantes no mercado editorial brasileiro.

Distinções nas categorias linguísticas analisadas foram identificadas, confirmando parcialmente a separação entre “romances policiais” e “romances não policiais”. A categoria Equivalência, que sumariza a relação de todas as outras, aponta que há impacto do gênero literário nas escolhas linguísticas na tradução. Nas traduções de “romances policiais” há mais mudança/*shift* e não equivalência que em “romances não policiais” e, portanto, há mais ocorrência de correspondência formal nos “romances não policiais” que nos “romances policiais”.

Os resultados da análise de agrupamentos mostraram que possivelmente os rótulos “romances policiais” e “romances não policiais” não se aplicam linguisticamente. Isso porque há “romances não policiais” em dois agrupamentos distintos, da mesma forma que há textos “romances policiais” estão em dois agrupamentos diferentes. Assim, a análise de PROCESSOS VERBAIS não é capaz de confirmar a separação desses dois tipos de textos.

A média do número de ORAÇÕES VERBAIS analisadas por tipo de “romance” não corresponde ao que Pagano encontrou (2017, p. 89) sobre a maior frequência de instâncias de representação de fala ou diálogos em “romances” da literatura de massa (aqui considerados como correspondentes aos “romances policiais”) em relação aos textos dos chamados “romances” clássicos em inglês (aqui considerados como correspondentes aos “romances não policiais”). Neste *corpus*, a média do número de ORAÇÕES VERBAIS nos “romances não policiais” (129) supera o de “romances policiais” (123), no entanto, essa diferença é mínima, considerando-se que são números absolutos. Além disso, GE se destaca como o texto com o maior número de ORAÇÕES VERBAIS do *corpus* (150) e WH e TSH se sobressaem com os menores números de orações (107 e 109, respectivamente). O número de ORAÇÕES VERBAIS é correspondente para TOs e TTs, na maioria dos casos.

Considerando verbos lexicais, os TOs de TM e TSH, “romances policiais”, são caracterizados pela seleção majoritária do verbo “say”, de acordo com Pagano (2017), e pela baixa ocorrência de outros verbos lexicais (diferença entre os dois tipos: 52,0%), diferente do que ocorre com ATTWN. Os TTs de “romances policiais” têm maior variedade lexical que os TOs, “dizer” em média 24,8% e os outros verbos lexicais variados em média 30,2%, evidenciando, neste tipo de “romance”, a tendência de que em PB se emprega uma variedade maior de verbos de elocução, conforme apontam Paula (2014), Alves e Pagano (2016) e Pagano (2017).

Os TOs de LJ e WH, “romances não policiais”, também selecionam mais o verbo “say”. No entanto, a diferença do verbo “say” para os outros verbos lexicais é baixa (2,0%) e esses TOs selecionam maior frequência de verbos lexicais variados que os TTs. Os TTs desses “romances não policiais” têm ocorrência do verbo “dizer” (28,8%) inferior à dos outros verbos lexicais (55,6%). O que ocorre nos textos GE é diferente, TO e TTs selecionam mais verbos lexicais variados que o verbo “say”.

Ainda em relação aos verbos lexicais, a ocorrência geral (em TOs e TTs) de “say” e “dizer” é mais frequente entre os textos rotulados como “romances policiais” que entre os rotulados como “romances não policiais”. Os TOs, “romances policiais” (23,7%) têm menor frequência média de verbos lexicais variados que “romances não policiais” (33,5%).

Tendo em vista a frequência de correspondência entre “say” e “dizer”, nos “romances não policiais” (73,8%) essa ocorrência é mais alta que nos “romances policiais” (42,1%) indicando maior proximidade entre TOs e TTs de “romances não policiais”. Ademais, a frequência de

verbos lexicais variados nos “romances não policiais” (57%) é maior nos “romances policiais” (42,1%).

Enfocando a categoria Ordem Dizer, o que distingue os dois tipos de “romance” é a seleção maior de ATIVIDADE DE CONVERSA nos “romances não policiais”, indicando neles a tendência de utilizar-se PROCESSOS VERBAIS para explicitar a ação de falar maior que nos “romances policiais”. Em relação à Função Semântica, os “romances policiais” TM e TSH selecionam mais a opção proposta (diferença média de 4,0% para “romances não policiais”), diferente do que ocorre com ATTWN. A opção proposição destacou o GE como o mais distinto em seu tipo de “romance”.

Em Recepção não há distinções de realização entre os dois tipos de “romances”, portanto para esta pesquisa, essa não foi uma categoria produtiva para separá-los. Os “romances policiais”, na categoria Tipos de Verbo realizando PROCESSO VERBAL (salvo as subcategorias membro geral e zero – as mais selecionadas de modo geral), selecionam mais a opção de verbo de demanda de bens e serviços ou informações considerando TTs e TOs, no entanto, nos TTs a seleção do Tipo de Verbo que expressa turno de fala é superior. Dentre os “romances não policiais” as opções mais selecionadas considerando TTs e TOs são dos tipos de verbo expressando o turno de fala e o modo como se fala, no entanto, os TTs selecionam mais o primeiro tipo. Assim, “romances policiais” privilegiariam a indicação da FUNÇÃO DISCURSIVA, enquanto “romances não policiais” favoreceriam a indicação da cronologia e do modo de fala.

A seleção de verbo com característica circunstancial (indica cronologia da fala) corresponde ao segundo lugar nas seleções dos TTs em geral. Possivelmente, essa é uma característica de textos traduzidos e não só do tipo de “romance não policial”.

Tendo em vista a categoria membro geral + CIRCUNSTÂNCIA, percebe-se uma distinção entre os tipos de “romances”: “romances não policiais” selecionam uma variedade maior de CIRCUNSTÂNCIAS apesar de selecioná-las menos em números absolutos que os “romances policiais”. Provavelmente, isso se deve a que “romances policiais” selecionam mais verbos membro geral. Outra diferença é que, no segundo lugar das seleções, “romances não policiais” selecionam mais CIRCUNSTÂNCIAS de localização temporal e “romances policiais” selecionam mais CIRCUNSTÂNCIAS de modo-meio. Os “romances” que têm maior frequência de CIRCUNSTÂNCIAS acompanhando verbos membro geral são ATTWN e GE e o texto com menor frequência é WH.

Evidenciando tendência similar à de Pagano (2017), a ocorrência de PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 2 é superior em “romances não policiais” em relação aos “romances policiais”, sendo que o mesmo ocorre para o nível narrativo 3. Uma explicação possível é que as histórias dos “romances não policiais” do *corpus* envolvem a narração de fatos e episódios dentro da fala dos personagens, o que é menos frequente nos “romances policiais”.

5.3.1 Exceções

Conforme apontado anteriormente, não foi encontrado um padrão único de realização dos PROCESSOS VERBAIS para os textos rotulados como “romances policiais” e “romances não policiais”. Assim, em várias categorias analisadas foram percebidas exceções que fazem com que alguns “romances” se distingam de seu grupo, e aqui as explicitamos.

Dentre os “romances policiais”, *And Then There Were None* se destacou pela menor ocorrência do PARTICIPANTE RECEPTOR e de ORAÇÕES PROJETADAS com FUNÇÃO DISCURSIVA de troca de bens e serviços. Além disso, teve a mais alta ocorrência da subcategoria não aplicável de Tipo de Verbo, a maior ocorrência de CIRCUNSTÂNCIAS e a maior seleção do nível narrativo 2. ATTWN não selecionou o nível narrativo 3 e a proximidade entre TT1s e TT2s é maior que entre TOs e TT2s, contrariando a chamada hipótese de retradução de Berman (1990).

O TT1 de *Thin Man*, traduzido por Monteiro Lobato, é o texto com maior incidência de Função Semântica zero do *corpus*. Isso pode ser uma indicação das escolhas idiossincráticas desse tradutor que, segundo pesquisa de Alves e Pagano (2016), tende a realizar citações paratáticas projetadas com menor frequência que no TO que analisaram.

They Shoot Horses, don't they? é o texto que mais seleciona PARTICIPANTE RECEPTOR, ORAÇÕES PROJETADAS com FUNÇÃO DISCURSIVA de troca de bens e serviços e PROCESSO VERBAL realizado por verbo lexical do tipo membro geral. Isso significa que as trocas dialógicas neste texto frequentemente são direcionadas a um participante da interação (RECEPTOR) e estabelecem ofertas, ordens ou comandos.

Os “romances não policiais” agrupam textos que não recebem um rótulo único da Literatura. Isso poderia explicar o motivo da discrepância nos padrões dos três textos desse grupo, apesar de que entre os textos rotulados “romances policiais” os padrões também não são homogêneos.

Great Expectations é o texto que mais se destaca com a menor frequência de seleção do PARTICIPANTE RECEPTOR e a menor ocorrência da subcategoria zero em Função Semântica entre os três textos (TO, TT1 e TT2), o que indica alta frequência de ORAÇÕES PROJETADAS. Isso mostra que nesse texto os diálogos entre os personagens são mais frequentemente realizados como discurso direto e que poucas vezes são direcionados ao outro participante da interação. É o texto que mais seleciona e que tem a maior variedade de CIRCUNSTÂNCIAS. GE_TT1 tem a maior correspondência entre “say” e “dizer” e de outras categorias entre TO e TT1, portanto, também contraria a chamada hipótese de retradução de Berman (1990).

Wuthering Heighs é o texto de “romances não policiais” que nos TT1s tem maior frequência de PROJEÇÃO do tipo relato e menor ocorrência do PARTICIPANTE VERBIAGEM apontando para o maior controle do narrador sobre as falas dos personagens (RIMMON-KENAN, 2005). Tem a maior equivalência entre “say” e “dizer” entre o TO e o TT1 e a maior frequência de ocorrências no nível narrativo 2. Em todos os textos (TO, TT1 e TT2) tem menor ocorrência de CIRCUNSTÂNCIAS e a mais alta ocorrência do PARTICIPANTE RECEPTOR, ou seja, as trocas dialógicas frequentemente são direcionadas ao outro participante da interação.

Lord Jim é o texto que mais seleciona ATIVIDADE DE ALVO, ou seja, nessas trocas dialógicas há alta frequência de julgamento do participante a quem a mensagem é direcionada. É o texto que apresenta maior proximidade entre o TT1 e o TO, também contrariando o postulado da chamada hipótese de retradução. Além disso, é o que tem a maior ocorrência de PROCESSOS VERBAIS no nível narrativo 3, ou seja, de indicação de trocas dialógicas dentro das falas dos personagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar “romances” originais em inglês, suas primeiras traduções e retraduições em português brasileiro, tendo como base os significados estabelecidos por meio de PROCESSOS VERBAIS para representação da fala. A partir dessa análise buscou-se identificar os padrões de cada língua, de cada tipo de “romance” que compõe o *corpus* e como esses padrões refletem diferenças contextuais e metacontextuais. Portanto, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados.

O arcabouço teórico e a metodologia utilizados provaram ser eficientes e adequados para o desenvolvimento da pesquisa. Os desafios deste trabalho, no entanto, se relacionaram à organização da apresentação dos resultados, dado o número de dados, subcategorias e padrões a serem analisados e comparados, mas buscou-se a melhor disposição possível. Uma limitação encontrada foi na utilização de apenas duas subcategorias para a categoria Equivalência – possivelmente, haveria resultados mais precisos caso o *corpus* tivesse sido anotado com as subcategorias correspondência formal, mudança/*shift* e não equivalência, que facilitaria a captura dos casos em que não há equivalência textual, identificada apenas pelas subcategorias zero nas as categorias anotadas.

As comparações dos padrões de PROCESSOS VERBAIS nos TOs em ING e nos TTs em PB mostram a tendência de correspondência entre eles, ou seja, há uma congruência na construção dos significados relacionados à representação da fala nos dois sistemas, o que pode ser característica do tipo de texto que compõe o *corpus*. As incongruências dizem respeito ao polo mais delicado da lexicogramática: o léxico, demonstrando o que aponta Matthiessen (2001, p. 74), quanto mais amplo for o ambiente, mais congruentes serão as traduções porque as línguas terão mais correspondência entre elas em ESTRATOS mais elevados, enquanto que as traduções se tornam mais incongruentes à medida que o ambiente se torna mais estreito, ou seja, mais próximo aos ESTRATOS DO CONTEÚDO.

Os padrões de PROCESSOS VERBAIS em primeiras traduções e retraduições não foram conclusivos para determinar maior proximidade entre TT2s e TOs, impossibilitando a confirmação da tendência proposta pela chamada hipótese de retradução de Berman (1990) para este *corpus*. As diferenças nas relações de equivalência das categorias linguísticas refletem o contraste entre

os contextos de produção dos TT1s, na Era de Ouro da Tradução na América Latina (PAGANO, 2001), e dos TT2s nos anos 2000, e o contraste do público leitor alvo de cada tradução.

Entre “romances policiais” e “romances não policiais” alguns dos padrões de representação de fala realmente se diferenciam indicando, portanto, algum impacto do gênero literário nas seleções de ORAÇÕES VERBAIS. Há, no entanto, em cada grupo de “romances”, um texto que se destoa mais do restante: nos “romances policiais”, ATTWN e nos “romances não policiais”, GE. As diferenças nos padrões linguísticos também refletem a época em que cada tipo de “romance” foi publicado originalmente, ou seja, as distinções contextuais entre os textos.

Contatou-se que o rótulo “romance policial” sugerido pela instituição Literatura, provavelmente não tem base linguística, ou pelo menos não os padrões de PROCESSOS VERBAIS e devem haver outros padrões utilizados, que não os linguísticos, para rotular os textos. Esperava-se que haveria padrões semelhantes em textos com o mesmo rótulo, “romances policiais”, mas não é o que foi constatado empiricamente. Assim, pesquisas posteriores podem verificar se outros rótulos da Literatura e outros tipos de textos teriam realmente padrões linguísticos homogêneos indicando tendência oposta à dos resultados desta e contribuindo ainda mais para a ampliação de uma descrição sistêmica dos textos relacionados à ATIVIDADE SOCIOSEMIÓTICA RECRIAR.

Constatou-se que nem todas as categorias (e subcategorias) utilizadas nesta análise foram produtivas para a identificação de padrões de PROCESSOS VERBAIS neste *corpus*. Recepção, Função Semântica e o nível narrativo 1 tiveram alta congruência em todos os textos. Assim, um maior desenvolvimento na descrição do SISTEMA DO PROCESSO VERBAL seria necessário para verificar se é possível avançar na escala de DELICADEZA de algumas categorias ou, em pesquisas posteriores, pode-se focar mais o cruzamento das categorias.

Esta pesquisa, portanto, contribui para o campo dos Estudos da Tradução, oferecendo subsídios que podem ser utilizados para auxiliar na formação e desenvolvimento de tradutores, por trazer informações empíricas sobre padrões de PROCESSOS VERBAIS em inglês e em português brasileiro. Além disso, a comprovação resultados de estudos anteriores sobre a representação da fala e as novas informações empíricas sobre o tema podem contribuir para a ampliação da caracterização do SISTEMA ORAÇÕES VERBAIS.

REFERÊNCIAS

ALVES, D.; PAGANO, A. Com palavras minhas: a tradução de verbos de elocução neutros no corpus paralelo *The Adventures of Huckleberry Finn* — As aventuras de Huck. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 34-61, jan-abr 2016. ISSN ISSN 2175-7968.

BAL, M. **Narratology**. 3ª. ed. Toronto, Buffalo, Londres: University of Toronto Press, 2001.
BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, Paris, v. 4, 1990. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/596#quotation>>. Acesso em: 29 março 2018.

BRAGA, A. B. C. **O sistema de Transitividade no inglês e no português brasileiro [manuscrito]**: caracterização da função Circunstância com base em textos originais e traduzidos. Dissertação (mestrado). ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2016. 219 p.

BRONTE, E. **Wuthering Heights**. 2010. ed. [S.l.]: [s.n.], 1847. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/768>>. Acesso em: 02 Abril 2017.

BRONTE, E. **Morro dos ventos uivantes**. Tradução de Oscar Mendes. Porto Alegre: Editora Globo, 1938.

BRONTE, E. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: L&PM Pocket, 2011.

CARTFORD, J. C. Translation Shifts. In: CARTFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. 5th. ed. Oxford: Oxford University Press, 1978. p. 73-82. Publicado originalmente em 1965.

CHRISTIE, A. **And Then There Were None**. 1939. ed. [S.l.]: [s.n.], 1935. Disponível em: <file:///C:/Users/Thais/Downloads/_OceanofPDF.com_And_Then_There_Were_None.pdf>. Acesso em: 30 Setembro 2016.

CHRISTIE, A. **O caso dos dez negrinhos**. Tradução de Leonel Vallandro. 1976. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1942.

CHRISTIE, A. **E não sobrou nenhum**. Tradução de Renato Marques de Oliveira. [S.l.]: Editora Globo.

CONRAD, J. **Lord Jim**. [S.l.]: [s.n.], 1900. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/5658>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

CONRAD, J. **Lord Jim**. Tradução de Mário Quintana. 1971. ed. Porto Alegre: Globo, 1939. Acesso em: Coleção Os Imortais da Literatura Universal.

CONRAD, J. **Lord Jim; um romance**. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

DICKENS, C. **Great Expectations**. London: Chapman and Hall, 1861.

DICKENS, C. **Grandes Esperanças**. Tradução de Alceu Masson. Porto Alegre: Globo, 1942.

DICKENS, C. **Grandes Esperanças**. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FERREGUETTI, K. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro: um estudo baseado em corpus**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2014. Dissertação de Mestrado.

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Belo Horizonte: Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas, 2011. 383 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada).

FIGUEREDO, G. P.; ARAÚJO, C.; PAGANO, A. Principles underlying the experiential and the logical structures of the nominal group in Portuguese. **19TH EUROPEAN SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS CONFERENCE AND WORKSHOP**, Saarbrücken, 2008.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. 1ª reimpressão.

GUIMARÃES, T. T. **Processos verbais em traduções de romances policiais: uma busca por padrões em inglês e português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. 72 p. Monografia (Bacharelado em Letras).

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. [S.l.]: University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. Language Theory and Translation Practice. **Rivista internazionale di**, p. 15–25, 1992.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHISSEN, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th. ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014. ebook.

HAMMETT, D. **The thin man**. 1934. ed. Harmondsworth: Penguin, 1935.

HAMMETT, D. **A ceia dos acusados**. Tradução de Monteiro Lobato. 1984. ed. São Paulo: Abril, 1936. Coleção Série Negra.

HAMMETT, D. **O homem magro**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. **Translation Section of the Third International Congress of Applied Linguistics**, Copenhagen, 1972. 67-79.

JESUS, S. M. **Relações de tradução: SAY/DIZER** em corpora de textos ficcionais. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras/UFMG, 2008. 211 p. Tese de doutorado.

MALMKJAER, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburg University Press, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. The environments of translation. In: (EDS), I. S. E. & Y. C. **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin and New York.: Mouton De Gruyter, 2001. p. 41-124.

MCCOY, H. **They shoot horses, don't they?** 1995. ed. London/New York: Serpent's Tail, 1935.

MCCOY, H. **Mas não se mata cavalo?** Tradução de Érico Veríssimo. 1982. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1947. Coleção Tucano.

MCCOY, H. **A noite dos desesperados**. Tradução de Renato Pompeu. São Paulo: Sá Editora, 2000.

OLIVEIRA, T. M. V. D. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line - Prática - Pesquisa - Ensino**, São Paulo, v. 2, n. 3, julho/agosto/setembro 2001. ISSN ISSN 1517-7912. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm>. Acesso em: 19 julho 2018.

PAGANO, A. Something called books: translations and publishers' collections in the editorial booms in Argentina and Brazil from 1930 to 1950. **Crop (FFLCH/USP)**, v. 6, p. 171-194, 2001.

PAGANO, A. Contextual Approach to Translation Equivalence. In: LAVIOSA, S., et al. **Textual and Contextual Analysis in Empirical Translation Studies**. Singapore: Springer, 2017. Cap. 4, p. 73-127. New Frontiers in Translation Studies Series.

PAULA, A. A. D. **Estudo comparativo do processo verbal do par linguístico português brasileiro - inglês na história na história em quadrinhos da Turma da Mônica**. Mariana: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, 2014. 76 p. Monografia (Bacharelado em Tradução).

R Core Team (2017). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

REIMÃO, S. L. **O que é romance policial**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos.

REIS, E. A.; REIS, I. A. Análise Estatística Descritiva de Dados Estruturados. In: TORRES, H. D. C.; REIS, I. A.; (ORGANIZADORAS), A. S. P. **Empoderamento do pesquisador nas**

ciências da saúde. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. Cap. 8, p. 115-138. ISBN 978-85-7758-264-8 (online).

RIMMON-KENAN, S. Narration: levels and voices, Narration: speech representation. In: RIMMON-KENAN, S. **Narrative Fiction**. 2ª. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2005. Cap. 7 & 8, p. 89-108.

SÁ, A. M. **Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**. Belo Horizonte: Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Dissertação de Mestrado.

SHORT, S. A. M. **Corpus Stylistics - Speech, writing and thought presentation in a corpus of English writing**. London and New York: Routledge, 2004. ISBN ISBN 0-203-57142-8.

STEVICK, P. (Ed.). **The Theory of the Novel**. New York; London: The Free Press, 1967. 440 p. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7vyzny6>>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

TOOLAN, M. The articulation of narrative text I: time, focalization, narration. In: TOOLAN, M. **Narrative: a critical linguistic introduction**. 2ª. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2001. p. 41-79.

TROTTER, D. Introdução. In: DICKENS, C. **Grandes Esperanças**. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 8-16.

WU, C. Corpus-based research. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London; New York: Continuum, 2009. p. 128-142.

ANEXO A

Scripts desenvolvidos no ambiente de computacional R usados para as análises deste trabalho.

```
# PRELIMINARES:
rm(list=ls())
if(!require(xlsx)){install.packages("xlsx"); require(xlsx)}
if(!require(psych)){install.packages("psych"); require(psych)}

getwd()
setwd(choose.dir())

# DEFININDO AS PASTAS EM QUE ESTÃO OS ARQUIVOS ANOTADOS:

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE GREAT EXPECTATIONS?
GREAT_EXP <- choose.dir()
GREAT_EXP <- paste(GREAT_EXP,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE AGATHA CHRISTIE?
AGATHA_CHRISTIE <- choose.dir()
AGATHA_CHRISTIE <- paste(AGATHA_CHRISTIE,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE WUTHERING HEIGHTS?
WUT_HEI <- choose.dir()
WUT_HEI <- paste(WUT_HEI,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE LORD JIM?
LORD_JIM <- choose.dir()
LORD_JIM <- paste(LORD_JIM,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE THEY SHOOT HORSES?
THEY_SHOOT <- choose.dir()
THEY_SHOOT <- paste(THEY_SHOOT,"\\",sep="")

## ONDE ESTÃO OS DADOS DE THIN MAN?
THIN_MAN <- choose.dir()
THIN_MAN <- paste(THIN_MAN,"\\",sep="")

IMPORTACAO_PROCESSOS <- function (PASTA,ABA,COLUNAS,NOME,...) {
complete <- c()
filenames <- list.files(PASTA)

# para eliminar planilha vazia extra, se existente
arq_extra = grep("planilha",filenames)

if (length (arq_extra) > 0) {filenames = filenames[-arq_extra] }

# i = 1
#a = filenames[i]
```

```

for (a in filenames) { a <- paste(PASTA,a,sep="") data<-
read.xlsx(a,header=T,sheetIndex=ABA,colIndex=c(2:COLUNAS),
stringsAsFactors=F,encoding="UTF-8")
if(COLUNAS == 9) {colnames(data) <- c("verbal_clause","lexical_verb","order_of_saying",
"reception","semantic_function","type_of_verb","general_member+circumstance",
"nivel_narrativo")
data <- data.frame(data,equivalencia=NA,stringsAsFactors=F)
} else
{colnames(data) <- c("verbal_clause","lexical_verb","order_of_saying",
"reception","semantic_function","type_of_verb",
"general_member+circumstance","nivel_narrativo","equivalencia")
data$equivalencia <- gsub("Ãª","e",data$equivalencia)
data$equivalencia <- gsub("correspondencia","correspondencia", data$equivalencia)
data$equivalencia <- gsub("correspondencia","correspondencia", data$equivalencia)}
data$nivel_narrativo <- gsub("zero","level_ZERO",data$nivel_narrativo)
data$nivel_narrativo <- gsub("1","level_1",data$nivel_narrativo)
data$nivel_narrativo <- gsub("2","level_2",data$nivel_narrativo)
data$nivel_narrativo <- gsub("3","level_3",data$nivel_narrativo)
data$nivel_narrativo <- gsub("4","level_4",data$nivel_narrativo)
data$type_of_verb <- gsub("zero","type_of_verb_ZERO",data$type_of_verb)
#data$semantic_function <- gsub("zero","semantic_function_ZERO",
#data$semantic_function)
#data$reception <- gsub("zero","reception_ZERO",data$reception)
#data$order_of_saying <- gsub("zero","order_of_saying_ZERO", #data$order_of_saying)
data$order_of_saying <- gsub("semiosis_non_projecting_verbige",
"semiosis_non_projecting_verbiage", data$order_of_saying)
data$reception <- gsub("non-reception","non_reception",data$reception)
data$semantic_function <- gsub("propositon","proposition", data$semantic_function)
data$type_of_verb <- gsub("verb_circumstantial feature", "verb_circumstantial feature",
data$type_of_verb)
data$type_of_verb <- gsub("verb_circumstantial_feature", "verb_circumstantial feature",
data$type_of_verb)

data <- data[!apply(is.na(data)|data=="",1,all),]#remove linhas vazias

for(i in 4:dim(data)[2]) {data[,i] <- as.factor(data[,i])}

# adiciona coluna "text"
data <- data.frame(text=NOME,data,stringsAsFactors=T)

# junta os dados
if (length(complete) == 0) {complete<- rbind(complete,data)} else {
# seleciona as colunas de data que estão em complete
complete<- rbind(complete,data[,colnames(data) %in% colnames(complete)]) }

} # fim do else maior

return(complete)}

# IMPORTANDO OS DADOS DOS ARQUIVOS .XLSX:

## GREAT EXPECTATIONS:

### IMPORTANDO OS DADOS DE GREAT EXPECTATIONS - ORIGINAL INGLES:
GREAT_EXP_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS (GREAT_EXP,ABA=1,COLUNAS=9,

```

```

                                NOME="GREAT_EXP_INGLES")
str(GREAT_EXP_INGLES)

### IMPORTANDO OS DADOS DE GREAT EXPECTATIONS- TRAD1:
GREAT_EXP_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (GREAT_EXP,ABA=2,COLUNAS=10,
                                NOME="GREAT_EXP_TRAD1")
str(GREAT_EXP_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE GREAT EXPECTATIONS - TRAD2:
GREAT_EXP_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (GREAT_EXP,ABA=3,COLUNAS=10,
                                NOME="GREAT_EXP_TRAD2")
str(GREAT_EXP_TRAD2)

## AGATHA CHRISTIE:

### IMPORTANDO OS DADOS DE AGATHA CHRISTIE - ORIGINAL INGLES:
AGATHA_CHRISTIE_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(AGATHA_CHRISTIE,ABA=1,COLUNAS=9,
                                NOME="AGATHA_CHRISTIE_INGLES")
str(AGATHA_CHRISTIE_INGLES)

### IMPORTANDO OS DADOS DE AGATHA CHRISTIE - TRAD1:
AGATHA_CHRISTIE_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(AGATHA_CHRISTIE,ABA=2,COLUNAS=10,
                                NOME="AGATHA_CHRISTIE_TRAD1")
str(AGATHA_CHRISTIE_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE AGATHA CHRISTIE - TRAD2:
AGATHA_CHRISTIE_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS
(AGATHA_CHRISTIE,ABA=3,COLUNAS=10,
                                NOME="AGATHA_CHRISTIE_TRAD2")
str(AGATHA_CHRISTIE_TRAD2)

## WUTHERING HEIGHTS:

### IMPORTANDO OS DADOS DE WUTHERING HEIGHTS - ORIGINAL INGLES:
WUT_HEI_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS (WUT_HEI,ABA=1,COLUNAS=9,
                                NOME="WUT_HEI_INGLES")
str(WUT_HEI_INGLES)

### IMPORTANDO OS DADOS DE WUTHERING HEIGHTS - TRAD1:
WUT_HEI_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (WUT_HEI,ABA=2,COLUNAS=10,
                                NOME="WUT_HEI_TRAD1")
str(WUT_HEI_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE WUTHERING HEIGHTS - TRAD2:
WUT_HEI_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (WUT_HEI,ABA=3,COLUNAS=10,
                                NOME="WUT_HEI_TRAD2")
str(WUT_HEI_TRAD2)

### IMPORTANDO OS DADOS DE LORD JIM - INGLÊS:
LORD_JIM_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS (LORD_JIM,ABA=1,COLUNAS=9,
                                NOME="LORD_JIM_INGLES")
str(LORD_JIM_INGLES)

```

```

### IMPORTANDO OS DADOS DE LORD JIM - TRAD1:
LORD_JIM_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (LORD_JIM,ABA=2,COLUNAS=10,
                                         NOME="LORD_JIM_TRAD1")
str(LORD_JIM_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE LORD JIM - TRAD2:
LORD_JIM_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (LORD_JIM,ABA=3,COLUNAS=10,
                                         NOME="LORD_JIM_TRAD2")
str(LORD_JIM_TRAD2)

# THEY SHOOT HORSES:

### IMPORTANDO OS DADOS DE THEY SHOOT HORSES - INGLÊS:
THEY_SHOOT_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THEY_SHOOT,ABA=1,COLUNAS=9,
                                           NOME="THEY_SHOOT_INGLES")
str(THEY_SHOOT_INGLES)

### IMPORTANDO OS DADOS DE THEY SHOOT HORSES - TRAD1:
THEY_SHOOT_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THEY_SHOOT,ABA=2,COLUNAS=10,
                                           NOME="THEY_SHOOT_TRAD1")
str(THEY_SHOOT_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE THEY SHOOT HORSES - TRAD2:
THEY_SHOOT_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THEY_SHOOT,ABA=3,COLUNAS=10,
                                           NOME="THEY_SHOOT_TRAD2")
str(THEY_SHOOT_TRAD2)

## THIN MAN:

### IMPORTANDO OS DADOS DE THIN MAN - INGLÊS:
THIN_MAN_INGLES <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THIN_MAN,ABA=1,COLUNAS=9,
                                          NOME="THIN_MAN_INGLES")
str(THIN_MAN_INGLES)

### IMPORTANDO OS DADOS DE THIN MAN - RUBENS FIGUEIREDO:
THIN_MAN_TRAD1 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THIN_MAN,ABA=2,COLUNAS=10,
                                         NOME="THIN_MAN_TRAD1")
str(THIN_MAN_TRAD1)

### IMPORTANDO OS DADOS DE THIN MAN - MONTEIRO LOBATO:
THIN_MAN_TRAD2 <- IMPORTACAO_PROCESSOS (THIN_MAN,ABA=3,COLUNAS=10,
                                         NOME="THIN_MAN_TRAD2")
str(THIN_MAN_TRAD2)

# CRIANDO UM BANCO DE DADOS DENTRO DO R COM OS DADOS DE TODOS
# OS ARQUIVOS:

objetos <- ls(pattern="^[A-Z]+_[A-Z]+_[A-Z]+")
todos_os_objetos <- mget(objetos)
dados          <-          do.call(rbind,lapply(todos_os_objetos,          function(x)
x[match(names(todos_os_objetos[[1]],names(x))]))

## CONFERINDO OS DADOS:

str(dados)

```

```

fix(dados)

write.table(dados,"dados.txt",sep="\t",row.names=F)
#write.xlsx(dados,"dados.xlsx")

# CRIANDO UMA TABELA DE CONTINGÊNCIA COM OS DADOS DE TODOS OS TEXTOS:

CONTAGENS <- c()
for(i in 4:(dim(dados)[2])) {aux <- table(dados[,i], dados$text) CONTAGENS <-
rbind(CONTAGENS, aux) }

CONTAGENS <- t(CONTAGENS)

## CONFERINDO A TABELA:

CONTAGENS

str(CONTAGENS)

fix(CONTAGENS)

CONTAGENS_exp = data.frame(text=row.names(CONTAGENS),CONTAGENS)
row.names(CONTAGENS_exp) = NULL

CONTAGENS_exp

write.table(CONTAGENS_exp,"contagens.txt",sep="\t",row.names=F)
#write.xlsx(CONTAGENS_exp,"contagens.xlsx")

## ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA TABELA:

describe(CONTAGENS)

#DENDOGRAMA
# ANÁLISE MULTIVARIADA:

## Função para adicionar legendas aos dendrogramas

addTrans <- function(color,trans) {if (length(color)!=length(trans)&!any(c(length(color),length(trans))==1))
stop("Vector lengths not correct")
if (length(color)==1 & length(trans)>1) color <- rep(color,length(trans))
if (length(trans)==1 & length(color)>1) trans <- rep(trans,length(color))
num2hex <- function(x)
{ hex <- unlist(strsplit("0123456789ABCDEF",split="")) return(paste(hex[(x-
x%%16)/16+1],hex[x%%16+1],sep=""))}
rgb <- rbind(col2rgb(color),trans) res <-
paste("#",apply(apply(rgb,2,num2hex),2,paste,collapse=""),sep="")
return(res)}

## PADRONIZAÇÃO DOS DADOS:

standdados=scale(CONTAGENS,center=TRUE,scale=TRUE)
standdados=data.matrix(t(na.exclude(t(standdados))))

```

```

d <- dist(standdados, "euclidean", diag = TRUE, upper = TRUE)
d

## Método por ligação simples - Ward:
fit <- hclust(d,"ward.D")
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)), bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=3, border="red")

# CRIANDO UMA SEGUNDA TABELA DE CONTINGÊNCIA COM OS DADOS DE TODOS OS
TEXTOS
# SEPARADOS POR TEXTO E EQUIVALÊNCIA:

# processa os dados retirando as 3 primeiras colunas, mais a equivalencia,
#para comparar com a equivalencia

CONTAGENS_AUX <- aggregate(.~dados$text+dados$equivalencia, dados[,-c(1,2,3,10)],table)
CONTAGENS2 <- data.frame(unlist(CONTAGENS_AUX$order_of_saying),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$reception),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$semantic_function),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$general_member.circumstance),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$type_of_verb),
                        unlist(CONTAGENS_AUX$nivel_narrativo))
rownames(CONTAGENS2) <- paste(CONTAGENS_AUX[,1],CONTAGENS_AUX[,2],sep="_")

## CONFERINDO A SEGUNDA TABELA:

CONTAGENS2

colnames(CONTAGENS2) <- colnames(CONTAGENS)[1:ncol(CONTAGENS2)]

str(CONTAGENS2)

fix(CONTAGENS2)
#write.xlsx(CONTAGENS2,"contagens_correp_shift.xlsx")

#DENDOGRAMA
## PADRONIZAÇÃO DOS DADOS:

standdados=scale(CONTAGENS2,center=TRUE,scale=TRUE)
standdados=data.matrix(t(na.exclude(t(standdados))))
d <- dist(standdados, "euclidean", diag = TRUE, upper = TRUE)
d

## Método por ligação simples - Ward:
fit <- hclust(d,"ward.D")
plot(fit)
legend("topright", legend=c("Nível",round(fit$height,4)),
      bty="n",text.col=addTrans("red",100))
rect.hclust(fit, k=4, border="red")

##### Fim do script #####

```